UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

MARIA GALRÃO RIOS

Casais sem filhos por opção: análise psicanalítica através de entrevistas e TAT

São Paulo
2007

MARIA GALRÃO RIOS

Casais sem filhos por opção: análise psicanalítica através de entrevistas e TAT

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para a obtenção do título de
Mestre em Psicologia

Área de Concentração: Psicologia Clínica

Orientadora: Prof^a. Associada Isabel Cristina Gomes

São Paulo
2007

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Rios, Maria Galvão.

Casais sem filhos por opção: análise psicanalítica através de entrevistas e TAT / Maria Galvão Rios; orientadora Isabel Cristina Gomes. -- São Paulo, 2007.

183p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Não-maternidade 2. Relações conjugais 3. Estrutura familiar 4. Tomada de decisão 5. Teste de apercepção temática 6. Entrevistas I. Título.

HQ755.8

FOLHA DE APROVAÇÃO

Maria Galvão Rios

Casais sem filhos por opção: análise psicanalítica através de entrevistas e TAT

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo para a obtenção do
título de Mestre em Psicologia

Área de Concentração: Psicologia Clínica

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof.Dr.....

Instituição:..... Assinatura:.....

Prof.Dr.....

Instituição:..... Assinatura:.....

Prof.Dr.....

Instituição:..... Assinatura:.....

Aos meus avós: Francisca e Iolanda, pelo amor e pelo exemplo de cursar a USP em um contexto tão diferente do atual; Antônio Carlos e Lauro, pelas doces memórias e pela excelência que alcançaram em suas profissões... E na criação de seus filhos.

AGRADECIMENTOS

À Isabel Cristina Gomes, pela orientação, pela enorme ajuda e continência, desde a graduação, e em todos os momentos deste trabalho.

A todos os casais que comigo dividiram uma parte de suas histórias, tornando possível a realização deste projeto.

À Eliana Herzberg, professora de “Metodologia”, pelas preciosas contribuições ao projeto, e a Belinda Mandelbaum e Maria de Fátima Araújo, pelas esclarecedoras críticas e sugestões no Exame de Qualificação.

À CAPES, pela concessão da bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

À Renata, colega, parceira e amiga, por me mostrar tantas vezes o caminho, e a Sandra, Maíra, Maria Ângela e Lúcia que, mais do que acompanhar, me fizeram companhia neste percurso. Agradeço também a todos os membros do “Laboratório Casal e Família: clínica e estudos psicossociais”, pelas reflexões constantes que tanto me ajudaram.

Ao Arnaldo, meu terapeuta, por acolher tantas angústias em relação a este projeto.

À Renata e ao Théo, pela solidez de nossa amizade, por continuarmos a crescer, juntos, depois de tantos anos...

Ao Danilo, pela ajuda na formatação em tantos momentos do trabalho, por sua presença e pela paz que ela proporciona.

À minha família, em especial à Helena, por tudo o que dividimos, e a meus pais, Ana e Domingos, pelo amor, por cada pedaço do que eu sou e do que venho construindo.

RESUMO

RIOS, M. G. *Casais sem filhos por opção: análise psicanalítica através de entrevistas e TAT*. 2007. 184p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

Novas configurações familiares ganham espaço e visibilidade na sociedade contemporânea e aumenta o número de pessoas que opta pela não-maternidade/paternidade. O objetivo geral desta pesquisa é o de investigar as motivações conscientes e inconscientes que levam os casais heterossexuais a escolherem não ter filhos. Os participantes foram três casais sem filhos por opção, com idades entre 38 e 49 anos, sendo que as mulheres, em fase próxima ao final da possibilidade de reprodução, localizavam-se na faixa entre 41 e 44 anos. Eram casais da população não-clínica, com mais de oito anos de escolaridade, casados há, no mínimo, quatro anos. Com base na metodologia clínica-qualitativa, foram utilizados, como instrumentos, uma entrevista semi-dirigida com os dois membros do par conjuntamente e a aplicação individual das pranchas I, II, IV, V, VII MF (para as mulheres), X e XVI do TAT, analisados de acordo com o referencial da psicanálise, adotando-se, em especial, a psicanálise das configurações vinculares como referência teórica. As principais motivações declaradas pelos casais para a ausência voluntária de filhos envolvem um estilo de vida orientado para o mundo adulto, objetivos relacionados à carreira e ao desenvolvimento profissional, prioridade dada à satisfação conjugal, experiência com modelos de parentalidade, fatores de personalidade e de habilidade parental, entre outros. Em relação aos tipos de vinculação estabelecidos, observa-se uma variedade, enfatizando-se a singularidade de cada caso,

havendo, entretanto, possibilidade de criatividade, desenvolvimento e flexibilidade. A tomada da decisão por não procriar mostra-se consensual ao menos em nível consciente, além de ser atravessada pelas experiências geracionais nas famílias de origem. É possível, também, um relacionamento positivo e satisfatório daqueles que optam por não ter filhos com suas profissões. Percebe-se o quanto a experiência da opção pela não-parentalidade é multideterminada e pode envolver diferentes níveis de ambivalência ou de conflito, assim como variadas maneiras de lidar com eles. Conclui-se, portanto, sobre a importância de se pensar a profundidade da experiência de cada casal em toda a sua complexidade, verificando-se que, mesmo que as motivações declaradas tenham sido semelhantes, o interjogo inconsciente que leva a esta escolha é sempre único.

Palavras-chave: Não-maternidade; Relações conjugais; Estrutura familiar; Tomada de decisão; Teste de Apercepção Temática, Entrevistas.

ABSTRACT

RIOS, M.G. *Voluntarily childless couples: psychoanalytical analysis through interviews and TAT*. 2007. 184 p. Masters Dissertation. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

Distinctive familial configurations are gaining ground and legitimacy in contemporary society, and voluntary childlessness is increasing more and more. The general aim of this study is to investigate conscious and unconscious motivations leading couples to choose childlessness. The participants were three heterosexual childfree couples, aged from 38 to 49, and in which women neared the end of fecundity capacity, ages 41 to 44. These couples were selected from the non-clinical population, had eight years or more of education, and were married for at least four years. Based on the clinical-qualitative methodology, the instruments used were semi-directed interview with both members of the couple together, and the individual application of the following TAT pictures: I, II, IV, V, VII (women only), X and XVI, analyzed from a psychoanalytical reference. The particular theory adopted was the psychoanalysis of attachment configurations. The couples' reported main motivations for childlessness involved: an adult-oriented lifestyle, career and professional goals, the priority given to the marital satisfaction, personality and parenting styles and skills, etc. It was observed a variety of kinds of marital rapport established by the couples, and the singularity in each case was emphasized. In the rapports, however, it was verified the possibility of creativity, development and flexibility. The decision-making process seemed to be consensual, at least at the conscious level, being also influenced by the

generational experiences of the families of origin. In addition, it was observed that those childless by choice couples had a positive relationship with their professions. The study points at the many-sided quality of the experience of voluntary childlessness, which involves a wide range of ambiguity and conflict, and various ways of dealing with them. Therefore, it was concluded that it is important to consider the depth of the experience for each couple, taking into account all of its complexity. Even if the reported motivations were similar, the unconscious circumstances that lead to that choice might be unique.

Key words: Childlessness; Marital relations; Family structure; Decision making; Thematic apperception test; Interviews.

SUMÁRIO

I.	INTRODUÇÃO.....	12
1.	A origem.....	12
2.	Panorama atual e contextualização do tema.....	13
II.	A OPÇÃO POR NÃO TER FILHOS.....	26
1.	Aspectos gerais.....	26
2.	Ausência voluntária de filhos: algumas determinações.....	29
3.	Qualidade de vida e de relacionamento conjugal em casais sem filhos por opção	37
4.	Visão social e preconceito em relação à não-procriação	42
III.	REFERENCIAL TEÓRICO.....	45
IV.	OBJETIVO E JUSTIFICATIVA	53
1.	Objetivo Geral	53
2.	Objetivos Específicos	53
3.	Justificativa.....	54
V.	MÉTODO	56
1.	Participantes	57
2.	Instrumentos	60
3.	Procedimentos	62
4.	Análise dos dados	63
VI.	RESULTADOS	65
1.	Casal A:	65
2.	Casal B:	81
3.	Casal C:	99
VII.	DISCUSSÃO	118

VIII. CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS	139
ANEXOS.....	150

I. INTRODUÇÃO

1. A origem

A inspiração para a realização deste estudo surgiu a partir da experiência de atendimento a casais, durante minha graduação, no Instituto de Psicologia da USP. O projeto do qual fazia parte envolvia o atendimento a casais, que procurassem a Clínica Psicológica Durval Marcondes em virtude de uma demanda localizada nos filhos, de acordo com referencial teórico exposto por Gomes (2006), que leva em consideração a natureza da relação conjugal, o entendimento do tipo de escolha, consciente e inconsciente entre os parceiros e a manutenção do vínculo conjugal, considerando os aspectos transgeracionais e a psicopatologia das relações, tendo como base os referenciais de Freud, Winnicott, a Psicanálise Vincular e estudos psicossociais.

Ao todo, realizei o acompanhamento psicológico de quatro casais, sem chegar a avaliar nenhum dos filhos, intervenção que não se fez necessária em nenhum dos casos, já que ficou muito claro que os sintomas apresentados pelas crianças eram decorrentes da dinâmica estabelecida pelos pais.

Nas supervisões dos atendimentos, eram realizadas também discussões teóricas acerca do entendimento psicanalítico da relação conjugal, que muito me interessaram, assim como reflexões acerca das transformações sofridas pela família contemporânea.

A experiência com casais que depositam sua demanda por atendimento psicológico nos filhos motivou-me a estudar aqueles casais que optam por não tê-los. Quais seriam suas demandas? Como se estabelece o relacionamento conjugal? Qual a motivação que leva os

casais a optarem por não ter filhos? Seria esta motivação relacionada ao tipo de dinâmica conjugal estabelecida? Como um entendimento maior deste tipo de experiência pode ser útil para a clínica de casais em geral?

A estas diversas questões soma-se o fato de esta ser uma configuração familiar crescente na sociedade atual, muitas vezes mal-vista e ainda pouco estudada no Brasil em comparação com países estrangeiros. Há, ainda, um crescente interesse da mídia pelo tema, com reportagens em revistas e jornais de grande circulação para diversos públicos alvo, como Revista da Folha (2002), Revista Época (2005), Revista Trip para Mulheres (2005), Folha de São Paulo (2006), Revista Cláudia (2007a, 2007b) e Jornal da Tarde (2007), o que o torna cada vez mais visível. Por tudo isso, emergiu em mim uma inquietude por um estudo aprofundado do tema e pelo desenvolvimento da presente pesquisa.

2. Panorama atual e contextualização do tema

A ausência voluntária de filhos, fenômeno ocidental, vem aumentando em diversos países do mundo. Há, porém, uma grande dificuldade em se obter dados que digam respeito especificamente à opção por não ter filhos, como explicitam Stöbel-Richter, Beutel, Finck e Bräler (2005), e também Park (2005), uma vez que haveria a necessidade de se distinguir, nos levantamentos estatísticos, entre a ausência voluntária e involuntária de filhos, se a não-maternidade/paternidade é consumada ou se diz respeito a uma expectativa, se é apenas uma circunstância em que se encontram as pessoas na época da coleta de dados. Além disso, tais dados deveriam apresentar também um controle relativo às diferentes situações conjugais, além do gênero das pessoas envolvidas com o fenômeno.

Abma e Martinez (2006) discutem o fato de que o fenômeno da ausência voluntária de filhos cresceu nos Estados Unidos entre os anos de 1982 (5%) e 1988 (8%), estabilizando-se até 1995 (9%), passando por um leve decréscimo em 2002 (7%). Em 1988, 18,4% das mulheres americanas, casadas e em idade reprodutiva, não tinham filhos. Entre as mulheres em idade reprodutiva, 6,6% se declaravam voluntariamente não-mães. (AMERICAN DEMOGRAPHICS, 2001).

Hewlett (2002) aponta para a quantidade de mulheres que abrem mão da maternidade em prol do desenvolvimento profissional, apresentando o dado de que um terço das empresárias americanas mais bem sucedidas não têm filhos, mesmo que manifestem o desejo por tê-los. Já Lee e Gramotnev (2006) trazem o resultado de que 9% das mulheres australianas manifestam o desejo de nunca se tornarem mães, enquanto, na Alemanha, 10% das pessoas não querem filhos, porcentagem que sobe para 41% no subgrupo das mulheres com nível universitário (STOBËL-RICHTER et al, 2005).

Verificam-se também outros dados significativos e interessantes, em que não há a diferenciação entre ausência voluntária ou involuntária de filhos: já em 1991, 12% das mulheres canadenses com idade entre 55 e 59 anos não tinham filhos, assim como aproximadamente 20% da população idosa feminina americana (WU; HART, 2002). Na Austrália, em 1997, 11% das mulheres e 14% dos homens entre 45 e 54 anos não teriam filhos (PARR, 2005). Hewlett (2002) apresenta o dado de que 59% das executivas americanas não eram mães, enquanto os não pais eram 29%.

No Brasil, verificam-se as seguintes constatações, disponíveis no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (www.ibge.gov.br), que dizem respeito às Sínteses de Indicadores Sociais divulgadas a cada ano:

No ano de 2006, por exemplo, 29,71% das mulheres com mais de quinze anos no nosso país nunca haviam engravidado, independentemente de nível sócio-econômico ou área

de habitação. Quando se analisa a faixa de idade entre 40 e 44 anos, este número é de 11,19%, sendo que, nas áreas urbanas, sobe para 11,83%. Entre as mulheres com mais de 45 anos, residentes em área urbana, 10,14% não haviam engravidado. Estes dados não levam em conta se a ausência de filhos é voluntária ou não, ou se é decorrente de infertilidade.

De acordo com dados do IBGE, a família tradicional – composta pelo casal com filhos –, caiu de quase 60%, em 1992, para 55%, em 1999, 51,5% em 2003, 50% em 2005, e 49,4% dos arranjos familiares residentes em domicílio particular em 2006, ao mesmo tempo em que aumentou a proporção de outros tipos de composição familiar: de mulheres sem cônjuge e com filhos (de 15,1% para 17,1%, 18,1% , 18,1% e 18,1% respectivamente) e de casais sem filhos (de 12,9% para 13,6%, 14,4% , 15,1% e 15,6%, respectivamente).

Deve-se ter em mente, entretanto, em uma reflexão sobre estes dados, que estes foram obtidos através das PNADs – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. O conceito de família adotado, explicitado em nota técnica, refere-se ao conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência, que residem na mesma unidade domiciliar e, também, à pessoa que mora só em uma unidade domiciliar. Esta definição é relevante para o tema aqui estudado na medida em que os dados que envolvem casais sem filhos dizem respeito aos casais *que moram* sem filhos, o que não implica a não existência destes. Um outro importante ponto a se ter em mente, é que, mesmo nos casos de casais que não possuem filhos, não se leva em conta o fato de isto se dar voluntariamente ou não, ou se as pessoas ainda pretendem tê-los.

Sabe-se, entretanto, que em meio a tantas desigualdades e especificidades sociais econômicas e culturais, fica difícil pensar a existência de uma única realidade brasileira.

Em relação ao assunto específico “casais sem filhos”, a disparidade e a maior concentração de casais sem filhos nas regiões Sudeste e Sul podem ser comprovadas a partir da seguinte comparação: ainda de acordo com os dados da Fundação IBGE, na região

Sudeste, em 1992, 13,1% dos tipos de família correspondia a casais sem filhos. Em 1999, esta proporção correspondia a 14,0% e, em 2003, a 14,6%. Já em 2005, correspondia a 15,4% dos arranjos familiares e, em 2006, a 15,7%. Na região Sul, os dados correspondentes são de 15,0%, 15,5%, 17,4%, 18% e 18,6%, respectivamente. Já na região Nordeste, 11,9%, 12,2%, 12,6%, 13,4% e 13,9%. Na região Norte, 10,2%, 10,1%, 11,4%, 13,4% e 13,3%, respectivamente.

Verifica-se, também, que a fecundidade é menor nas famílias com maior rendimento familiar per capita. Nas famílias com rendimento *per capita* de até um quarto de salário mínimo, de acordo com dados relativos a 2003, a média de filhos é de 2,7. Já naquelas com rendimento *per capita* superior a cinco salários, é de 0,8. Outro dado relevante é a associação entre aumento de escolaridade e diminuição no número de filhos: no Brasil, em 2005, em que a taxa total de fertilidade foi de 2,1, percebe-se que, em caso de mulheres com até três anos de estudo esta taxa foi de 4,0, enquanto no caso de mulheres com mais de 8 anos de estudo foi de 1,5.

Apenas uma informação sobre a configuração de “casais sem filhos” foi encontrada em um estudo especial da Fundação Seade, de 1995. Uma estatística disponível de 1994 mostra que, dentro dos 10,7% dos tipos de arranjo familiar na região metropolitana de São Paulo formado pelos casais sem filhos, na época, 40,4% era composto por jovens, 10,8% por população adulta e 48,8% por população velha.

Pode-se perceber, frente aos dados apresentados, a relevância do estudo da população sem filhos, que envolve aqueles que não os têm por opção, no contexto das mudanças ocorridas na família brasileira nas últimas décadas.

A família, assim como o casamento, a maternidade e a paternidade, tem sofrido diversas transformações ao longo da história. A família tradicional cede lugar a novas configurações familiares, que se tornam mais visíveis e exigem legitimidade e maior aceitação

por parte da sociedade. A família atual pode ser, além de nuclear, monoparental, homoparental, recomposta, desconstruída, gerada artificialmente, entre tantas possibilidades.

Jablonsky (2003) sintetiza as idéias de Doherty (1992, citado por JABLONSKY, 2003) sobre as transformações na família e sobre o fato de, no século XX, coexistirem três tipos de família: a família tradicional, caracterizada pela produção econômica conjunta, autoridade paterna, casamento com ênfase em seus aspectos funcionais e conexões com a comunidade e com os parentes; a família moderna ou psicológica, atravessada pelos valores mais individualistas, caracterizada pela mobilidade, por ser mais nuclear, menos ligada à comunidade, mais igualitária e centrada nos sentimentos e na afeição; e a família pluralística, que diz respeito à aceitação e à convivência de várias formas de arranjos não tradicionais.

Refletindo sobre as metamorfoses do grupo familiar, Passos (2003) afirma que:

configurações familiares vêm se transformando, passando de modelos preponderantemente hierárquicos, verticais, a modelos horizontais. Contudo, mantém-se inalterado o princípio organizador da grupalidade, ou seja, o investimento afetivo que estrutura os vínculos. (p.83)

Roudinesco (2003) aborda a tentativa de normatização dos casais homossexuais que querem filhos, ou seja, o desejo por uma integração na ordem familiar com a qual haviam rompido, e o choque que isso gera na sociedade. A partir daí, realiza uma profunda reflexão sobre as transformações sofridas pela família, especialmente a ruptura da soberania divina do pai e a irrupção do feminino. Em relação ao casamento contemporâneo, a autora conclui:

Despojado dos ornamentos de sua antiga sacralidade, o casamento, em constante declínio, tornou-se um modo de conjugalidade afetiva pelo qual cônjuges – *que às vezes escolhem não ser pais* – se protegem dos eventuais atos perniciosos de suas respectivas famílias ou das desordens do mundo exterior. (p. 197, grifo nosso).

Acerca das mudanças sofridas no casamento, verifica-se a construção historicamente determinada de uma conjugalidade pautada na afetividade, nas escolhas subjetivas pessoais e no desejo, em oposição a um casamento “destino”.

Gomes, P. B. (2003) traça um panorama das modificações no casamento no Ocidente. Iniciando desde a época romana, aponta para um incremento de liberdade civil no estatuto da mulher na Roma cristã. Depois, segundo a autora, com a chegada das tribos germânicas, dá-se uma composição – desigual nas diferentes regiões da Europa – do direito romano mesclado ao dos conquistadores, o que culmina com um relativo retrocesso da liberação feminina, em comparação à Antiguidade. A mulher da Alta Idade Média teria passado então a depender do marido para gerir seus bens, sendo que as mulheres nos séculos VI e VII estavam, ou solteiras sujeitas ao pai, ou sob o comando do marido. Ainda segundo a autora, casos de poligenia e poligamia eram freqüentes, principalmente na corte merovíngia. Havia o direito ao divórcio por mútuo consentimento, mas, na prática, as leis favoreciam ao homem. Na época carolíngia há uma mudança de cenário, pela incorporação, determinada por fatores políticos, do casamento pelo âmbito católico.

O casamento, antes secular, passa a ser teocrático, caracterizando-se pela absoluta indissolubilidade do contrato, pelas prescrições sobre o incesto e por outros impedimentos religiosos ao laço matrimonial. Acelera-se o processo de cristianização da nupcialidade, excluindo-se os costumes germânicos do divórcio consensual, da poligenia e do concubinato. No final do século X, o casamento cristão, monogâmico e indissolúvel já é uma realidade. O modelo do amor cortês é introduzido nas cortes medievais no século XII, inserindo-se e generalizando-se nas relações homem-mulher. Nas palavras da autora: “o amor cortês teve função a um tempo controladora e conservadora, em uma sociedade repressiva, em termos sexuais e hierárquicos, e também, paradoxalmente, inovadora no que concerne aos modos de

tratamento mútuo do casal” (p.20). Gomes (2003) enfatiza, entretanto, que a existência da poética trovadora não permite concluir que o sexo feminino fosse liberado ou emancipado. A autora chama a atenção, então, para algumas mudanças que vieram a ocorrer na Baixa Idade Média, quando algumas mulheres pioneiras ousaram inverter simbolicamente a ordem hierárquica da submissão feminina ao homem.

O amor romântico, ainda segundo a autora, herdeiro do amor cortês, teria sido ironicamente um dispositivo social de controle e disciplina para os tempos de paz. A partir de então, o sonho da união conjugal institucional acoplada à união amorosa por livre escolha tornou-se parte fundamental do conceito ocidental de casamento. A vertente romântica seria incrementada com a invenção literária do romance, que focaliza o indivíduo e suas angústias. Nas palavras da autora: “à vertente romântica, outras irão se acrescentar nos níveis conscientes e inconscientes do contrato de casamento, como, por exemplo, as dimensões de *locus* preferencial de realização da sexualidade e da individualidade” (p. 23). A celebração máxima do mito do amor romântico dá-se na metade do século XX, quando os casamentos passaram a ser estáveis, a família nuclear se fortaleceu, a mulher ficou destinada ao lar e aos cuidados dos filhos, tendo o homem como único provedor. O foco de investimento amoroso e econômico dirige-se às crianças, vistas, como nunca antes, como patrimônio e preciosidade social. Foi o advento da industrialização maciça que fez com que as fábricas arregimentassem o trabalho masculino, iniciando-se o costume social de a mulher ficar restrita ao âmbito doméstico e o homem ao público. Conclui a autora que:

Embora constrangido por questões de necessidade e de sobrevivência, por um lado, e de leis de transmissão de bens e títulos com a conseqüente dependência e obediência ao desejo dos pais, por outro lado, o casamento por amor é documentado e decantado ao longo deste período, sendo reforçado pelo advento e consolidação da Reforma [...], pela valorização crescente do individualismo [...], e atinge seu ápice no meio do século XX

[...] para então começar um declínio generalizado, pelo menos no que tange ao modelo monogâmico do parceiro ideal, pleno, insubstituível e duradouro. (p.26)

De acordo com Mansur (2003), as fronteiras entre o espaço da família e o espaço do trabalho vêm sendo redefinidas no século XXI, o que provoca uma falência no modelo de conjugalidade convencional. Em suas palavras:

Acompanhando as transformações dos desejos e necessidades humanos, lugares sociais pré-determinados e caminhos naturalizados deixaram de ordenar o destino feminino, que se tornou imprevisível. Assim, correndo riscos e enfrentando as dúvidas inerentes ao governo de si mesmas, as mulheres estão diante da possibilidade de se auto-inventar, e, no jogo de espelhos sócio-cultural, produzir imagens inéditas. (p. 21)

Nesta discussão acerca dos caminhos da família e do casamento, cabe um aprofundamento em dois aspectos, intimamente relacionados, que estão no âmago destas transformações: a dissociação entre sexualidade e procriação, assim como a que se deu entre maternidade e feminilidade.

Para Mezan (2003), o fato essencial ao se discutir as mudanças no casamento foi a invenção da pílula anticoncepcional e a alteração nos costumes sexuais que ela tornou possível. Inclui nessa discussão a “contestação da autoridade e da hierarquia, cujos reflexos no plano conjugal são a nova distribuição dos papéis de gênero e as conseqüências profundas que ela acarreta no nível dos comportamentos, das representações e das identificações” (p.163). É inegável que a dissociação entre sexualidade e procriação permitida com o desenvolvimento dos métodos contraceptivos deixou marcas profundas nos laços contemporâneos.

Neste cenário de dissociação, os avanços da medicina permitiram, além de uma sexualidade sem procriação, seu reverso, ou seja, uma procriação sem sexualidade.

Chatel (1995), psicanalista francesa, aborda o tema do advento e do desenvolvimento de uma *medicina da reprodução*, a serviço daqueles que querem ter filhos sem poder gerá-los naturalmente. Ela analisa criticamente tanto as interrupções voluntárias da gravidez – permitidas por lei na França – quanto as procriações medicamente assistidas, apontando para a disseminação de uma ideologia da vontade de ter filhos, imposta por esta medicina. Vontade esta que, pelo ponto de vista da autora, nem sempre corresponde ao desejo dos casais.

Este ponto de vista pode ser colocado em diálogo com o de Bauman (2004), sociólogo polonês, que, em sua pessimista reflexão sobre a fragilidade dos laços humanos na atualidade, assinala acerca dos filhos, que em outra época – a dos lares/oficinas e da agricultura familiar – cumpriam para as famílias o papel de produtores, passaram a ser identificados como objetos de consumo emocional e, como tal, a satisfação esperada tende a ser medida pelo custo, tanto financeiro, quanto de disponibilidade, sendo possível escolher se a aquisição do objeto vale ou não a pena. Tal autor considera que, atualmente, a medicina compete com o sexo pela responsabilidade da reprodução: “agradece-se pelo que a medicina pode fazer, mas também pelo que se espera que ela faça e pelo que dela desejam os estudantes e ex-alunos da escola de marketing da vida dos consumidores” (2004, p. 57).

Acerca da relação entre a maternidade e o feminino, estudos de gênero permitiram que se desconstruísse a naturalização que os tornava necessariamente sobrepostos.

Maldonado (1989) faz uma interessante reflexão sobre os caminhos da maternidade e da paternidade no mundo ocidental. Utilizando-se de autores como Kniebihler e Fouquet, Badinter e Ariès, coloca a exaltação do amor materno como fato recente na civilização ocidental. A conduta de indiferença materna teria sido a predominante até o século XVIII. A partir daí, começou-se, então, a ressaltar a presença da mãe na transmissão de conhecimentos

e de instrução religiosa. O processo de geração de sentimentos de culpa nas mulheres que abortavam ou que não queriam amamentar vem do final do século XVIII quando a exaltação do amor materno apareceu no discurso de filósofos, médicos e políticos. No século XIX o culto à maternidade ampliou o lugar da mãe e da criança na sociedade, e a maternidade passa a ser fortemente associada com a feminilidade. O homem era atraído para fora de casa e a mulher assumia o papel de educadora. A autora ressalta que:

o vínculo com um filho não se desenvolve a partir de um *instinto materno* e nem mesmo depende da biologia, dos *laços de sangue*. O convívio e a disponibilidade para cuidar de uma criança e acompanhar o seu desenvolvimento são os aspectos cruciais na construção do amor e do vínculo com o filho (p.14, grifos da autora).

Maldonado (1989) segue percorrendo sobre a inserção da mulher no campo mais amplo de estudo, trabalho e produção. A abertura de novas perspectivas existenciais faz com que casamento e maternidade passem a ser opção ao invés de destino, e que a mulher possua maiores possibilidades de se sentir independente e adulta. Analisando os diferentes contextos da maternidade e da paternidade, a autora enfatiza que a busca do filho se deve às mais diversas motivações, conscientes e inconscientes. A idéia da maternidade como opção é, então, datada historicamente.

A teorização a respeito da desconstrução da idéia de instinto materno deve-se, sobretudo, a Badinter (1985) e permitiu que se visse a mulher como ser histórico, dotado da capacidade de simbolizar, sendo o desejo de ser mãe bastante complexo e difícil de precisar e isolar na intrincada rede de fatores psicológicos e sociais (MANSUR, 2003).

Scavone (2001), em uma reflexão sociológica sobre as mudanças nos padrões e experiências da maternidade contemporânea, coloca a escolha da maternidade como um fenômeno moderno consolidado no decorrer do século XX, com o avanço da industrialização

e da urbanização. A consolidação da sociedade industrial teria sido a responsável por uma transição do modelo tradicional de maternidade, ou seja, a mulher definida como mãe, para o modelo moderno de mulher definida também como mãe, entre outras possibilidades. A autora associa ao feminismo um primeiro momento de negação radical da maternidade, seguido por um segundo momento de recuperação da maternidade como poder insubstituível, que faz parte da história e identidade feminina, o que traz o problema da divisão eqüitativa das responsabilidades. Ela aponta a existência de uma “maior tomada de consciência das mulheres na construção de uma escolha reflexiva da maternidade” (p. 53). Discute, também, o surgimento de estudos sobre “parentalidade”, e não maternidade ou paternidade, concluindo que a escolha pela parentalidade é marcada pelas relações de classe, de raça/etnia e de gênero, sendo dependente do acesso à cultura e informação. Conclui que:

é possível observar, em relação à família e à experiência da maternidade, que estamos vivendo um período de transição para a consolidação de um novo modelo de maternidade, o qual tem como ideal a busca pela equidade na responsabilidade parental e cuja efetivação ainda está longe de ser alcançada em todos os seus aspectos... A escolha reflexiva para a aceitação ou não da maternidade (da paternidade, ou da parentalidade) constitui um elemento deste período de transição. (p.57).

Não se trata de dizer, aqui, entretanto, que a decisão de não ter filhos seja uma invenção dos tempos modernos, como sublinha a pesquisadora alemã Kemkes-Grottenthaler (2003). A autora comenta sobre diferentes contextos históricos e culturais, citando guerras e crises sócio-econômicas como responsáveis pela ausência de filhos em outras épocas. Este aspecto é levado em consideração também por Gillespie (2003) e pelas pesquisadoras australianas Lee e Gramotnev (2006), que apresentam conclusões obtidas por Popenoe, em 1993, para quem o mito de que a ausência de filhos seja um novo fenômeno relaciona-se a uma visão de que esta opção seja inteiramente o resultado de preferências pessoais egoístas

por parte da moderna geração de mulheres. A presente pesquisa, portanto, com seus recortes e limitações, centra-se em estudar o fenômeno como se apresenta na sociedade atualmente, em um contexto específico, final de século XX e início de século XXI, de acordo com a afirmação de que:

The high incidence of contemporary childlessness should be viewed in terms of the current economic, political and religious contexts which have given women the opportunity to define themselves in terms other than motherhood, a decision reached over time¹ (WOOD; NEWTON, 2006, p.339).

As autoras acima citadas também consideram que o significado da família e das crianças mudou através dos tempos, sendo que, há não muito tempo, as crianças eram valorizadas mais como meio de sobrevivência econômica e transmissão da propriedade do que pelas razões psicossociais e sentimentos priorizados nos tempos modernos.

Um estudo sobre a associação entre feminilidade e maternidade foi desenvolvido por Gillespie (2003). Segundo esta autora, o papel da mulher e a identidade feminina foram histórica e tradicionalmente construídos em função da maternidade. Frente à tendência crescente da quantidade de mulheres que não têm filhos por opção, no mundo ocidental, a autora coloca a importância de um entendimento da identidade feminina que não esteja centrado na maternidade. Baseia suas reflexões em um estudo realizado com vinte e cinco mulheres voluntariamente sem filhos, inglesas, com idade entre vinte e um e cinquenta anos. O instrumento utilizado foi uma entrevista semi-dirigida.

Todas estas reflexões acerca dos percursos da família, do casamento, da sexualidade, da maternidade e da paternidade ao longo da história, sempre entrelaçados, evidenciam que tais percursos não são lineares, e nem ausentes de conflitos. Sempre houve tentativas de

¹ A alta incidência do fenômeno da ausência de filhos na contemporaneidade deve ser vista de acordo com os contextos econômicos, políticos e religiosos atuais, que deram às mulheres a oportunidade de se definirem em outros termos, que não o da maternidade, uma decisão conquistada através do tempo (Tradução nossa).

subversão da ordem dominante. De acordo com Bonini-Vieira (1996), se existe uma ideologia dominante que preconiza regras e é legitimada pela sociedade, há sempre um movimento de mudança que se origina em determinadas organizações familiares, que se estruturam de forma diferente, traduzindo circunstâncias que lhe são peculiares. Pode-se entender desta forma, por exemplo, a teoria malthusiana acerca do casamento, datada do século XVIII, que argumentava a favor da realização de reflexões morais pelo indivíduo antes de contrair o matrimônio, que envolveriam, por exemplo, a análise dos custos em função do contexto social e econômico, assim como uma redução do número de filhos. Tal teoria se insere no panorama de uma Inglaterra de negociantes que se empenhavam por lucros e riquezas através da indústria e do comércio, em busca de ganhos econômicos e sociais como forma de alcançar níveis superiores, em uma sociedade altamente hierarquizada (CASTAÑEDA, 2003).

A mulher, socializada para casar e ter filhos, sempre realizou tentativas de subverter tal imperativo, em diversos momentos da história. O que se verifica, atualmente, entretanto, é uma abertura maior da sociedade – que tanto valoriza a conquista da felicidade individual – em relação às diversas formas de buscá-la, através da organização de variadas configurações conjugais ou familiares, em uma convivência menos conflituosa, embora não se possa afirmar que haja ausência de conflito ou de mal-estar (RIOS; GOMES, 2007). Em tal contexto pluralístico, apresentam-se, em seguida, reflexões mais específicas a respeito do fenômeno da ausência voluntária de filhos.

II. A OPÇÃO POR NÃO TER FILHOS

1. Aspectos gerais

A literatura estrangeira é abundante em estudos que enfocam especificamente os casais, ou mulheres e homens separadamente (com maior ênfase para as mulheres), sem filhos, sendo que grande parte destes estudos envolve pesquisas quantitativas. Em relação à realidade brasileira, é rara a produção divulgada nos periódicos indexados e nas bases de dados em Psicologia, tendo sido levantadas duas dissertações de mestrado (BONINI-VIEIRA, 1996; MANSUR, 2000), sendo que a última desdobrou-se em um livro (MANSUR, 2003), e um artigo científico (MONDARDO, LIMA; 1998) que se referem ao tema. As demais publicações envolvem pesquisas realizadas nos Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Escócia, Alemanha, Noruega, Austrália, China, entre outros. Das quarenta publicações apresentadas neste capítulo, uma delas aborda casais (CAMPBELL, 1983); onze referem-se a indivíduos em geral, sejam homens ou mulheres, e o restante apenas a mulheres. Um dos estudos refere-se a uma meta-análise de artigos publicados entre os anos de 1974 e 2000 (TWENGE, CAMPBELL, FOSTER; 2003) e o restante a pesquisas empíricas realizadas com quantidades diferentes de participantes – de três a mais de dois mil sujeitos, com variadas idades. Tais pesquisas envolvem também diferentes instrumentos: pesquisas e estatísticas nacionais, entrevistas, questionários, testes psicológicos, etc.

Os assuntos mais abordados nas pesquisas englobam diversas dimensões desta experiência: as motivações e determinações que levam a esta escolha; a existência ou não de vinculação entre a opção e aspectos ligados à infância e à família de origem daqueles que

escolhem não ter filhos; a qualidade de vida e de relacionamento conjugal daqueles que optam pela não-parentalidade; o preconceito e a estigmatização sofridos por esta parcela da população e outros aspectos relevantes.

É essencial que a leitura destas pesquisas seja sempre permeada pela consideração de que realidades tão diferentes como a brasileira, que em si não é homogênea, e as realidades de outros países em que foram realizadas as pesquisas apresentadas, não podem simplesmente ser colocadas lado a lado sem maiores reflexões acerca das características culturais de cada país.

Levando em conta tais diferenças, Glaser et al. (2006) consideram que, dependendo do período em que houve a transição demográfica – declínio das taxas de fecundidade – os países apresentam diferenças significativas nas estruturas familiares. Na América do Sul, Argentina e Uruguai seriam países em que tal transição se deu precocemente, a partir do século XIX, sendo atingidos baixos níveis de fertilidade; Cuba e Chile a partir do início dos anos sessenta, atualmente com níveis relativamente baixos de fertilidade. Já Brasil e México seriam países em que a transição teve início aproximadamente no mesmo período, mas só foram atingidos níveis de fertilidade de alto a moderado.

Um filho pode assumir diferentes significados dependendo do contexto social. Bonini-Vieira (1996) pontua que, no Brasil, “onde convivem diferentes aspectos culturais, vê-se que dentre as camadas populares e especialmente nas áreas rurais, os filhos são ainda vistos como um capital econômico, representam braços para o trabalho e garantia de segurança para os pais na velhice” (p.43), sendo que as proles numerosas são desejadas. Acrescenta-se a isso a importância que o filho assume para a identidade de uma mãe que não possua outras formas de realização pessoal, além da maternidade.

Uma reflexão acerca das diferenças regionais ou entre países envolve também a consideração das questões legais – se há políticas de incentivo à procriação, ou de controle

populacional, assim como políticas de concessão de licença maternidade/paternidade, além da necessidade de se pensar em toda uma estrutura de cuidados – seja de bebês, com creches, seja de idosos, de modo que eles não tenham que ser cuidados apenas por seus filhos durante a velhice. Também cabe nesta discussão uma reflexão acerca das condições do mercado de trabalho feminino nos diferentes contextos mundiais.

Todas as pesquisas e trabalhos apresentados, como sempre se espera, mas nem sempre se explicita, apresentam uma importante dimensão política, seja pelo vértice da valorização do feminismo, do pronatalismo, ou da necessidade de fim das estigmatizações negativas em relação a esta população. Isso pode ser verificado com clareza no trabalho de Lee e Gramotnev (2006), que se propõem a entender as razões pelas quais os australianos optam por não ter filhos. Concluem, a partir de uma pesquisa sobre intenções de maternidade realizada com mais de sete mil mulheres sem filhos com idades entre vinte e dois e vinte e sete anos, que não querer filhos pode ser determinado por múltiplos fatores, em parte por uma falta de interesse em relacionamentos tradicionais estabelecidos com os homens, em parte pela condição sócio-econômica. Uma vez que um aumento nas taxas de fertilidade é visto como um objetivo socialmente valorizado, sugerem estratégias governamentais que possibilitem às mulheres combinar trabalho e maternidade.

Cummis (2005), por outro lado, pesquisadora canadense, escrevendo sobre mulheres sem filhos por opção que trabalham em universidades, defende uma política de suporte também para mulheres sem filhos, e não apenas para as que são mães.

Cabe, ainda, uma reflexão acerca da terminologia utilizada para se abordar o tema. Em língua inglesa, utilizam-se termos como “childlessness”, “childless” ou “childfree”, sendo que este último, para alguns autores (DEOLLOS, KAPINUS, 2002; PARK, 2005; WOOD, NEWTON, 2006), teria uma conotação mais positiva, uma vez que não induz a uma noção de “falta”, e sim de opção. Em português, de acordo com a terminologia da Biblioteca Virtual em

Saúde, o descritor correspondente a “childless” é “não-maternidade”. Interessante observar que tal denominação exclui a não-paternidade, fenômeno que não deve ser destituído de sua importância. Além do fato de que, como aponta Bonini-Vieira (1996), a definição de tal experiência se dá pela negação, não existindo em língua portuguesa uma palavra que defina tal fenômeno por uma afirmação. Neste trabalho, utilizam-se expressões como “ausência voluntária de filhos”, “casais sem filhos por opção”, “não-parentalidade/maternidade/paternidade”, sem a intenção de se atribuir algum caráter de “falta” ao fenômeno estudado.

2. Ausência voluntária de filhos: algumas determinações

Diversos estudos associam a escolha por não ter filhos a determinações e motivos, tanto conscientes quanto inconscientes.

Mansur (2000, 2003) apresenta as perspectivas de oito mulheres brasileiras, de classe média paulistana, com nível universitário, profissionais ativas. Nenhuma das mulheres era mãe, seja por opção, por infertilidade ou pelo adiamento contínuo da decisão. Das oito mulheres ouvidas em entrevistas, uma fazia parte do grupo das não-mães “transformadoras ou manifestantes precoces”, que rejeitam precocemente o papel materno; uma do grupo das “tradicionais”, não-mães por algum impedimento de natureza orgânica; e as restantes do grupo das “transicionais ou adiadoras”. A idade das entrevistadas variou entre quarenta e três e cinquenta e um anos, sendo que havia na amostra solteiras e divorciadas, ou em relacionamento estável, além de mulheres com escolhas hetero e homossexuais. Fica muito clara a influência da situação conjugal na decisão reprodutiva, sendo que algumas das

mulheres não tiveram filhos por não encontrarem um parceiro ideal para a concretização do desejo de maternidade.

A autora conclui pela existência de um caleidoscópio de sentidos, uma vez que, “embora pertencendo a uma mesma comunidade de destino, cada mulher traz em si algo singular e criativo – que, ao se manifestar, tem permitido o surgimento do inédito, em meio às convenções e tradições seculares” (2003, p.16). Aponta, ainda, para o fato de que “o que leva uma mulher a concluir que a maternidade não será exercida por ela é uma combinação de fatores que refletem a sua história, a interação entre medo e desejo, capacidades e limitações, personalidade e circunstâncias sócio-culturais”. (2003, p.89). Considerando que a não-maternidade é uma experiência polifônica e polissêmica, construída na intersecção entre corpo, personalidade, família e contexto histórico-cultural, reafirma a necessidade da aceitação do fato de que a vida das mulheres pode ter dimensões muito variadas e satisfatórias, quando a sociedade lhes apresenta outras opções, além da maternidade.

Bonini-Vieira (1996) realizou pesquisa com dez mulheres, independentemente da situação conjugal, com idades entre trinta e dois e quarenta e nove anos, pertencentes à classe média urbana carioca, que optaram por permanecer sem filhos. Utilizou entrevista semi-dirigida, para refletir sobre o que levaria as mulheres participantes a decidir não ter filhos. Aborda várias dimensões da experiência, como a necessidade de dar justificativas; a alta incidência de abortos; a idealização da maternidade e da maternagem; o espaço dos filhos na vida dos casais; a incompatibilidade presumida entre profissão e maternidade; as pressões e o preconceito; as dúvidas e a reafirmação dos projetos de vida.

A autora relata a presença de ambigüidade e de ambivalência nos depoimentos, sendo que considera que angústia e ambigüidade não são características exclusivas das mulheres que não tiveram filhos. Sua análise demonstrou que as mulheres participantes construíram um projeto de vida no qual a maternidade, tal como a representam, não encontra lugar, sendo

encarada como um elemento impeditivo aos objetivos delineados para suas vidas. Sua análise apontou ainda para o fato de que tais mulheres se percebem como pessoas produtivas e realizadas, dentro de suas próprias expectativas, em alguns aspectos de forma mais satisfatória do que em outros.

Campbell (1983), em uma pesquisa quantitativa com setenta e oito casais escoceses sem filhos por opção, concluiu que a ausência voluntária de filhos não é uma expressão de neurose ou imaturidade, mostrando-se uma decisão bastante complexa. As principais razões enunciadas por seus sujeitos foram a evasão do sofrimento, a manutenção de vantagens obtidas com a falta de filhos, o desgosto por crianças, a falta de recompensas com a paternidade, perda de controle sobre si e sobre o futuro, privações financeiras ou excesso de responsabilidades. Eles viam a falta de filhos como facilitadora da harmonia conjugal, prevenção contra a rotina, entre outros, além de propiciadora de um maior desenvolvimento profissional das mulheres e manutenção de um melhor padrão de vida.

Connidis e McMullin (1999), pesquisadoras canadenses, realizaram um estudo, a que se teve acesso ao resumo, com duzentas e oitenta e sete pessoas sem filhos com mais de cinquenta e cinco anos, utilizando entrevista. Concluíram que alguns motivos citados como vantagens na ausência de filhos diziam respeito a um menor número de problemas e preocupações, benefícios financeiros, maior liberdade e flexibilidade na carreira. As maiores desvantagens seriam a falta de companhia e a solidão, falta de suporte/cuidados na velhice, e a perda da experiência de paternidade/maternidade. Importante ressaltar que esta pesquisa envolveu pessoas permanentemente sem filhos, independente de ser uma opção ou não.

Park (2005), utilizando-se de entrevistas em profundidade com treze mulheres e oito homens sem filhos por opção, com mais de trinta anos e em uma relação heterossexual há mais de cinco anos, propôs-se a estudar qualitativamente as motivações apresentadas pelos participantes para não terem filhos. A autora explicita que tal decisão envolve as seguintes

categorias: experiência com modelos de parentalidade, seja com conhecidos, amigos, seja na família de origem, fator que influencia mais a decisão de mulheres do que de homens; fatores de personalidade julgados pelos participantes como incongruentes com uma boa função materna/paterna, assim como falta de uma habilidade parental; objetivos relacionados à carreira e ao desenvolvimento profissional; um estilo de vida orientado para o mundo adulto; sentimentos em relação a crianças, como o desconforto ou o desinteresse; preocupação com o crescimento populacional. A conclusão é a de que a decisão por não ter filhos é complexa e multifacetada e que envolve motivos mais ou menos racionais, que muitas vezes se entrelaçam.

Abma e Martinez (2006) realizando uma comparação entre mulheres sem filhos com idades variando entre trinta e cinco e quarenta e quatro anos, concluíram que aquelas que não desejam tê-los são as que possuem os maiores salários, maior experiência profissional e menos religiosidade do que as outras mulheres: aquelas impossibilitadas de ter filhos e aquelas que manifestam o desejo pela maternidade.

A complexa relação entre a ausência de filhos e situação profissional de mulheres é analisada em diversos estudos. Hewlett (2002) enfatiza a grande quantidade de mulheres que abrem mão da maternidade em prol do desenvolvimento profissional. Os dados demonstram que, para muitas mulheres, demandas ambiciosas em relação à carreira, assimetria homem-mulher e as dificuldades de concepção posteriormente acabam minando a possibilidade de combinar trabalho de alto nível com família. No caso de homens, a autora conclui o contrário, ou seja, quanto mais bem sucedidos, maiores as probabilidades de casamento e filhos.

Rauchfuss e Sperfeld (2001), estudando mulheres alemãs sem filhos, concluem sobre a existência de conflito entre metas de desenvolvimento profissional e maternidade. Alertam para o fato de que um adiamento do desejo de ter filhos acaba gerando um aumento no número de mulheres sem filhos, voluntária ou involuntariamente (as que, quando decidem ter

um filho, já não podem em função de idade avançada), o que gera efeitos psicossomáticos nos campos da obstetrícia e ginecologia. Os resultados foram obtidos a partir de questionários respondidos por quinhentas e cinquenta e quatro mulheres que não queriam filhos no momento da entrevista.

Kemkes-Grottenthaler (2003) realizou uma pesquisa com mulheres que trabalhavam em uma universidade na Alemanha, para entender se as mulheres sem filhos na academia estavam rejeitando ou apenas adiando a maternidade. Foram enviados questionários pelo correio, sendo que apenas trinta e sete por cento dos questionários foi respondido – o que é levado em consideração na discussão dos resultados – o que corresponde a cento e noventa e três respondentes. A autora conclui que, tanto no caso das mulheres que tomaram uma decisão ativa por não ter filhos, quanto no caso daquelas que estavam apenas adiando a maternidade, das que ainda não tinham decidido e daquelas que haviam passado da idade reprodutiva, o emprego e as preferências de carreira mostravam-se como fortes influências na decisão. Um importante aspecto levado em conta nesta pesquisa é o do papel dos parceiros na decisão: a conclusão é a de que os homens podem exercer influência na decisão de várias maneiras, seja não querendo filhos, seja não se colocando disponíveis para ajudar nos cuidados com a criança.

Ainda na Alemanha, Stöbel-Richter et al. (2005) se propuseram a estudar as atitudes e motivações que influenciam na realização do desejo de ter um filho. Mil quinhentos e oitenta homens e mulheres responderam a um questionário e a conclusão foi a de que aspectos emocionais são os que mais pesam a favor da maternidade/paternidade, enquanto as restrições financeiras são as mais freqüentemente citadas como argumentos contra a procriação.

Mondardo e Lima (1998) realizaram uma pesquisa, cujo instrumento foi a entrevista semi-estruturada, com três mulheres brasileiras com idades entre trinta e cinco e quarenta anos, com relacionamentos conjugais estáveis de no mínimo cinco anos e que até a realização

da pesquisa não haviam tido filhos por opção. O objetivo era o de investigar a conexão entre maternidade e trabalho como forma de realização pessoal da mulher. Os resultados obtidos pelas autoras mostram que estas mulheres, em um momento de transição para a não fertilidade, vivenciam sentimentos de ambivalência e culpa, influenciados pela história de vida e pelo contexto cultural em que vivem. Segundo as autoras, estas mulheres seriam precursoras de um movimento na construção de novos modelos de funcionamento, mostrando-se coerentes em sua demanda interna, fazendo do trabalho profissional também uma forma de criação.

Enfatizando o fato de que a dinâmica familiar exerce influência direta e decisiva no desenvolvimento emocional do indivíduo, as autoras afirmam que todas as participantes da pesquisa haviam perdido figuras parentais em idade precoce, demonstrando um processo acelerado de maturidade, associado à aquisição de autonomia e segurança conquistadas através do exercício profissional. Constatou-se o uso, por parte das entrevistadas, da projeção em pessoas e circunstâncias externas das justificativas para a escolha, com uma função de amenizar a culpa advinda de suas posições. As mulheres entrevistadas teriam, também, uma visão extremamente idealizada da maternidade, exigindo uma atuação perfeita. As autoras afirmam que essa opção pode estar influenciada por fatores inconscientes, mas que, mesmo assim, configura-se numa escolha, que esbarra em resistências e preconceitos.

Há uma importante faceta desta decisão abordada em algumas publicações, que leva em consideração a relação, existente ou não, entre não querer um filho com vivências na infância ou com a família de origem. Estas pesquisas, em sua maioria, levam em conta as experiências das mulheres.

Slosar (2004) estudou a influência de fatores psicológicos em mulheres que adiaram a maternidade sem que esta tenha sido uma decisão consciente, embora manifestassem o desejo de ter filhos, em época próxima ao fim da fecundidade, tentando entender o papel que forças

psicológicas conscientes e inconscientes assumiam na vida e nas decisões reprodutivas de oito mulheres. Conflitos conscientes e inconscientes relativos à maternidade e à gravidez foram levados em conta nesta pesquisa, cuja metodologia envolveu o uso de entrevistas semi-dirigidas, cartões de TAT e o “Pregnancy TAT”.

A autora aponta a presença de relações objetais infantis no conflito, mais especificamente uma notável falta de cuidados, amor e atenção por parte dos pais, reportada por todas as participantes. Outros achados em comum na maioria das participantes incluíam histórias de traumas ou perdas não elaboradas ocorridas na infância, repúdio à identificação maternal, evitação de responsabilidades como adultas, medo da gravidez e preocupação com imagem corporal, raiva dos pais pelo tratamento que receberam na infância, uso de mecanismos de defesa como repressão, negação e racionalização para se protegerem da realidade de não serem mães, falta de informação sobre fertilidade, ser a criança mais nova na família de origem, ter irmãos mais velhos também sem filhos, falta de encorajamento por parte dos pais para serem mães. Por mais que a preocupação subjacente a esta pesquisa seja a de evitar que mulheres se frustrem ao adiar a maternidade pretendida até que ela não seja mais biologicamente possível, ela está incluída neste levantamento bibliográfico por se tratar de pesquisa qualitativa, com utilização de métodos projetivos, acerca dos conflitos envolvidos na escolha da maternidade.

Reitan (2000) comparou mães que adiaram a primeira gravidez até quase o final do período reprodutivo com não-mães por opção, para verificar se existia relação entre vinculações na infância e estas opções em relação à maternidade, em mulheres com mais de trinta e quatro anos. Ao todo, a pesquisa contou com quarenta e oito mulheres, metade mulheres que adiaram a gravidez, metade não mães por escolha. Foram utilizadas uma escala, a “Adult Attachment Interview” e questões complementares apresentadas em questionário.

A autora não encontrou diferença nos dois grupos pesquisados: mulheres de ambos os grupos reportaram ter experimentado muito pouco amor e um grau de rejeição moderado a alto por suas mães e por seus pais, significativamente mais pelos pais. Reitan (2000), entretanto, questiona a metodologia utilizada, concluindo que a semelhança dos resultados obtidos nos dois diferentes grupos pode ser decorrente do fato de a idade selecionada para a primeira gravidez ser muito próxima do fim da fecundidade, não se podendo tirar a conclusão que vinculações precoces não exercem influência sobre as decisões reprodutivas.

Em estudo realizado com mulheres australianas, Parr (2005) pretendeu analisar em que medida a opção por não ter filhos em mulheres variava de acordo com o tamanho e o tipo de família de origem e com a escolaridade, levando em conta variáveis que diziam respeito ao curso de vida posterior, como a situação conjugal e a condição sócio-econômica. Essa pesquisa teve como base uma outra pesquisa demográfica realizada pelo governo da Austrália, e considerou mulheres sem filhos, entre quarenta e cinquenta e quatro anos, sendo que a amostra final foi de mais de duas mil mulheres. A conclusão foi que mulheres com maior tempo de escolaridade são mais propensas a não terem filhos por opção, assim como: as que possuem um pequeno número de irmãos; as que, aos catorze anos de idade tinham pais ausentes ou falecidos; as que, aos catorze anos de idade tinham pais trabalhando em serviços profissionais.

O autor considera que esta pesquisa encontrou diferenças substanciais na propensão à ausência voluntária de filhos a partir de características obtidas precocemente no curso de vida das mulheres. A discussão dos resultados envolve considerações sobre o interessante fato de que pais com vida profissional oferecem uma melhor qualidade de vida para suas filhas, além de incentivá-las a estudar e a seguir uma carreira. Além disso, o fato de se encontrar uma ligação entre desejo por não procriar e pouco número de irmãos pode ser indicativo de que

pais com poucos filhos tendem a investir mais tempo e recursos para as filhas e que estas tendem a obter maior escolaridade e empregos mais bem pagos como resultado.

Em um estudo qualitativo sobre a história de vida de quatro mulheres casadas e sem filhos por opção, a que se teve acesso ao resumo, Ziehler (1999) conclui pela especificidade de cada história, apontando alguns aspectos em comum: o desenvolvimento de uma grande força provinda de circunstâncias de vida não usuais; dificuldades para verbalizar o entendimento que têm sobre feminilidade; criação de múltiplos significados de gênero que desafiavam e estendiam a equação social “feminilidade=maternidade”; existência de relacionamentos significativos no cuidado com crianças; preocupação com a geração e com o cuidado de filhos anômalos. O estudo envolveu três ou quatro entrevistas com duração aproximada de duas horas com cada participante, em que a pesquisadora pedia para que as mulheres contassem suas histórias de vida: método de interpretação biográfica.

Segundo Ramu (1984), fatores de “background” familiar, como ordem de nascimento ou tamanho da família de origem, assim como situação de trabalho da mãe ou satisfação conjugal nos pais não predis põem indivíduos a não desejarem filhos. A pesquisa foi realizada com casais sem filhos na cidade de Winnipeg, mas não se encontra disponível maior quantidade de informações acerca da obtenção dos dados.

3. Qualidade de vida e de relacionamento conjugal em casais sem filhos por opção

Um dos vértices de investigação acerca da escolha em não ter filhos, amplamente abordado na literatura estrangeira, diz respeito à satisfação conjugal ou pessoal. Os resultados

das pesquisas variam bastante em relação a conclusões de maior ou menor satisfação reportada por pessoas ou casais sem filhos, sendo diversas vezes contraditórios (DEOLLOS; KAPINUS, 2002). Os critérios utilizados na definição de “satisfação conjugal” e “qualidade de vida” variam bastante em todas estas pesquisas, envolvendo algumas vezes satisfação e qualidade declaradas, o uso de escalas, ou ainda dados epidemiológicos, obtidos em serviços de saúde, etc.

Twenge, Campbell e Foster (2003) afirmam que pais reportam uma satisfação conjugal menor do que os não pais, especialmente nos grupos de maior poder sócio-econômico e no grupo dos que tiveram filhos em anos mais recentes. Os dados destes autores sugerem que o decréscimo em satisfação seja decorrente de conflitos de papéis e restrição da liberdade com o nascimento de filhos. As mulheres, mães de filhos pequenos, seriam as mais insatisfeitas. Esta pesquisa envolveu uma meta-análise de noventa e sete artigos científicos e dissertações levantados em bases de dados, entre os anos de 1974 e 2000, incluindo, ao todo, quarenta e sete mil, seiscentos e noventa e dois respondentes.

Ramu (1984) também conclui que o grau de satisfação conjugal relatado por casais voluntariamente sem filhos é maior que no caso de casais com filhos, embora, segundo o autor, as fontes de insatisfação em um casal nem sempre se relacionem com os filhos.

Spurling (2002) realizou uma comparação entre cento e cinquenta e quatro mulheres, cuja idade média era de quarenta e sete anos e meio, que eram mães intencionais, mães não intencionais, não-mães intencionais e não-mães não intencionais, utilizando-se de escalas para avaliar a satisfação de vida destas mulheres. Sua conclusão foi a de que as não-mães não intencionais eram as que demonstravam menor satisfação de vida e que as não-mães intencionais eram as mais satisfeitas do grupo.

Comparações entre mulheres canadenses mães, voluntariamente e involuntariamente sem filhos mostram que aquelas que escolheram não ter filhos demonstram maiores níveis de

bem estar geral, intitulam-se mais autônomas, mais desenvolvidas e são menos propensas a arrependimentos pela falta de filhos (JEFFRIES; KONNERT, 2002). A metodologia desta pesquisa envolveu a aplicação de escalas e a realização de entrevista semi-dirigida com setenta e duas mulheres com mais de quarenta e cinco anos, que foram divididas em seis grupos diferentes. Uma importante contribuição desta pesquisa diz respeito à preocupação com o rigor na hora de definir se a ausência de filhos foi voluntária ou involuntária.

As autoras do estudo acima observam que cerca de um terço das mulheres categorizadas por pesquisadores como involuntariamente não mães se auto intitulam não mães por opção. Propõem, então, a utilização da seguinte categorização: as mulheres devem ser consideradas voluntariamente sem filhos se derem uma destas razões: ela e o parceiro nunca terem desejado filhos; em um momento desejaram, mas mudaram de idéia; nunca era a hora certa ou a decisão foi adiada até que fosse tarde demais. As mulheres devem ser consideradas involuntariamente sem filhos se uma das seguintes razões for apresentada: impossibilidade física dela ou do parceiro; ela apresentou dificuldades de concepção ou de levar uma gravidez a termo; ela não usou contraceptivos e não engravidou; tentou, ou quis, adotar uma criança, mas não pôde fazê-lo ou, finalmente; ela coloca que as circunstâncias fizeram com que fosse impossível ter filhos.

Alguns estudos norte-americanos concluem que a ausência de filhos não se liga necessariamente a uma diminuição do bem estar subjetivo (KOROPECKYJ-COX, 1998; CONNIDIS; MCMULLIN, 1993). Koropecckjyj-Cox (2002) utilizando-se de dados de uma pesquisa nacional, restringindo-se a pessoas com idade entre cinquenta e oitenta e quatro anos, enfatizou a necessidade de se considerar as diferenças qualitativas nas experiências de maternidade/paternidade ou de ausência de filhos. Desta maneira, em sua análise, a autora compara pais e mães, em termos de depressão e bem estar, levando em conta a qualidade da relação com os filhos no caso de pais e mães, e, com os não-pais e não-mães, considerando se

esta condição foi voluntária, se é congruente com os desejos dos participantes. Conclui que, tanto para homens quanto para mulheres, uma relação ruim com os filhos liga-se à diminuição do bem estar. Homens sem filhos voluntariamente e involuntariamente não apresentam menor bem estar que os outros. As mulheres que se apresentam como mais deprimidas e solitárias são as que não possuem filhos apesar de desejarem e as que possuem uma relação ruim com seus filhos. As que apresentam as melhores condições são aquelas que têm bom relacionamento com os filhos e aquelas que não são mães por opção.

Houseknecht (1979) se propõe a estudar a relação entre a ausência de filhos e o ajustamento conjugal, expressando preocupação em realizar o estudo com não-mães por opção, sem incluir aquelas que não podem nem aquelas que manifestam o desejo e estão apenas adiando a concepção. Conclui, comparando cinquenta mães com cinquenta não-mães por opção, que, de fato, as últimas apresentam maior ajustamento conjugal, mas aponta para o fato de que esta diferença possa se ligar mais a condições de educação, emprego ou religião do que simplesmente à presença ou à ausência de filhos. Tal conclusão suscita uma importante reflexão acerca da importância de não se pensar de maneira simplista em uma relação direta de causa e efeito, que pode levar a uma redução de um fenômeno complexo e sobredeterminado, a ausência voluntária de filhos.

Zhang e Hayward (2001), com dados obtidos em pesquisa demográfica com idosos americanos, concluem que a ausência de filhos, per se, não aumenta a prevalência de solidão ou depressão em idades avançadas. Nesta linha de investigação, Driver e Abed (2004) concluem que mulheres sem filhos não cometem mais suicídios que a população feminina em geral em Rotherham, na Inglaterra. Wu e Hart (2002), que estudaram a saúde mental de idosos sem filhos (sem levar em conta se a ausência de filhos é intencional ou não) consideraram que, para se prever a saúde mental dos idosos, uma consideração a respeito da presença ou ausência de suporte social é mais efetiva do que a de filhos. E, para eles, os

idosos sem filhos desenvolvem redes de suporte social, que os protegem de problemas mentais, como estresse e depressão. A pesquisa foi realizada a partir de análise estatística de estudos populacionais canadenses.

Apesar destas evidências, Chou e Chi (2004) concluem em seus estudos que, no caso de chineses idosos, com mais de sessenta anos, a ausência de filhos foi correlacionada significativamente com solidão e depressão, mesmo após o controle de variáveis como situação conjugal, gênero, idade, grau de escolaridade, situação de saúde reportada e situação financeira. Estas autoras apontam a diferença entre os resultados obtidos em Hong Kong com aqueles obtidos em pesquisas norte-americanas, o que pode comprovar o que foi exposto acima, de que a escolha por não ter filhos seja mais um fenômeno ocidental. Interessante observar também os dados de Stöbel-Richter et al (2005), que demonstra que mulheres sem filhos na Alemanha oriental manifestam maior desejo de ter filhos do que as que habitam na Alemanha ocidental.

Fjell (2002), interessada na experiência da minoria de mulheres norueguesas que não pretendem ter filhos, e utilizando-se de entrevistas em profundidade, conclui que estas vivem felizes sem filhos, apesar de reportarem dificuldades sociais, decorrentes de críticas e falta de entendimento de muitas pessoas, que, segundo as entrevistadas, não levam sua decisão a sério.

Já um estudo conduzido na Alemanha por Bammann et al (1999) aponta um pior estado de saúde apresentado por mulheres, entre cinquenta e cinquenta e nove anos, empregadas e sem filhos, em comparação àquelas com filhos, empregadas ou não. Este estudo tem como base dados de uma pesquisa nacional sobre saúde.

Nomaguchi e Milkie (2003) compararam em sua pesquisa indivíduos sem filhos e pais recentes. A pesquisa, quantitativa, foi realizada com dados de duas levas da “National Survey of Families and Households”, o que permitiu um acompanhamento longitudinal, além da divisão de grupos de comparação. Concluíram que a chegada de um filho é tanto gratificante

quanto prejudicial: a maior vantagem da maternidade/paternidade seria em relação à integração social. Outros efeitos variavam muito dependendo do gênero e da situação conjugal. Os pais não casados, por exemplo, relataram menor bem estar do que os não casados sem filhos. Mães casadas reportavam mais conflitos conjugais, mas menor depressão que as mulheres casadas sem filhos. No caso de homens casados, o status parental mostrou-se pouco influente. Percebe-se, a partir da leitura do texto, que os autores se posicionam a favor da experiência de ter filhos.

Em meio a tantos estudos que comprovam ora a vantagem na ausência de filhos, ora sua desvantagem, Skutch (2001) conclui a partir de sua pesquisa de comparação entre mães por opção e não-mães por opção, que estes dois grupos não diferem muito nos quesitos qualidade de vida e perspectiva feminina, ou seja, que o fato de ser ou não mãe não necessariamente se relaciona com um preenchimento da condição de mulher.

As conclusões acima apresentadas levantam o questionamento de que, mais do que o fato de ser ou não ser mãe, a possibilidade de escolher possa ser fonte de satisfação para as mulheres, conclusão que poderia ser estendida também para homens, ou casais. A questão mais decisiva para a satisfação seria, então, acima de tudo, a possibilidade de optar e de efetivamente consolidar a escolha feita.

4. Visão social e preconceito em relação à não-procriação

A questão dos estereótipos e preconceitos enfrentados por mulheres que optam pela ausência de filhos, já citados na conclusão de Fjell (2002), é abordada por Letherby (2002), para quem a experiência da não-maternidade é tão complexa e variada quanto a da

maternidade, ao contrário do que sugerem as caricaturas socialmente intrincadas, de que mulheres sem filhos sejam desesperadas (no caso de infertilidade) ou egoístas (no caso de opção). A autora considera, entretanto, que já houve uma certa mudança nos discursos dominantes em relação à maternidade e à não-maternidade: a ambivalência em relação à experiência da maternidade seria hoje mais fácil de ser verbalizada do que em outros tempos.

De acordo com Morell (2000), as experiências de mulheres heterossexuais sem filhos por opção são freqüentemente mal entendidas e mal nomeadas, devido a um padrão idealizado de maternidade pelo meio social. A pesquisadora chega a esta conclusão a partir de entrevistas realizadas com trinta e quatro mulheres americanas, casadas, com idade entre quarenta e setenta e oito anos. Ela chama a atenção para o fato de que muitas destas mulheres pertenciam às classes mais pobres e que associavam a ascensão social ao fato de não terem filhos.

Park (2002) considera que indivíduos que optaram pela não paternidade/maternidade lidam com os estereótipos negativos e com as pressões sociais para alterar ou justificar sua situação. Utilizando-se de entrevistas em profundidade com vinte e quatro sujeitos, homens e mulheres, sem filhos por opção, investigou quais seriam as estratégias adotadas por eles ao lidar com uma identidade estigmatizada, tanto em âmbito individual quanto nas interações sociais. Concluiu que isso pode se dar com o uso de formas primárias e reativas de defesa, como, por exemplo, alegar uma deficiência biológica; ou de formas intermediárias, desafiando ideologias tradicionais; ou através de técnicas pró-ativas de definição da ausência de filhos como um estilo de vida socialmente valorizado.

Em um estudo sobre a percepção social a respeito de casais voluntariamente sem filhos, involuntariamente sem filhos e com filhos, Calhoun e Selby (1980) concluíram que estudantes universitários tinham as seguintes percepções: maridos eram classificados como psicologicamente mais saudáveis se tivessem filhos do que se não os tivessem, independentemente da ausência de filhos ser involuntária ou não. Esposas eram menos

apreciadas e percebidas de uma maneira mais negativa quando descritas como sem filhos por opção em relação àquelas que não podiam tê-los.

Mansur (2003) dedica todo um capítulo de seu livro “Sem filhos: a mulher singular no plural” ao tema da estigmatização sofrida por aquelas que não são mães. Considera a necessidade de se questionar os modelos teóricos utilizados em muitos estudos que abordam a não-maternidade, adotando-se uma perspectiva mais ampla, no sentido de re-situar o fenômeno em seu contexto. De acordo com a autora:

Antes de adotar uma atitude justificativa ou psicopatologizante, pesquisadores e demais profissionais que acompanham processos de escolha reprodutiva deveriam avaliar suas crenças pessoais e referência teóricas e, considerando o contexto social pró-natalista no qual geralmente se efetua semelhante reflexão, tentar compreender os motivos que influenciam decisões dessa magnitude, apreendendo os seus inúmeros sentidos. (p.47)

Pretende-se neste trabalho, de acordo com o pensamento de Mansur (2003), dar ouvido à singularidade e ao novo que surge com cada um dos casais participantes. E a compreensão e a análise de tais dados singulares se dão a partir de referencial teórico explicitado a seguir.

III. REFERENCIAL TEÓRICO

Pretendo, neste trabalho, utilizar-me do conhecimento psicanalítico como ferramenta para o entendimento das motivações, conscientes e inconscientes, que levam casais a optarem por não ter filhos, o que inclui um estudo sobre a construção e manutenção da conjugalidade do par.

O percurso teórico aqui percorrido, que tem como partida as idéias de Freud, é muito bem explicitado no trabalho de Gomes (2006), que aborda uma importante mudança de foco que se deu com o desenvolvimento da psicanálise de grupos e casais: de uma visão centrada em mecanismos intrapsíquicos para uma valorização cada vez maior dos fenômenos interpessoais:

Dentro desse cenário histórico, de desenvolvimento e evolução da Psicanálise, enquanto teoria e prática clínica, o leque de conhecimento que a compunha vem cada vez mais de abrindo. Freud, para alguns, é o criador de uma Psicanálise mais voltada para o intra-psíquico. Na continuidade desse pensamento, teríamos em Winnicott uma complementação desse ponto de vista teórico, expandindo a psicanálise para a fronteira com o inter-psíquico, na medida em que põe em evidência, no seu corpo teórico, o ambiente externo e o conceito de vínculo que, futuramente e mais recentemente, será amplamente estudado pelos autores da Psicanálise Vincular ou das Configurações Vinculares, que tem, na França, como principais fundadores Eiguer e Kaës e, na América Latina, Berenstein e Puget, em que há uma nova ampliação da teoria com a inclusão de mais um conceito a ser descrito, o transobjetivo, o qual engloba o mundo sociocultural (GOMES, 2006, p. 26).

Para iniciar, uma breve consideração acerca do uso do termo conjugalidade. Lamanno (1997) faz uma interessante análise da etimologia do termo conjugar, concluindo sobre um

duplo sentido deste, que pode ser transportado para a vida do casal: tanto como um potencial para um *conjugiar* fecundo – conjugiar no sentido de flexionar um verbo – como um aprisionamento de qualquer possibilidade de desenvolver flexões cada vez mais abrangentes e enriquecedoras – no sentido de colocar sob a mesma canga, sob *jugo*.

Em uma reflexão sobre a genealogia da conjugalidade, Féres-Carneiro e Magalhães (2005) apontam para o fato de que, na literatura da terapia familiar psicanalítica, a conjugalidade funda-se na escolha amorosa inconsciente dos cônjuges. Para elas, “a conjugalidade, ao mesmo tempo em que reedita o romance familiar, propicia a elaboração das vivências infantis” (p. 112).

Ao me propor a estudar a conjugalidade estabelecida por casais sem filhos por opção, parto das primeiras idéias psicanalíticas a respeito de casais, encontradas já na obra de Freud, até a utilização de conceitos mais modernos da psicanálise de casais como os de transmissão psíquica geracional e de tipos de vínculo, advindos das vertentes francesa e argentina, respectivamente.

Freud (1910/1980) já considerava a influência dos modelos parentais na escolha e estabelecimento dos vínculos conjugais e familiares, sendo transmitidos de uma geração a outra. Fatores inconscientes que entram em jogo na escolha do parceiro teriam como base as configurações edípicas, estando a nova família presa aos modelos das famílias de origem (GOMES, 2006).

A noção de transmissão psíquica geracional, bastante utilizada na psicanálise de casais atualmente, tem suas bases nas idéias freudianas acima expostas. Pode-se extrair deste conceito que:

A história familiar herdada das gerações anteriores faz-se presente na formação do psiquismo do indivíduo. Dependendo do modo como ele a recebe, pode-se tornar um prisioneiro dessa herança ou pode-se tornar um

herdeiro dela. Tudo dependerá da possibilidade que o psiquismo desse indivíduo tem de elaborar as heranças psíquicas recebidas. É assim que também ocorre na formação psíquica do casal, que tem, em sua origem ou constituição, todos esses movimentos desencadeadores e determinantes das escolhas e manutenção dos pares conjugais (GOMES, 2006, p.58/59).

Faz parte deste trabalho, além de pensar acerca de aspectos da transmissão psíquica geracional que possam influenciar a formação do casal de tal modo que os parceiros optem por abrir mão da descendência, refletir acerca do tipo de vínculo estabelecido pelo par conjugal. Para isso, considero de grande utilidade as idéias de Puget e Berenstein, teóricos da Psicanálise Vincular argentina que abordam o relacionamento do casal a partir de uma concepção desenvolvimentista.

Puget e Berenstein (1993) estabelecem uma tipologia do vínculo de casal em um eixo que vai da indiscriminação à discriminação, ou seja, da fusão entre dois egos até a autonomia. No extremo da indiscriminação, encontra-se o funcionamento dual de investimento, com o predomínio do vínculo de tipo fusão, tanto em relações de simetria quanto de assimetria estável, ou complementaridade. Na estrutura que se segue a esta, de terceiridade limitada, o vínculo é ainda dual indiscriminado, mas não auto-suficiente. A angústia seria evitada pela presença de um terceiro, que ocupa um lugar de excluído. A estrutura de terceiridade ampla, por sua vez, requer a existência de duas mentes discriminadas, cujo projeto vital compartilhado inclui o aparecimento de um terceiro, sem o caráter transbordante dos vínculos descritos anteriormente. Segundo os autores, neste caso, “os desacordos ou diferenças servirão de estímulo para uma colocação em marcha de processos vinculares, nos quais surgirá a possibilidade de criar novas pautas, como resultado da articulação das diferenças” (p.47). Sob este ponto de vista, pretende-se refletir sobre se é possível que, nesta estrutura mais desenvolvida, o lugar do terceiro seja ocupado por algo que não um filho.

Importante ter em mente, entretanto, que um estado de fusão em um casal não necessariamente indica psicopatologia da relação. Nicolò (1995), que aborda o modelo psicanalítico de funcionamento do casal, enfatizando o processo de ilusão com possibilidade de diferenciação, considera que o início de um relacionamento amoroso envolve uma fase de maior idealização e mecanismos fusionais. Para a autora, “a alternância entre movimentos de fusão e de diferenciação, no tempo e no espaço, conforme for preciso, e sobretudo seu caráter não necessário e não obrigatório expressam um funcionamento harmonioso do casal” (p.81). Portanto,

Nas dinâmicas conjugais normais, nas quais a interferência dos fatores inconscientes é menor, o mecanismo de fusão ocupa um lugar flexível, momentâneo, facilitando o caminho para a diferenciação dos membros do par, para a manifestação da individualidade de cada um, na constituição e permanência do casal, e com maiores possibilidades de transformação desta relação conjugal, pressupondo um processo de crescimento dos parceiros, diferentemente dos vínculos patológicos, em que a manutenção da relação se dá pela estagnação, paralisação... (GOMES, 2006, p.73).

Gomes e Paiva (2003), com base nas idéias de Winnicott, refletem sobre a possibilidade de o casamento ser um espaço de holding na pós-modernidade. Para as autoras, o casamento hoje deve estar ligado a uma noção de mutatividade, transformação, flexibilidade para o novo e diferente, espaço de desenvolvimento interpessoal e de criatividade. Concordo com as autoras, e acredito que seja possível fazer uma aproximação entre a idéia de espaço de criatividade no casamento, com a noção de terceira idade ampla, na definição de Puget e Berenstein (1993), como o tipo mais maduro de vínculo estabelecido por um casal.

O conceito de criatividade em Winnicott relaciona-se ao fato de, em condições favoráveis, o bebê criar o mundo, através de seu gesto, ao mesmo tempo em que cria a si mesmo, possibilitando iniciar o processo de personalização (SAFRA, 2005). Uma das funções

da mãe suficientemente boa seria a de prover ao bebê a ilusão de que foi ele quem criou aquilo que já existia, de oferecer o objeto à criança no momento em que ele se faz necessário. Nas palavras de Safra (2005, p.98, grifo do autor): “a mãe, ao se colocar no lugar onde o bebê, com sua ação, a cria, permite que o *self* da criança aconteça”. Nessas condições, portanto, o bebê pode dispor de seu gesto criativo em seu desenvolvimento, podendo criar o mundo e o transformá-lo. A criatividade seria, portanto, fundante do acontecer humano:

O homem, como ser criativo, vive com um pé na experiência das necessidades e o outro na experiência da liberdade. As necessidades se apresentam no registro biológico e no registro social. A criatividade origina a experiência de liberdade decorrente do gesto fundamental que inicia o devir humano em direção a um sentido sempre em transformação ao longo da vida (SAFRA, 2004, p. 62).

A importância da presença de um espaço de criatividade no casamento decorre da possibilidade de desenvolvimento do vínculo, de crescimento, tanto do casal, quanto das individualidades envolvidas. Parte-se do princípio, portanto, de que a construção de uma conjugalidade plena, ou seja, possibilitadora de um espaço de criatividade (ocupado ou não por um filho), envolva uma escolha de par que tenha como base a elaboração do complexo edípico, sem que a família assim constituída fique sob forte influência da transmissão psíquica transgeracional, (GOMES, 2006), um tipo de transmissão psíquica que se refere a um material psíquico não transformado e não simbolizado.

Um conceito que se mostra bastante útil para pensar a construção da conjugalidade em casais sem filhos por opção é o de projeto vital compartilhado, desenvolvido por Puget e Berenstein (1993), como sendo um dos parâmetros definidores do vínculo conjugal. Os autores o definem como “a ação de unir, e no casal re-unir, representações de realização e conquista, situadas na dimensão de tempo futuro” (p.8). Consideram, ainda, que o modelo

paradigmático de projeto futuro, para um casal, passa pela criação de filhos, reais ou simbólicos.

Ao definir a tipologia de vínculos conjugais, os autores procuram associar cada tipo de vínculo a um projeto compartilhado. Nos vínculos de estrutura fusional de tipo gemelaridade, os menos desenvolvidos, o projeto não inclui a entrada de um terceiro, o que seria insuportável uma vez que significa a quebra da ilusão de manter o vínculo sempre igual, ou ainda pelo fato de o outro ser visto como um perseguidor. Nos vínculos de tipo complementaridade, ainda de tipo dual, os projetos podem ser de diferentes tipos, dependendo do modo de funcionamento, sendo que surgem grandes dificuldades quando o projeto inclui um filho, já que este pode ser tratado como um prolongamento indiscriminado do vínculo, sem a existência de um terceiro espaço, ou ser o representante de uma mudança permanente que é insuportável para o par.

Já nos vínculos cuja estrutura é a de terceiridade limitada, em que o terceiro se faz necessário para que ocupe uma função de excluído, dependendo do tipo de funcionamento, os projetos vitais podem assumir variadas formas: de separação ou de necessidade de conservação do vínculo insatisfatório; serem resultado da superposição de dois projetos individuais que tenham que ter uma marca que informe o diferente, sendo que, no caso de um filho, este pode ser registrado como filho de cada um. Nos vínculos de estrutura de terceiridade ampla, finalmente, o projeto inclui o aparecimento de um terceiro. Nesta configuração vincular, os projetos não permanecem localizados na presença do filho concreto, seja para ser negado, seja para ser tomado como aliado, mas evoluem “para o aparecimento dos sucessos, resultados da combinação e fecundação mental dos integrantes desse vínculo” (1993, p.48).

Pode-se concluir, a partir do que foi exposto acima, que na maioria das vezes em que se referem ao terceiro como um projeto na relação, Puget e Berenstein (1993) dão o exemplo

do filho, mas deixam sempre em aberto, mesmo que veladamente, a possibilidade de não o ser, nunca colocando de maneira categórica que este terceiro *tenha que* ser um filho. Tal posição fica mais clara na explicitação do projeto vital no caso do vínculo cuja estrutura é a de terceiridade ampla. Na definição dos tipos de vínculo e dos projetos vitais que os acompanham, dão apenas um exemplo de um casal sem filhos por opção, que, segundo eles, era entendido em um contexto de complementaridade enlouquecedora, de tipo amparador-desamparado. Mas, disso não pode se depreender que todos os casais voluntariamente sem filhos se encaixem em tal definição, com a ausência de um espaço psíquico para o terceiro e sem a capacidade de uma triangulação fecunda – mesmo que tal fecundidade não seja da ordem da filiação.

Cabe aqui, ainda, uma breve digressão, voltando a Freud, acerca de algumas idéias deste autor sobre maternidade e feminilidade. Como coloca Roudinesco (2003), “Freud excluía a idéia de que seria possível uma separação entre o feminino e o materno, entre o ser mulher e a procriação, entre o sexo e o gênero” (p.147). Isso fica claro na própria conceituação do complexo de Édipo, já que, para a menina, o desejo de ter um filho surge em substituição ao desejo de possuir um pênis, decorrente do complexo de castração. Na teoria freudiana, em determinado período da evolução do complexo de Édipo, a menina espera receber do pai o pênis almejado. Pouco a pouco transforma este desejo em outro: receber, como presente do pai, um bebê. Com o tempo, dá-se conta de que o pai não pode satisfazer seus desejos, desilude-se com ele, e se afasta pouco a pouco, ficando o caminho livre para outra eleição de objeto (LANGER, 1981). Deduz-se, desta forma, que o desejo pela maternidade é um passo no desenvolvimento sexual feminino. Roudinesco (2003), entretanto, localizando as idéias de Freud em um contexto histórico patriarcal, considera legítima uma separação entre o feminino e o materno, discutindo a inversão da ordem procriadora que se

deu com o desenvolvimento de técnicas de regulação dos nascimentos, que deu às mulheres o controle sobre a procriação e o direito ao prazer.

Assim, conforme o acima exposto, constatamos que a psicanálise vem evoluindo desde os tempos de Freud até os dias de hoje e uma das direções em que a teoria se desenvolve é no acompanhamento e observação dos novos modelos de família e relacionamento entre casais, famílias e grupos, visando compreender as formas atuais da busca de vínculos criativos.

IV. OBJETIVO E JUSTIFICATIVA

1. Objetivo Geral

O objetivo geral é o de fazer uma aproximação com as motivações conscientes e inconscientes que levam os casais heterossexuais a optar por não ter filhos. O estudo não parte de alguma hipótese rígida pré-determinada, uma vez que se procura uma abertura para o novo, para o diferente e singular em cada um dos casais participantes, estando de acordo com o referencial psicanalítico que embasará a interpretação dos dados obtidos.

2. Objetivos Específicos

- Investigar o tipo de vínculo conjugal estabelecido pelos casais, buscando refletir sobre a forma como se estabelece, e se mantém, a conjugalidade entre os membros do par.
- Investigar qual dos parceiros determina se o casal não terá filhos, ou se há, de fato, uma escolha consensual. Uma vez que a maioria dos estudos apresentados focaliza o processo de escolha pela mulher, busca-se pesquisar como é o processo de escolha para o homem e para a mulher para que cheguem, ou não, a um consenso.
- Investigar a relação da escolha da maternidade/paternidade com a história passada de vida nas famílias de origem. Busca-se verificar se existe, na história de vida destas pessoas,

de acordo com a bibliografia levantada, perdas significativas, relações objetais infantis conflituosas, imagens negativas construídas sobre a maternidade e a paternidade.

- Investigar a relação da escolha da maternidade/paternidade com a profissão, para se refletir se homens e mulheres que abrem mão da paternidade/maternidade estabelecem uma relação criativa e satisfatória com sua profissão.

3. Justificativa

Como foi apresentado, cresce na sociedade contemporânea o número de pessoas que opta por não ter filhos. Este é um assunto amplamente abordado na literatura científica americana e europeia, mas não se podem desconsiderar as diferenças culturais que envolvem os diferentes países. A realidade brasileira ainda é pouco estudada.

Um importante aspecto suscitado pela bibliografia é o do preconceito sofrido pelos que optam por esta configuração familiar, acompanhado de estereótipos negativos e de pressão social. Um maior esclarecimento acerca deste tipo de opção pode ser importante na redução do desconhecimento que muitas vezes gera preconceito.

Decidiu-se pela utilização do TAT, teste aprovado pelo Conselho Federal de Psicologia, por causa da adequação da utilização destas pranchas na investigação de casais, para o estudo do relacionamento conjugal (PAIVA, 2003): trata-se de um método projetivo, que possibilita uma apreensão profunda de conteúdos dos quais nem sempre o sujeito tem consciência, apropriado para se estudar casais, em função dos conteúdos suscitados em cada prancha (DANA, 1985). Utiliza-se a prancha I por se tratar de uma introdução à tarefa do teste, que geralmente não representa uma situação muito ameaçadora, na qual se verifica a

relação do sujeito com esta tarefa; as pranchas II, IV, V e X por evocarem situações de relacionamento conjugal; a VII MF, pelos conteúdos associados à maternidade e relações com a figura materna, e a XVI (em branco), que permite evocação de qualquer conteúdo. Justifica-se, portanto, a utilização do TAT mesmo que o objetivo não seja uma análise pormenorizada da personalidade de cada participante individualmente, e sim uma análise de aspectos inconscientes que entram em jogo no estabelecimento da dinâmica conjugal.

O TAT ainda pode ser considerado, segundo Herzberg (2000), como uma técnica útil e particularmente importante para estudos que envolvam diferenças culturais e também subgrupos, desde que se exerça cuidado e julgamento. A autora cita diversas pesquisas realizadas no Brasil envolvendo o TAT, incluindo tanto pesquisas com finalidade normativa, como também pesquisas que utilizam o teste para diversos objetivos, entre eles o estudo de aspectos da maternidade, seleção e orientação profissional, criatividade, dificuldade de aprendizado, entre outros. Uma importante crítica ao uso do TAT realizada por Rossini e Moretti (1997, citado por HERZBERG, 2000) diz respeito à falta de um sistema interpretativo que possa ser utilizado sistematicamente, além de dados normativos apropriados. Herzberg (2000), concordando com essa crítica, aponta para o fato de não ser possível fazer uma interpretação satisfatória do TAT sem que se conheçam dados normativos referentes à população pesquisada.

Importante notar que, nesta pesquisa, o TAT é utilizado como instrumento intermediário, ou seja, o interesse está voltado para a escolha de não ter filhos, associada à dinâmica do casal. O foco da pesquisa não recai, portanto, na técnica em si, mas em sua utilização no estudo de casais e famílias.

V. MÉTODO

A metodologia utilizada nesta dissertação inspira-se na clínica-qualitativa, apresentada por Turato (2003) como uma particularização e refinamento dos métodos qualitativos (compreensivo-interpretativos) genéricos das ciências humanas. As expressões ‘método qualitativo’ e ‘método compreensivo-interpretativo’ são utilizadas pelo autor praticamente como sinônimas, pois, segundo ele, “seu objeto são as significações e os sentidos dos comportamentos, das práticas e das instituições realizadas ou produzidas pelos seres humanos” (p. 195).

Na definição do método, o autor coloca que seus pilares são as atitudes existencialista, clínica e psicanalítica. Diferencia-o, entretanto, dos métodos clínico e psicanalítico, uma vez que, para que se utilize tal metodologia não é necessário que se realize algum tratamento psicológico no sujeito, tratando-se apenas de uma aproximação, com uma população que pode ser *não-clínica*, na qual o olhar do pesquisador é permeado pelas atitudes clínica e psicanalítica. A entrevista semi-dirigida aparece como instrumento por excelência desta metodologia, sendo que outros instrumentos, como testes psicológicos, também podem ser utilizados em combinação com a entrevista.

Para Turato (2003, p.242), este é um método que se coloca como recurso na área da psicologia da saúde, buscando dar interpretações a sentidos e a significações trazidos por indivíduos sobre múltiplos fenômenos pertinentes ao campo do binômio saúde-doença. A presente pesquisa, entretanto, não se coloca diretamente neste âmbito de atuação, uma vez que não se parte do princípio de que um casal que opte por não ter filhos apresente algum tipo de *patologia* na relação conjugal. Tratar-se-ia, portanto, de uma expansão do método para uma área de estudos que diz respeito à constituição da família contemporânea, suas características,

e seus aspectos de saúde e de patologia. Espera-se que uma aproximação com esta experiência, que é cada vez mais freqüente na contemporaneidade, possa ser útil como um fragmento no entendimento - ainda que sempre incompleto - das diversas formas de família atuais, seja para o desenvolvimento da teoria ou para o trabalho na clínica com casais e famílias. Creio que este modo de considerar a relação saúde-doença vai além do que o autor apresenta em seu tratado de metodologia clínica-qualitativa, sem, entretanto, ferir suas principais concepções acerca dos pilares que norteiam tal maneira de fazer pesquisa, nas áreas da saúde e das ciências humanas, e em consonância com os objetivos a que se propõe.

1. Participantes

Os participantes da pesquisa foram definidos da seguinte maneira: três casais heterossexuais, casados ou vivendo juntos há um período maior que três anos - que é o tempo que a jurisprudência tem considerado na admissão de união estável, embora o código civil brasileiro não estabeleça um tempo mínimo - e que tenham feito a opção por não ter filhos, de acordo com os critérios estabelecidos por Jeffries e Konnert (2002). Em relação à idade, estabeleceu-se, para os homens, um limite entre 35 e 50 anos, e entre 35 e 45 anos para as mulheres. Tal opção se justifica seguindo a argumentação de que a decisão por não ter filhos diz respeito a um processo que se dá com o tempo, e que as expectativas são mutáveis (KEMKES-GROTTENTHALER, 2003; DEOLLOS & KAPINUS, 2002; CAMPBELL, 1985), o que nos leva a buscar casais em que esta decisão esteja possivelmente mais consolidada. Além disso, buscou-se população masculina com idade inferior a cinquenta anos para evitar uma disparidade de idade muito grande, assim como possíveis distorções quando a

pergunta é feita retrospectivamente (KEMKES-GROTTENTHALER, 2003). O limite superior de 45 anos de idade para as mulheres foi estabelecido para que pudessem pertencer a uma faixa etária próxima da impossibilidade biológica de ter filhos, e, portanto, da irreversibilidade da situação, sem deixar de considerar que, com os procedimentos de reprodução assistida, as mulheres já podem ter filhos após a menopausa. (MANSUR, 2000).

Como critérios para a possibilidade de participação no estudo, ainda, escolheu-se casais em que os dois parceiros possuísem mais de oito anos de estudo, em conformidade com as estatísticas apresentadas em relação às taxas de fecundidade, já que um aumento na escolaridade se associa a uma diminuição no número de filhos. Era necessário, também, que não estivessem em processo psicoterapêutico, uma vez que não se parte da concepção de que esse seja um *problema*, busca-se uma população não-clínica, sem uma queixa que as mobilize a buscar ajuda psicológica.

Como critério de exclusão, não foram aceitos casais que não tinham filhos por decorrência de alguma impossibilidade, ou aqueles em que um dos parceiros já possuía filhos de outros relacionamentos. Também não foram aceitos casais sem filhos que manifestassem o desejo de ter filhos no futuro, ou seja, que estivessem apenas adiando a maternidade/paternidade.

A escolha de três casais é coerente com o que expõem Gerart, Ratliff e Lyle (2001), em um estudo sobre pesquisas qualitativas na terapia de famílias, que consideram que estudos qualitativos não necessariamente ganham poder com o aumento do tamanho da amostra, e que a estimativa do número deve corresponder também ao processo de análise, que é longo no caso desta pesquisa.

Turato (2003) considera que o número de sujeitos em uma pesquisa clínico-qualitativa deve ser superior a três ou quatro. Acrescenta que “costuma-se ter um tamanho final da amostra estando entre seis e quinze entrevistados, faixa numérica que pode ser ampliada para

baixo ou para cima, sempre em consonância com a tensão entre os objetivos propostos e os ditames do campo” (p. 367).

Cabe aqui ressaltar, também, que a definição do método clínico-qualitativo apresentada por Turato (2003) deixa claro que sujeito – *ser humano paciente ou não* - da pesquisa, observado pelo pesquisador, pode envolver qualquer pessoa que possa ser ouvida quanto aos sentidos e significações que atribui aos eventos pesquisados, que conviva de alguma forma com o fenômeno de interesse. O método clínico-qualitativo não envolve, portanto, o tratamento clínico de determinado fenômeno.

Os participantes desta pesquisa são três casais, sem filhos por opção, com as seguintes características:

Casal	Tempo de união (anos)	Idade (anos)		Escolaridade		Profissão		Religião declarada	
		♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂
A	4	41	38	Superior completo	Superior completo	Administradora	Pequeno empresário	Católica não praticante	Ateu
B	5	41	41	Ensino Médio	Pós-Graduação	Professora de dança	Economista	"Multi-Religião"	Católico (por estatística)
C	16	44	49	Mestrado	Mestrado	Pedagoga	Administrador	Nenhuma	Nenhuma

A seleção dos casais se deu na população em geral, não clínica. A idéia inicial do projeto era a de construir uma rede de conhecimento, ou seja, a partir de um primeiro casal, distante afetivamente da pesquisadora que se dispusesse a participar da pesquisa, obter o contato de outros casais que também pudessem fazer parte da amostra. No entanto, nenhum dos casais conhecia ou indicou outros casais sem filhos por opção, ao contrário do que se supunha inicialmente.

Realizou-se um estudo piloto com um casal, que acabou não sendo incluindo no quadro final de participantes. Eram casados há vinte e oito anos, sendo que a esposa tinha cinquenta e dois anos e o marido cinquenta e oito. No projeto inicial de pesquisa, a proposta era a de incluir casais com idades entre trinta e cinco e sessenta anos, sem diferenciação entre as idades dos homens e das mulheres. Com a reformulação dos critérios de inclusão, este casal foi descartado, por terem idades e tempo de casamento muito destoantes dos outros casais participantes, e por não mais existir a possibilidade de concepção biológica, o que os diferenciava dos outros casais em um aspecto bastante relevante para a pesquisa.

O contato com os três casais se deu a partir da rede social da pesquisadora – amigos, colegas de profissão, etc. – que conheciam pessoas que não queriam ter filhos, e colocaram esta última em contato com os possíveis sujeitos. O contato com os casais A e C foi realizado inicialmente com as esposas e, no casal B, com o marido.

2. Instrumentos

- Entrevista semi-dirigida²
- Aplicação das pranchas I, II, IV, V, VII MF (para as mulheres), X e XVI do TAT.

A escolha destes instrumentos, uma entrevista realizada com os membros do par juntos, e TAT realizado individualmente, reflete o desejo e a importância de se pensar o fenômeno sob dois ângulos: o interpessoal e o intrapsíquico, respectivamente. Cada um destes instrumentos serviria como acesso a campos diferentes da experiência dos casais: duas ordens de fenômenos diferentes são acessadas através destes dois instrumentos. Considera-se que

² Roteiro da entrevista: Anexo 1.

ambos os instrumentos, tanto a entrevista quanto a técnica projetiva oferecem ricos dados acerca de aspectos conscientes e inconscientes do fenômeno estudado. Leva-se em conta, entretanto, que apesar de o TAT oferecer importantes elementos pertencentes ao âmbito intrapsíquico, este não pode ser acessado em “estado puro”, já que as respostas são produzidas em um contexto de interação com a pesquisadora, com o tema de estudo, e afetadas por todos os aspectos e ansiedades suscitados na entrevista.

Puget (2007) coloca que, ao contrário dos intersubjetivistas americanos, que desconsideram os aspectos intrapsíquicos, a Psicanálise Vincular não o faz. Para ela, deve-se conservar a vigência das forças do *intra* e do *inter* na contínua formação do sujeito – que não é apenas passado, nem apenas presente –, tendo-se em conta que nunca se poderá apreender o todo, e que a conservação destes dois âmbitos não é coisa simples, pois eles vivem em uma “má-convivência” (comunicação oral)³. Puget e Berenstein (1993) propõem, por exemplo, que se admita uma relação dialética entre diferentes estruturas vinculares, tais como sociedade-família-casal-sujeito, o que permite uma compreensão dinâmica e cabal da interpenetrabilidade de cada um desses contextos: intra e interp-síquicos. Tal concepção fica clara quando afirmam que, na estrutura vincular matrimonial, pode-se distinguir dois tipos de representação: do espaço do macrocontexto social e do Complexo de Édipo, sendo que ambas as representações impõem à estrutura leis de funcionamento de diferente qualidade.

A necessidade de se levar em conta tanto os aspectos intra como os interp-síquicos também fica clara nas teorizações mais recentes de Berenstein (2004), que considera que o ser humano se constitui no interjogo entre dois mecanismos: *representação* (âmbito intrapsíquico), e *apresentação*, mecanismo relacionado com a presença irrepresentável do outro, com aquilo que dele nunca poderá ser apreendido, com sua alteridade irreduzível e

³ Curso “Vínculos Amorosos”, ministrado no XVII Congresso da FLAPAG, VI Congresso do Nesme, VII Jornada da SPAGESP, no dia 02.06.2007.

ainda assim subjetivante. Os dois modelos, as duas lógicas, da *representação* e da *apresentação*, se sobrepõem, de acordo com Puget (2007).

3. Procedimentos

- O primeiro contato com todos os casais se deu por telefone, sendo que, com os casais que aceitaram participar da pesquisa e que corresponderam aos critérios propostos de inclusão foi marcada uma entrevista.

- A coleta de dados se deu em local escolhido pelos sujeitos da pesquisa, sendo que, em todos os casos, apenas o casal estava presente nos horários combinados com a pesquisadora. Todos os casais escolheram suas residências como locais para a realização da pesquisa. Primeiramente, foi explicado aos sujeitos que se tratava de uma pesquisa sobre casais sem filhos por opção, sendo comunicados os instrumentos que seriam utilizados. Lia-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁴, que era, em seguida, assinado pelos sujeitos e pela pesquisadora.

- Realizou-se, em seguida, a entrevista semi-dirigida, que foi gravada com autorização. Em todos os casos, a entrevista foi concluída em um único dia, com duração aproximada de duas horas e meia. As entrevistas se deram com os dois membros do casal juntos.

- A aplicação do TAT ocorreu com os dois membros do casal separadamente, um em seguida do outro. O casal A iniciou pelo marido, enquanto nos casais B e C foi a esposa quem primeiro realizou a tarefa. Em todos os casos, o cônjuge que não estava realizando o teste não ficou no mesmo recinto em que aquele que estava realizando. Os casais A e B fizeram o TAT

⁴ Anexo 2.

em dias diferentes das entrevistas, sendo que no casal A o intervalo foi de um mês, e no casal B de duas semanas. O casal C preferiu realizar o TAT logo em seguida à entrevista.

As instruções dadas para a execução do teste seguiram os comentários de Dana (1985), inspiradas nas instruções sugeridas no manual. O autor sugere que as instruções sejam dadas da maneira como consta no manual – inventar uma história, pedir que se fale sobre o que os personagens estão fazendo, o que fizeram no passado que levou a essa situação e o que farão no futuro, incluindo referências a como pensam e sentem os personagens, pedindo-se um final quando este não é mencionado pelo sujeito – mas aponta para uma alteração nas instruções que envolve a exclusão dos termos *imaginação* e *inteligência*.

4. Análise dos dados

- Inicialmente, realizou-se a transcrição literal das entrevistas e das respostas dadas ao TAT⁵.

- A partir da leitura flutuante das entrevistas para impregnação do discurso, realizou-se uma categorização de tópicos emergentes, segundo critérios de relevância e de repetição.

- Os protocolos do TAT foram analisados de acordo com a leitura psicanalítica proposta por Dana (1985), que leva em conta os conteúdos suscitados por cada uma das pranchas do teste, além da análise de alguns aspectos como a congruência com os estímulos da figura e com as instruções, a distância entre a história e a experiência de vida do sujeito, a presença e intensidade de conflito, além do conteúdo literal da história.

⁵ As entrevistas não se encontram em anexo por representarem, somadas, oitenta e seis páginas datilografadas em fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento 1,0. As respostas dadas pelos casais A, B e C ao TAT estão nos anexos 3, 4 e 5, respectivamente.

- Avaliou-se, também, os aspectos da relação entre os membros do casal e a pesquisadora.

As análises, tanto das entrevistas quanto dos protocolos obtidos, foram baseadas no raciocínio clínico, fundamentado pela teoria psicanalítica, assim como sugerido por Paiva (2003), em que cabe ao pesquisador desvendar as determinações e motivações inconscientes deflagradas no momento da elaboração da resposta. Ao se analisar o TAT, é importante levar em conta que ele ocorreu após as entrevistas, não necessariamente no mesmo dia, mas que aquilo que foi tratado na entrevista, assim como o tema da pesquisa, certamente influenciaram as respostas.

VI. RESULTADOS

1. Casal A:

Fábio e Gabriela⁶, casados há quatro anos. Ele, com trinta e oito anos na época da coleta dos dados; ela, com quarenta e um. Os dois cursaram faculdade, sendo que a esposa cursava uma segunda graduação. Iniciaremos com uma breve exposição acerca da história do casal, abarcando a história de cada um em sua família de origem. Em seguida, apresentam-se as motivações conscientes e declaradas do casal para não terem filhos. Parte-se para a interpretação dos protocolos do TAT. Aspectos da relação com a pesquisadora também são levados em conta.

1.1. A história do casal: construção e manutenção da conjugalidade

O casal se conheceu em uma sala de bate papo virtual na internet, e segundo eles, foram um dos primeiros casais a se conhecer desta maneira, no início da década de noventa. Conversaram por um tempo via internet, marcaram um encontro, saíram algumas vezes e começaram a namorar. Ela terminara um longo relacionamento, de quase dez anos, há pouco tempo; ele, nunca namorara seriamente. O namoro durou cinco anos, cada um morando na casa de sua família de origem. Decidiram morar juntos, e, por desejo do marido, casaram-se

⁶ Todos os nomes são fictícios, para que seja preservada a identidade dos participantes. Alguns dados que pudessem permitir a identificação também foram alterados.

no civil. Fábio é ateu, e não queria se casar na Igreja de maneira nenhuma. Gabriela diz que nunca teve vontade de se casar na Igreja, que acha um grande teatro. Relatam que o fato de os dois já serem decididos, desde antes do casamento, a não ter filhos, foi uma das coisas que fez com que eles ficassem juntos. Falam de um início de casamento bastante conturbado, com diversas brigas, de maneira que o fato de eles terem se unido legalmente provavelmente tenha ajudado a preservar o relacionamento:

Mas eu acho que foi bom a gente ter assinado o papel. No começo de casamento, foi um pouco conturbado. Acho que talvez, vai, nós não nos casamos novinhos, então você já tem uma vida assim, manias, aí juntar essas manias e se adaptar. [...] Talvez se a gente não tivesse assinado um papel, a coisa seria mais fácil de a gente, de a gente abandonar o barco. É uma coisa que a gente já até conversou a respeito. [...]. Hoje não. Hoje graças a Deus está ótimo, a gente está super bem, mas o começo foi bem conturbado.(Gabriela)

Segundo eles, com o tempo, um foi aprendendo a respeitar o espaço do outro, e especialmente a conversar e resolver os problemas, sem tomar atitudes impulsivas. É o esposo quem sempre tomou a iniciativa para as conversas e discussões. Ele se diz bastante observador e por isso consegue ver o problema para tentar resolver. Os dois concordam ao dizer que ambos possuem “gênio forte”, mas que agora conseguem lidar melhor com isso. Gabriela se diz muito nervosa e ansiosa, mas diz que está melhorando. Fala sobre uma época em que, muito nervosa, somatizava, e chegou a ir para o hospital achando que estava tendo um enfarte. Fez terapia e tomou ansiolítico por um intervalo de três anos, aproximadamente. No momento da entrevista, a esposa já não tomava medicamento há mais de dois anos. Ela conta que, naquela época, ficou muito nervosa, pois seu pai fora agredido por um vizinho e teve que ficar hospitalizado. Era ela quem cuidava de seu pai, pois sua mãe estava com depressão.

O casal se organiza basicamente da seguinte forma: é ela quem cuida prioritariamente dos aspectos financeiros, por ser mais organizada que ele e por ter cursado faculdade de Administração de Empresas. Em relação aos afazeres domésticos, Gabriela diz que o marido a ajuda se ela pedir, só que ele é mais bagunceiro. Ela diz que se tornou menos exigente com a convivência. Nenhum dos dois gosta de cozinhar: fazem lanches, consomem comidas congeladas, ou comem em restaurantes. Como os dois trabalham durante o dia e ela faz sua segunda faculdade à noite, eles pouco ficam juntos durante a semana, conversam já na cama, próximos do momento de dormir, por uma meia hora. Fábio dorme mais tarde que ela. Nos finais de semana, relatam que ficam juntos o tempo inteiro, que não se desgrudam. Ele, entretanto, diz que, quando ela acabar a faculdade, pretende voltar a sair com os amigos dele aos finais de semana.

1.2. Aspectos da história de vida e transgeracionais:

Gabriela: Ao falar de sua família de origem cita sua mãe, já falecida, seu pai e uma irmã, cinco anos mais velha, que é casada e tem uma filha. Seus pais foram casados até a morte da mãe e, segundo Gabriela, era um relacionamento com muitas brigas. Diz que seu pai era muito “bronco”; sua mãe, frágil, sempre adoentada, com tendências depressivas.

Coloca uma falta de identificação com a mãe na infância:

Então minha mãe passou um pouco batido na minha infância, porque o meu pai era uma presença muito forte, e a minha mãe era mais normal, ela estava mais ali. Só que daí para frente, quando houve essa... (diminuição na proximidade com o pai, que, até sua adolescência, fora seu grande “herói”, com quem eles faziam diversas brincadeiras “de menino”) aí eu comecei a

centrar mais na minha mãe. Minha mãe era uma pessoa mais frágil, ela sempre teve problemas de saúde, apesar de que ela faleceu, ela tinha setenta e cinco anos, já... Mas ela sempre teve problemas de saúde, sempre teve “n” problemas. E ela era uma pessoa muito boa, muito... Então... Falar da minha mãe é mais difícil. Vou pular... Fala você, depois eu volto...
(Gabriela)

Sobre sua irmã, diz que sempre foram amigas, companheiras, e era Gabriela quem agia como se fosse mais velha, querendo proteger a irmã. Atualmente a relação não é tão boa, pois o casal considera que a irmã tem muita inveja de Gabriela.

Em relação ao casamento dos pais diz que sua mãe era dependente financeiramente, mas que não era submissa, colocava suas vontades, o que gerava diversas brigas, em função do jeito “bronco” de seu pai:

Os meus pais sempre foram muito nervosos e sempre discutiram muito, eu fui criada nisso, e eu percebo que eu trouxe um pouco disso também, mas hoje eu acho que estou conseguindo. Acho que o principal: eu consigo ver isso, que eu tenho esse problema, e consigo trabalhar em cima disso.
(Gabriela)

O pai era funcionário público. A mãe trabalhara, mas abandonou o emprego quando engravidou. Passou a ajudar fazendo doces e bolos para fora, além costurar. Nota-se um relacionamento bastante tradicional estabelecido por seus pais. Gabriela acha que, apesar das discussões, “do jeito deles” eles se gostavam e se davam bem. Diz que seu pai era muito cuidador e que era ele quem cuidava de sua mãe, que tinha a saúde fraca.

Fábio: Quando questionado sobre sua família de origem falou da mãe e do pai, ainda vivos e casados, de uma irmã mais nova, que também não quer ter filhos, e de seus quatro avós, que estão vivos até hoje. Fala de uma boa relação com a mãe, e de um relacionamento

muito conturbado, repleto de brigas, com seu pai e com sua irmã. Ao contrário de Gabriela, sua identificação na infância foi mais com a mãe. Segundo ele:

Minha relação com a minha mãe sempre foi muito boa. Meu pai, difícil, bem mais difícil, a gente sempre brigou muito. Desde criança. Parou depois que casou porque eu tenho minha própria casa e não tem mais jeito de meter o nariz. Enquanto a gente morou junto a gente brigava quase diariamente. Mas também nunca me afastei. Por mais problema que tenha sempre fui apegado com a família, né? (Fábio)

Fábio coloca que tanto o pai quanto a irmã são muito ligados aos valores materiais, e que ele não gosta disso. De acordo com sua esposa:

Ele é muito parecido com a mãe, e a irmã muito parecida com o pai. Fisicamente e na personalidade. É engraçado. (Gabriela)

Sobre o casamento dos pais, fica claro, a partir das falas de Fábio, que estes estabeleciam uma relação fusional, em que os filhos eram muitas vezes deixados de fora. O pai possui uma pequena empresa – da qual Fábio é hoje sócio - e a mãe trabalhava como secretária, mas parou de trabalhar quando engravidou. Diz que a mãe é submissa ao pai, que nunca o contraria:

Acho que acabaram seguindo... se tornaram um só, assim, em pensamento. O que um pensa o outro pensa igual. Não tem muita discussão, muita conversa. Eles se dão muito bem.(Fábio).

Diz que seus pais sempre viajaram muito, que conhecem o mundo inteiro, e que, ou deixavam os filhos com os avós, ou sozinhos quando já eram um pouco mais velhos.

1.3. As motivações apresentadas para não desejarem ter filhos:

Como as motivações apresentadas por todos os casais estão em consonância com as categorias apresentadas por Park (2005), a nomenclatura apresentada por esta autora será mantida aqui. Como já foi exposto, são estas as categorias: experiência com modelos de parentalidade; fatores de personalidade e habilidade parental; objetivos relacionados à carreira e ao desenvolvimento profissional; um estilo de vida orientado para o mundo adulto; sentimentos em relação a crianças, como o desconforto ou o desinteresse; preocupação com o crescimento populacional. Proponho uma substituição de “preocupação com o crescimento populacional” por “preocupação com a humanidade”, pois acredito que as falas de alguns casais englobem mais do que apenas o crescimento da população. Acrescento, ainda, outra categoria, “prioridade dada à satisfação conjugal”. Esta é uma divisão que não deve ser encarada de maneira estática, pois, pela grande inter-relação, muitas vezes uma determinada motivação declarada envolve mais de uma categoria.

O casal A diz que a escolha se configurou naturalmente, que nenhum dos dois tinha vontade de ter filhos, sendo que sempre evitaram a gravidez com métodos anticoncepcionais. A complexidade e a ambigüidade da decisão aparecem, por exemplo, quando a esposa chega a cogitar que, se um dia desejasse, adotaria uma criança. Depois reafirma que não desejará:

E até hoje eu acho que, se um dia eu mudar de idéia, isso eu acho, aí ele já não acha, já ficaria mais complicado, eu adotaria uma criança. Eu me realizaria tanto quanto se essa criança nascesse de mim, e essa criança já estaria aí, eu não colocaria mais uma pessoa no mundo, ela já estaria aí. E aí acho que eu ia poder ajudar a minimizar o sofrimento dela. Mas isso não é nem uma coisa trabalhada, é mais se um dia eu sentisse necessidade de

ser mãe eu tenho certeza de que eu iria por esse lado. A gente sempre evitou, mas eu não sei se acontecesse de eu ficar grávida, apesar de que a gente faz de tudo para que isso não aconteça, se acontecesse aí eu já não sei se eu teria coragem de interromper uma gravidez. (Gabriela)

O esposo, ao contrário de Gabriela, mostra-se convicto de sua decisão em toda a entrevista. As seguintes categorias englobam as motivações citadas pelo casal, apresentadas na ordem em que surgiram na entrevista:

- preocupação com a humanidade:

Eu acho que a gente vive num mundo já tão complicado, tão difícil, que você colocar mais uma criança que você não sabe nem até onde vai isso, o ser humano está destruindo até o Planeta Terra. Não se sabe nem se a gente vai ter um planeta daqui a uns anos, quanto mais para uma criança. (Gabriela)

- estilo de vida orientado para o mundo adulto: este discurso surge nos dois membros do casal, e o aspecto da comodidade é bastante valorizado por Fábio:

Foi mais comodidade mesmo, acho que eu fiz minha vida tão certinha assim para ter uma tranquilidade, a gente viaja quando quer, sai a hora que quer. (Fábio)

O casal cita diversos aspectos da vida que influenciaram nesta decisão: estilo de vida; as viagens que eles gostam muito de fazer; a questão da alimentação, já que nenhum dos dois gosta de cozinhar, e uma criança precisa de alimentação saudável; a questão financeira.

Interessante observar que, ao falar das viagens, Fábio enfatiza o fato de um casal com filhos ter que mudar seus hábitos. Quando eles não mudam, a criança acaba sofrendo. Pelo que foi visto na sua história de vida, parece que seus pais não mudaram muito seus hábitos depois que se tornaram pais, motivo de sofrimento para os filhos. Em relação às viagens, ficou muito marcado o quanto o casal aprecia viajar aos finais de semana e em férias pela dificuldade encontrada para marcarmos as entrevistas na casa deles, pois eles não estavam disponíveis em diversos finais de semana.

- experiência com modelos de parentalidade: tanto Fábio quanto Gabriela citaram histórias de conhecidos com filhos, dizendo que não é isso que eles queriam para a vida deles. Os dois, entretanto, dizem que gostam de estar com os filhos dos amigos e parentes, que gostam de estar com crianças, desde que não tenham responsabilidade sobre elas: *“brinca aqueles cinco minutos, mas não queria ter criança em casa, de jeito nenhum”* (Fábio).

- fatores de personalidade e habilidade parental: de acordo com Gabriela:

eu acho que para ser mãe mesmo, eu acho você teria que abdicar de um monte de coisa da sua vida, que é como minha mãe fez, e como hoje as mulheres não fazem. E aí a pessoa tem que nascer com aquela vocação de ser mãe, sei lá, o que não aconteceu comigo. (Gabriela)

A esposa enfatiza na entrevista que não é uma pessoa cuidadora. Diz que é o marido quem tem mais paciência e que cuida mais dela do que ela cuida dele. Segundo ela, não seria uma boa mãe, mas ele seria um bom pai. Ele, por sua vez, diz que é bom com os filhos dos outros, que ele não tem que cuidar.

- objetivos relacionados à carreira e ao desenvolvimento profissional: este assunto não surgiu espontaneamente na entrevista. Quando questionados, Gabriela comentou que, se tivesse um filho, com certeza não estaria cursando sua segunda faculdade, o que ela valoriza bastante. Gabriela trabalha em período integral como administradora. Relata que gosta do que faz, e que não se arrepende de ter feito faculdade de Administração. Ela cursa Letras, e considera que: *“se eu tivesse feito Letras quando eu fiz Administração, com dezessete anos, eu não teria aproveitado o que eu estou aproveitando hoje [...] Acho que foi no momento certo as duas”*. Diz-se bastante satisfeita nesta faceta de sua vida, embora pareça estabelecer uma relação não tão satisfatória com a primeira profissão.

Fábio não associa a ausência ou presença de filhos com uma mudança na relação com o trabalho. Ele fez faculdade de Radialismo, estagiou nesta área, mas acabou desistindo, por não gostar. É micro-empresário, sócio da empresa de seu pai.

1.4. O TAT

Fábio: Foi o primeiro a realizar o TAT. A partir das respostas dadas às pranchas, pôde-se verificar que:

Em relação à congruência entre a história apresentada e os estímulos da figura, nota-se que não se realizou nenhuma distorção ou omissão significativa. Fábio mostrou preocupação em seguir corretamente as instruções recebidas, contando histórias com começo, meio e fim. Ele se envolveu bastante na tarefa proposta, e contou histórias bastante criativas e coerentes, utilizando-se do bom humor em muitas delas.

No que diz respeito à distância entre a história e a experiência de vida do sujeito, percebe-se que em nenhuma delas Fábio se deixou misturar com a história da prancha, o que mostra uma estrutura de ego construída satisfatoriamente. Em todos os relatos, entretanto, apresentou conteúdos bastante próximos de sua experiência, o que pode ser entendido como a ausência de necessidade de se defender muito, em relação a conteúdos ansiogênicos suscitados. Na prancha XVI, por exemplo, fala de uma vivência real que tem com a esposa, de satisfação através da conjugalidade, sem trazer a presença de um filho como necessária.

Quando à presença e intensidade de conflito, os conflitos presentes nas pranchas apresentam soluções possíveis. Ao contrário da esposa, Fábio não se mostrou desconfortável para realizar o teste, embora, quando terminou, tenha perguntado à esposa se ela estava “pronta para sofrer”.

Uma das maneiras possíveis de se compreender o conteúdo das respostas dadas é apresentada a seguir:

Na prancha I, que suscita conteúdos relativos às conquistas e em que é freqüente a inclusão de figuras significativas na infância (DANA, 1985), Fábio fala sobre um menino triste e amedrontado, que quebrou o violino do pai e leva um castigo. Apesar de o pai aparecer como uma figura que pune, é ele também quem conserta o violino. Nesta prancha, Fábio se coloca no lugar “do menino que faz arte”, posição que ele assumirá também em outras pranchas. Pode-se pensar que este posicionamento frente ao mundo seja em grande medida incompatível com tornar-se pai e assumir as responsabilidades disso decorrentes, o que torna sua decisão coerente.

Já à prancha II, que pode evocar conteúdos referentes a relações familiares e qualidade de vida, assim como aspiração profissional (DANA, 1985), ou ainda associações referentes aos papéis femininos – maternidade versus realização profissional (MURRAY, 2005), a resposta dada envolve a valorização do estudo, como meio de sair da situação tradicional

trabalhador braçal/ mulher grávida. A menina da história sai da roça, cursa uma faculdade na cidade e consegue romper com os padrões recebidos na família, assim como Fábio, que rompe com o padrão social de valorização da paternidade. Interessante observar que ele constrói a história pelo ponto de vista da garota, apenas citando o homem. Na entrevista, pode-se observar que ele demonstra uma maior proximidade com sua mãe do que com seu pai e que, no relacionamento conjugal, é ele quem assume os papéis considerados mais “femininos”, como ser paciente e cuidador, além de gostar de “discutir a relação”. Além disso, não configura uma situação triangular, já que a moça não mora na fazenda, está apenas passando por ela.

Na prancha IV, que suscita o balanço de poder na relação homem-mulher, assim como as atitudes em relação a si e ao sexo oposto (DANA, 1985) inicia a história com um distanciamento (“*Parece o James Dean*”) e depois conta uma história de uma relação conjugal bastante tradicional (“*talvez isso tenha sido passado para ela pela mãe, pela avó.*”), em que nenhum dos membros do par está satisfeito. É desse tipo de relacionamento que ele parece estar “fugindo” ao assumir um casamento nos moldes pós-modernos (GOMES; PAIVA, 2003). Embora Fábio relate a presença de conflito e insatisfação, nenhum dos personagens, nem o homem nem a mulher, tem a coragem ou a força suficiente de romper com este padrão.

Mais uma vez, na prancha V, prancha que suscita conteúdos como os de curiosidade, pressão parental, suspeita ou desconfiança (DANA, 1985), Fábio coloca-se no lugar do filho bagunceiro e que “apronta”, e que é punido, desta vez, pela mãe. Fala de uma mãe até certo ponto autoritária, que obriga o filho a estudar e que depois vai tomar a lição dele, só que o filho não se submete a isso e foge para jogar bola com os amigos. Trata-se de uma revolta adolescente do filho contra aquilo que é instituído pelos pais, conteúdo que ele tratou com bom humor nesta prancha.

Na prancha X, relativa à afeição, à sensibilidade e à responsividade frente a um contexto heterossexual (DANA, 1985), Fábio apresenta uma história de um casal que envelheceu junto, e que enfrentou todos os percalços da vida com união. Em sua idealização de um casal feliz, coloca filhos e netos neste contexto. Entretanto, depois que os filhos saem de casa, o casal, sozinho, mantém a conjugalidade e a felicidade no casamento. Ele percebe a prancha de duas maneiras diferentes, uma na vertical e a outra na horizontal. A prancha na horizontal evoca o tema da morte do esposo, que o angustia muito, e ele resolve apenas contar a história da prancha na vertical.

Logo na prancha seguinte, a XVI, depois de perguntar se poderia contar uma história pessoal, fala de um casal ideal que se completa com sua conjugalidade, sem netos ou filhos. Esta é uma prancha que pode remeter a uma situação ideal de vida, ou a um problema recorrente (DANA, 1985). A pergunta feita à pesquisadora pode ter servido como apaziguadora do conflito suscitado assim que viu a prancha. Ele inicia a história apenas descrevendo uma sala, mas, a partir disso, fala dos personagens que vivem nesta casa que, assim como os personagens da prancha anterior, envelhecem felizes, mantendo a felicidade e a proximidade conjugal.

Gabriela: Inicialmente, chama a atenção a dificuldade que Gabriela teve para realizar a tarefa, em função da alta ansiedade suscitada, o que fez com que ela afirmasse, várias vezes, que era péssima para contar histórias. Um fato a ser considerado na análise, e que ela relatou depois da aplicação do instrumento, é que o aniversário de dois anos da morte de sua mãe havia sido há pouco tempo, e que ela estava fragilizada por conta disso. A partir das respostas dadas às pranchas do TAT, pôde-se verificar que:

Em relação à congruência entre a história apresentada e os estímulos da figura, assim como o marido, não apresentou distorções ou omissões significativas.

Em relação à congruência entre as histórias apresentadas e a instrução recebida, em algumas pranchas, como a prancha IV, ela contou histórias não muito aprofundadas, como se quisesse terminar logo. A interferência da pesquisadora foi necessária em alguns momentos, para elogiar as histórias contadas, acalmando Gabriela, e incentivar na produção das respostas.

No que diz respeito à distância entre a história e a experiência de vida do sujeito, percebe-se que, no início dos relatos, Gabriela conseguia um certo distanciamento, mas que depois perdia este controle, sentindo-se, inclusive, muito exposta. Isso aconteceu com clareza, por exemplo, na prancha II. Em suas palavras: *“a gente coloca muito da gente nisso aqui, por isso que eu não gosto”* ou, na prancha I: *“mesmo quando eu escrevo, eu não gosto de ler alto o que eu escrevi, porque eu acho que eu coloco muito o meu sentimento na coisa, então eu me sinto meio... muito exposta, sabe?”*. Ao dizer isso, ela foi questionada se queria parar, mas ela disse que continuaria sem problemas.

Quando à presença e intensidade de conflito, percebe-se que nas pranchas I, II e VII MF há um conflito muito intenso. Já em outras histórias, como as das pranchas V e X, Gabriela não fala sobre nenhuma situação conflituosa, o que pode significar uma maneira de se defender da ansiedade provocada.

Interessante observar que os conteúdos suscitados pelas pranchas foram semelhantes aos conteúdos apresentados por seu marido, embora as histórias e os desfechos tenham sido diferentes. Eles têm uma percepção semelhante, mas a fragilidade egóica dela é maior. A partir do momento em que acreditamos que a escolha de parceiro seja fortemente influenciada por fatores inconscientes presentes nos dois membros do par, esta coincidência de diversos

aspectos nas histórias criadas passa a ser percebida não apenas como uma semelhança casual: conflitos inconscientes semelhantes podem ser determinantes da escolha conjugal.

Na prancha I, Gabriela apresenta uma característica mais depressiva, sendo que o menino que toca o violino é fortemente identificado com seu pai (*“ele acaba futuramente aprendendo a tocar o violino, para conseguir entender mais o sentimento que o pai dele tinha em relação ao violino”*), assim como ela relatou ser em sua infância. O violino não pertence ao menino e sim ao pai, assim como na história contada por seu marido.

Na prancha II, ela estabelece uma situação triangular, mas em que os personagens não se encontram no mesmo tempo cronológico: trata-se de uma moça, com quem ela se identifica, pensando sobre a vida de seus pais. O bebê que a mulher carrega é essa própria moça. Nesta prancha aparece uma forte ambivalência, que será verificada também em outras histórias, no conflito entre ser como os pais ou tentar ser diferente deles. Ao mesmo tempo em que esta moça quer estudar para ser diferente dos pais e sair da roça, encontra-se melancólica e em dúvida, pensando que talvez seus pais fossem mais felizes. Fala sobre um mundo em evolução, no qual o estudo é o meio de ascensão.

Gabriela inicia descrevendo a prancha IV, em uma tentativa de controlar a ansiedade por ela suscitada. Aos poucos, caracteriza um conflito existente entre os personagens. Conta a história de um casal que não está apaixonado, em que a mulher tem necessidade do homem, que não a ama mais. O homem quer fugir, mas a mulher o segura, sendo que, no final, ela fracassa e o homem vai embora. Demonstra, nesta prancha, um intenso medo de ser deixada, identificando-se com a mulher submissa. Não se aprofunda mais na história, em uma atitude defensiva, devolvendo a prancha à pesquisadora.

Na prancha V, Gabriela conta uma história banal, sem conflitos, como forma de se defender dos conteúdos evocados. Ao final da mesma descreve o ambiente, neste mesmo

padrão de ação defensiva. Insere a figura de um filho na cena, mas não se aprofunda na relação entre a mãe e o filho.

Ao contrário de todas as outras pranchas até então, na prancha VII MF, Gabriela começa rapidamente a contar a história, sem falar que o teste é difícil ou que não gosta de contar histórias. Isso pode ter sido causado por uma forte identificação que ela apresentou com a menina que carrega a boneca. Trata-se de uma relação mãe-filha, em que a mãe tenta ensinar as coisas da vida para a filha, mas esta não presta atenção. Mais uma vez aparece a temática da repetição versus ruptura com os padrões parentais. Gabriela fala de uma menina “moleque”, que não se identifica com as brincadeiras “femininas” (a boneca), e tem vontade de ir para a rua, de andar de bicicleta, de carrinho de rolimã. É, basicamente, uma filha tentando não se identificar com esse papel de cuidadora. Entretanto, ir contra os ensinamentos de sua mãe parece ser muito angustiante, e ela acaba fazendo um final reparatório e racional para sua história. Esta história se assemelha à história contada na prancha II, em que a menina, decidindo romper com o estilo de vida de seus pais, acaba em dúvida, pensando que talvez eles fossem mais felizes.

Na prancha X Gabriela começa rapidamente a contar uma história, assim como na prancha anterior. Ela parecia estar mais à vontade na tarefa proposta. Esta prancha mostra uma constatação de que o vínculo conjugal basta para a plenitude de um casal, de que não há a necessidade de terceiros. É um casal, assim como o casal apresentado pelo marido, que consegue manter uma conjugalidade no envelhecimento.

Na prancha XVI, depois de um “choque” frente ao estímulo (*“Ah meu Deus! Essa é a pior! Ah, não sei o que falo dessa!”*), Gabriela conta uma história bem ambígua, que se inicia com um nascimento, seguindo-se uma história de vida, marcada por uma infância frágil, sem desenvolver muito os temas levantados. Depois do término da aplicação, ela diz que poderia ter falado de sua vida, mas não quis, para não se colocar demais e não se sentir exposta.

1.5. Observações sobre a relação do casal com a pesquisadora

O casal estabeleceu comigo uma boa relação. A dificuldade em marcar uma data para a entrevista, devida às viagens do casal, seja a trabalho ou por lazer, além de trabalharem durante o dia e de Gabriela fazer faculdade à noite, deixou-me apreensiva. A mesma dificuldade ocorreu para o agendamento de um dia para a aplicação do TAT, que ocorreu quase um mês após a entrevista. Os contatos, nestes momentos, foram sempre realizados com Gabriela. Quando se conseguia marcar uma data, entretanto, fui sempre recebida com muita simpatia e disponibilidade.

A coleta dos dados ocorreu na sala de estar do apartamento do casal, que se preocupou sempre em oferecer água, café ou algum petisco. Sentaram-se em duas poltronas, oferecendo-me o sofá, de modo a estabelecer a configuração de um triângulo praticamente equilátero. Durante a entrevista, ficou claro o respeito à palavra do cônjuge: ambos se preocuparam em não “falar pelo outro”, dando sempre a palavra ao companheiro.

Fábio utilizou-se do bom humor na entrevista, levando-me a rir em diversos momentos. Enquanto ele transmitia uma sensação de relaxamento, Gabriela parecia um pouco mais tensa. Senti-me muito à vontade com o casal, exceto em dois momentos, que suscitaram certa angústia: o primeiro, quando Gabriela começou a falar de sua família e de sua mãe, e emocionou-se, pediu para que o marido continuasse falando e só depois retomou a palavra. Neste momento, senti-me um tanto intrusiva. O segundo momento foi durante a aplicação do TAT de Gabriela, que ficou muito angustiada. Cheguei a perguntar se ela gostaria de parar, mas ela resolveu continuar. Nas últimas pranchas, já se mostrou mais à vontade, o que diminuiu em mim a sensação de, mais uma vez, estar sendo intrusiva. Após o término da aplicação do instrumento projetivo com os dois membros do casal, senti que Gabriela ainda

estava fragilizada, não estando segura para ir embora naquele momento. Fiquei durante algum tempo conversando com eles, respondendo a perguntas que eles fizeram sobre o TAT, continuando a conversa até ter a sensação de que Gabriela estava mais organizada. Interessante observar que os momentos em que tive a sensação de ser intrusiva dizem respeito à individualidade de Gabriela – âmbito intrapsíquico – e não ao vínculo do casal. Em nenhum momento senti que me era negado espaço no contexto da relação do par, pelo contrário, sentindo-me muito bem acolhida por eles.

Em diversos momentos da entrevista e em conversa depois da aplicação do TAT, valorizaram muito a Psicologia e o trabalho dos psicólogos. Gabriela manifestou uma vontade que sempre teve de estudar Psicologia e fez diversas perguntas sobre o teste utilizado.

Ao final da entrevista, concluíram que esta oportunidade de conversar sobre o relacionamento deles e sobre a opção por eles realizada de não ter filhos foi muito boa para eles também, além de terem podido ajudar-me em meu trabalho. Trata-se de um casal que suscitou uma sensação de, utilizando as palavras de Fábio, “carinho total”, de grande proximidade, de apaixonamento e, principalmente, de contínuo crescimento.

2. Casal B:

Camila e Maurício, casados há cinco anos, depois de um namoro de três, ambos com quarenta e um anos na época da entrevista. Camila, artista e professora de dança, concluiu o ensino médio. Maurício, economista, fez pós-graduação. Enquanto ela se declara “multi-religião”, acreditando em vários aspectos de diversas religiões, como o catolicismo, espiritismo e budismo, ele se diz “católico por estatística”, não praticante.

2.1. A história do casal: construção e manutenção da conjugalidade

Este casal, assim como Fábio e Gabriela, também se conheceu pela internet, em uma sala de bate-papo, na época em que as salas de bate-papo estavam em seu início. Ficaram uma semana inteira conversando pelo telefone e marcaram um encontro. Ao falar deste encontro, Camila diz que gostou muito de Maurício, que o achou muito simpático e interessante, mas que não foi amor à primeira vista, que ela estranharia se alguém lhe dissesse que aquele era o homem com quem ela se casaria. Foram consolidando a relação e namoraram por três anos antes do casamento. Quando se conheceram, nenhum dos dois queria casar: ela, por medo de perder sua independência; ele, sem querer se casar cedo, pois gostava muito de morar na casa dos pais. Aos trinta e cinco anos resolveram se casar.

O casal enfatiza o quanto a relação foi propiciadora de desenvolvimento para ambos; relatam as diversas conquistas que tiveram juntos, como parar de fumar:

Nossa conquista juntos! Quantas coisas, eu sempre falo isso, a gente conversando, como a gente, as coisas que a gente melhorou depois que a gente casou. Então assim, o Maurício emagreceu... A gente fumava. Aí, as coisas que a gente já foi adquirindo, a gente foi melhorando. Economicamente a gente melhorou depois que a gente casou, os dois, né? Melhoramos economicamente, de saúde... Paramos de fumar... E ele descobriu que ele gostava de cozinhar, porque ele não sabia disso. [...] Foi depois que ele casou que ele descobriu isso... (Camila)

Sobre a construção da conjugalidade deste par, é interessante observar que Camila traz, conscientemente, algumas semelhanças entre seu pai e seu marido como determinantes da escolha: “E dizem que a gente procura até algumas características, no marido ou na mulher, quando você é grande, né? E algumas coisas do meu pai eu vejo no Maurício”.

Ao falar da percepção que têm acerca do casamento, dizem que este não é nada tradicional em alguns pontos, e ao contrário, extremamente tradicional em outros. Por um lado, declaram-se como um casal em que cada um tem um espaço individual preservado, para o trabalho e para os amigos. A divisão das tarefas em casa é caracterizada pela flexibilidade, não obedecendo à divisão tradicional: Maurício, por exemplo, adora cozinhar, e é ele quem assume o preparo das refeições em casa. Além disso, Maurício coloca que é uma pessoa que não tem ciúmes, que não vê problema em ter uma esposa dançarina que, inclusive, viaja a trabalho. E, certamente, por não terem filhos por opção. Definem o casamento como “*liberal com responsabilidade*”. Por outro lado, estão sempre com as famílias de origem, o que faria deles um casal tradicional. Este duplo aspecto do casamento se revela em falas como as que se seguem:

Então não tem nada de tradicional, não tem nada daquele negócio: de ela chegar, ela que tem que fazer as coisas de casa, ela que tem que cozinhar, ela que tem que ir lá... Eu que cozinho, por sinal sou eu que cozinho aqui em casa. (Maurício)

Eu acho que o nosso casamento tem algumas coisas bem tradicionais mesmo. Por exemplo. Olha, quer mais tradicional que isso, veja só: todo final de semana a gente está em família. Sempre em família. Família mesmo, aquela coisa... Outro dia, quando a gente fica muito tempo sem ver os pais dele, não é só ele que sente saudade, eu sinto também. Nesse ponto é um casamento bem família! (Camila)

Sobre o relacionamento com as famílias de origem, principalmente a de Maurício, contam que passam com eles quase todos os finais de semana, em sítio comprado por Maurício e por seus irmãos. Segundo o casal, a motivação para a compra do sítio foi a mudança dos pais dele para uma outra cidade, o que fez com que todos os irmãos se mobilizassem para continuarem unidos, depois da perda do “*ponto de referência*”, que era a

casa dos pais. Ambos concordam que, se um não se desse bem com a família de origem do outro, o casamento teria acabado.

De acordo com o casal, têm uma rotina bastante agradável: viajam quase sempre para o sítio, ou ficam em casa juntos, fazem caminhadas, assistem a filmes, vão a restaurantes... Ambos concordam que têm a mesma visão de vida e que gostam de estar juntos, que se dão bem tanto na rotina do dia-a-dia quanto nas viagens. Segundo eles, há “*pequenas bobeirinhas do cotidiano*”, como discussões acerca da toalha no banheiro, do controle remoto, do fato de os dois torcerem por times rivais... Entretanto, apesar das brigas pelo controle remoto e de terem mais de uma televisão em casa, acabam assistindo à televisão sempre juntos! Falam do prazer que Maurício tem em cozinhar, e dos jantares que prepara para o casal. Em relação à organização das tarefas domésticas, relatam que a divisão é espontânea, ambos colaboram, e que nunca tiveram brigas por este motivo. Revezam-se, também, no cuidado com as plantas, “*xodozinhos*” do casal.

Este é um casal que estabelece um vínculo conjugal com características de complementaridade (PUGET; BERENSTEIN, 1993). Ela, artista, expansiva, emotiva; ele, pragmático, contido, racional.

2.2. Aspectos da história de vida e transgeracionais:

Maurício: sua família de origem é composta pela mãe e pelo pai, casados, e três irmãos: uma irmã, cinco anos mais velha, e um casal de gêmeos, um ano mais novo do que ele. Inclui também um avô, que viveu na mesma casa que a família até falecer. Define sua família de origem como uma família típica italiana, todos muito apegados. Um dado muito

interessante é que nenhum dos irmãos de Maurício, assim como ele, tinha o desejo de ter filhos. Segundo ele, dois tiveram, mas por descuido. Chama a atenção o fato de Maurício se referir sempre à mãe ao contar sobre a família de origem, e não ao pai. Ele parece ter uma forte ligação com ela, que fica evidenciada em falas como esta:

E se não tivesse casado eu morava com a minha mãe até hoje! A melhor coisa do mundo é morar com a mãe! Principalmente para homem, né? Eu saí de casa com trinta e cinco anos de idade! Se não tivesse casado estava morando na casa da minha mãe até hoje (Maurício).

A família de seu pai é pequena, mas a de sua mãe, muito grande, e todos, segundo ele, se vêem a toda hora e são muito próximos.

Em relação ao casamento de seus pais, comenta que estes são casados há quarenta e cinco anos. É um relacionamento que se estabelece em bases tradicionais, em que o pai trabalhava como contador em uma empresa e a mãe cuidava da casa e dos filhos. Ela trabalhava, como costureira, profissão de seus pais, antes do casamento. Maurício conta que os pais sempre tiveram problemas em virtude da presença do avô paterno de Maurício, que viveu com o casal desde o casamento até a sua morte, que ocorrera quatro anos antes da data da entrevista:

Só agora, os dois, com quarenta e poucos anos de casado... Minha sogra fala assim: “Agora eu estou me sentindo como se eu tivesse acabado de casar!”. Porque desde que ela casou, ela nunca teve aquela coisa assim, a casa para ela e para o marido dela. O dia que ela botou o pé dentro de casa já foi ela, o marido e o sogro [...] Para ela não foi nada fácil! É uma graça ver os dois agora! (Camila).

Pode-se pensar, a partir disto, que os pais de Maurício só puderam ter um espaço de conjugalidade pleno depois de mais de quarenta anos de casamento. Após isso, resolveram morar em uma outra cidade, sem, inclusive, a presença constante dos filhos.

Ao falar da família de origem do marido, Camila relata que Maurício se parece muito com sua mãe, ambos bastante ansiosos, enquanto o pai parece ser uma pessoa mais tranqüila.

Camila: ao falar de sua família de origem, Camila cita a mãe e o pai, que se divorciaram quando ela tinha dezesseis anos, e um irmão mais novo, que também não tem o desejo de ser pai. Depois do divórcio, seu pai se casou novamente e teve mais um filho. Camila conta que, quando era criança, tinha uma relação mais próxima com o pai do que com sua mãe:

Sempre foi aquela coisa! Meu irmão e minha mãe são uma coisa, eles são parecidíssimos, um é o outro, né, Maurício? É impressionante como eles... E eu me dava muito bem com o meu pai, sempre me dei muito bem com ele. Então desde pequena, era... Senti muito, na separação, de ficar longe dele. Quando ele foi embora, né. Senti demais. Eu sempre fui muito mais próxima dele. É normal, né, filha mulher, acho que com o pai...(Camila).

Camila conta de um bom relacionamento que ela estabeleceu com a nova família do pai. Entretanto, depois que ele faleceu, ela acabou se distanciando da esposa do pai e do irmão.

Acerca de seu relacionamento com a mãe, Camila relata uma grande proximidade que se estabeleceu, principalmente após o divórcio dos pais. O pai foi morar em outro estado, sendo que em alguns períodos seu irmão ficou com pai, e ela e a mãe ficaram sozinhas, tiveram que trabalhar e chegaram a passar dificuldades. Desde então, trabalham juntas, na

mesma atividade: professoras de dança. O irmão também trabalha no mesmo local em que elas, embora exercendo uma profissão diferente.

Ao falar sobre a época em que seus pais eram casados, relata a ocorrência de muitas discussões, sendo que as lembranças que tem são dos pais brigando. Tanto seu pai quanto sua mãe estudaram até o término do ensino fundamental: o pai trabalhava e a mãe começou a trabalhar após o divórcio. Segundo ela, o pai queria uma esposa tradicional, perfil no qual sua mãe definitivamente não se encaixava:

O meu pai era de família árabe. Então, no fundo, meu pai, ele tinha aquela coisa machista. E minha mãe [...] não queria ter filhos, minha mãe, se ela pudesse, ela queria dançar, passar a vida dançando, viajando, ela não queria... Sabe, imagina, minha mãe não nasceu para essa coisa assim, de cozinhar, cuidar de uma casa, isso não está nela, não adianta forçar, porque o negócio dela é arte... E meu pai, ele queria chegar em casa, e ele queria aquela coisa que ele estava acostumado com a família dele. Que é o quê? Chegar em casa e estar a mulher cuidando dos filhos bonitinho, e a mesa... E ele dava todas as condições para isso acontecer. Ele pagava a empregada, ele dava dinheiro, ele comprava tudo o que precisava no supermercado. Ele dava todas as condições para a coisa acontecer e a coisa não acontecia! [...] E não adianta, minha mãe não nasceu para ser dona de casa... (Camila).

A mãe dela estava à frente do tempo dela, entendeu? (Maurício).

Chama a atenção o fato de Camila ter estruturado sua vida de modo a tornar-se uma dançarina sem filhos, sonho de sua mãe...

2.3. As motivações apresentadas para não desejarem ter filhos:

Para este casal, a escolha por não ter filhos foi feita por cada um deles, antes mesmo de se conhecerem. Sempre evitaram a gravidez. Maurício conta que já tentou fazer a esterilização definitiva por duas vezes, mas que os médicos nunca aceitam, por considerarem que ele é jovem e pode se arrepender. Camila conta que, de acordo com sua médica, está em ótimas condições para conceber. Conscientes que o período fértil de Camila está se aproximando do final, mantiveram a decisão de permanecer sem filhos. Camila, para quem a decisão parece envolver um nível um pouco maior de ambigüidade, entretanto, diz que já chegou a pensar em adoção: “*por uma questão social e não maternal*”. Maurício, ao contrário, coloca-se sempre contra a idéia de tornar-se pai. Enquanto ela diz que, se tivesse se casado com alguém que quisesse ter filhos ela provavelmente cederia, ele diz que não.

As motivações apresentadas pelo casal para não desejar filhos foram as seguintes:

- fatores de personalidade e habilidade parental: Camila diz que não tem “*essa coisa maternal*”, nunca tendo se imaginado grávida ou com um bebê. Ela diz que acha isso tudo muito bonito, mas que dentro dela não existe:

Às vezes até me dá vontade de ter dentro de mim essa coisa, eu acho bonito ver isso. Mas eu não tenho isso. (Camila)

- sentimentos em relação a crianças, como o desconforto ou o desinteresse: Maurício enfatiza o total desinteresse por ser pai e por crianças:

Eu nunca tive vontade de ter filhos. Nunca tive vontade. Não sei explicar. Acho muita responsabilidade ter filho. Eu já casei com uma certa idade. A minha situação foi essa. Nunca tive vontade, não tenho vontade. Sem vontade. (Maurício).

Falando sobre os sobrinhos ou outras crianças, dizem que “*um minuto já é suficiente*” (Maurício), “*é muito rápido*” (Camila), “*criança você fica quinze minutos e já é suficiente*” (Maurício).

- um estilo de vida orientado para o mundo adulto: o casal valoriza a liberdade que a ausência de filhos proporciona. Dizem que têm menos preocupação, e que podem fazer o que querem. Especialmente para Maurício, a possibilidade de planejar sua vida e seu futuro sem todas as incertezas geradas por um filho é muito valorizada:

Quer dizer, no meio da incerteza, eu consigo, sem filho, eu consigo ter mais, vislumbrar melhor, me programar melhor, planejar melhor. Então essa é a vantagem, de não ter. (Maurício)

Citam também as viagens e os programas que fazem juntos:

Se quer viajar, a gente programa uma viagem... É mais fácil de você programar a vida. Se você quer sair, você só tem que pensar nos dois, não tem uma terceira, uma quarta... Então tudo o que a gente programa é muito mais fácil de decidir. (Camila)

- prioridade dada à satisfação conjugal: aspecto que foi levantado por Camila na entrevista:

Eu vejo assim, é mais fácil você ver o casamento como um namoro, porque a gente viaja e fica pensando... Você pensa sempre no casal, né? (Camila)

-objetivos relacionados à carreira e ao desenvolvimento profissional: tanto Camila quanto Maurício valorizam este aspecto, de maneiras diferentes: para ela, a possibilidade de se dedicar à profissão, de organizar eventos e viajar; para ele, a tranquilidade para poder estudar e continuar seu desenvolvimento profissional:

O meu trabalho também, eu trabalho com eventos, eu tenho horários complicados, eu trabalho final de semana, às vezes eu viajo para dar cursos, workshops. Então, para mim, com a vida que eu levo, eu só vejo vantagens. (Camila)

Sem dúvida! Eu posso dormir sossegado à noite, não tem... Você quer estudar você pode estudar sossegado, não tem filho pra... Você não divide o tempo. (Maurício)

- experiência com modelos de parentalidade: é a esposa quem considera este um fator importante na decisão: seja através do modelo que ela recebeu de sua própria mãe, seja por observar outras pessoas com filhos, e as preocupações que elas apresentam envolvidas com a maternidade.

Eu acredito muito, que esse também seja um dos motivos de eu não querer ter filhos. Porque eu já cresci em uma família assim, que eu via que os dois (seus pais) brigavam bastante, a relação foi muito tumultuada assim, sabe? [...] Minha mãe sempre foi muito minha amiga, até mais minha amiga do que aquela coisa de mãezona. Minha mãe nunca teve aquela... Minha mãe nunca assumiu aquela postura maternal, sempre foi mais amiga, assim. [...] Meu pai me falou assim: “Não case nunca, cuide do seu trabalho, você

deve...”, eu sempre lembro do meu pai falando o seguinte, meu pai já morreu, ele falava: “Cuide do seu trabalho, seja uma mulher independente, seja uma profissional, nunca dependa de ninguém, cuide da sua vida, é nisso que você tem que pensar”. Minha mãe também sempre falava isso para mim. E isso eu acho que contribuiu muito para essa coisa. (Camila)

Eu vejo casais que têm filhos, né. No nosso país, essa questão da segurança, da violência, drogas, eu fico imaginando que se eu tivesse um filho... Eu durmo tão bem à noite! Eu caio na cama eu durmo! (Camila)

2.4. O TAT

Camila: foi a primeira a realizar o TAT. Muito envolvida com o instrumento, entregou-se à tarefa, produzindo histórias bastante elaboradas. A aplicação do teste pareceu ser bastante agradável para ela.

Em relação à congruência entre a história apresentada e os estímulos da figura, na maioria das pranchas não houve omissões ou distorções significativas. Na prancha VII MF, Camila não mencionou a boneca no colo da menina. Já na prancha XI, a percepção que ela teve, após bastante hesitação, foi a de dois homens e não a de um casal.

As histórias por ela produzidas foram congruentes com as instruções recebidas, apresentando início, desenvolvimento e final, sendo considerados pensamentos e sentimentos dos personagens.

No que diz respeito à distância entre a história e a experiência de vida do sujeito, em nenhuma das pranchas houve uma confusão entre a história e a própria vida, a não ser na prancha XVI, em que foi contada uma história pessoal. As outras histórias não foram muito

distanciadas da realidade vivida por Camila, especialmente na prancha V, em que ela não realiza a inclusão de nenhuma personagem.

Quando à presença e intensidade de conflito, é interessante observar que as primeiras histórias são carregadas de conflito: pranchas I, II e IV, todos com soluções possíveis, e algumas vezes idealizadas, enquanto as histórias restantes envolvem pouco conflito, e mais a descrição de situações satisfatórias: pranchas V, VII MF, X e XVI, que também apresentam sinais de idealização. Camila não pareceu incomodada pelo estímulo de nenhuma das pranchas, embora o tempo de latência fosse longo em todos os casos.

Uma das maneiras possíveis de se pensar o conteúdo das respostas dadas é apresentada a seguir:

Na prancha I, que suscita conteúdos relativos às conquistas e em que é freqüente a inclusão de figuras significativas na infância (DANA, 1985), Camila conta a história de um menino que não estabelece com o violino uma boa relação e que, enquanto estuda o instrumento, por determinação de sua mãe, sonha com o que poderia estar fazendo se não estivesse ali. No manual do TAT (MURRAY, 2005), consta que este tipo de resposta é comumente relatado por sujeitos dominados por seus pais, que parece ser o caso de Camila, cujos desejos são muitas vezes condicionados aos de sua mãe. Na história contada nesta prancha, é a mãe quem obriga o menino a estudar. Interessante observar, entretanto, que, depois de acabado o tempo de estudo obrigatório, o menino sai correndo para fazer o que ele queria estar fazendo, conseguindo uma certa independência.

Já à prancha II, que pode evocar a questão do conflito entre a maternidade e a realização profissional, o tema é abordado por Camila de uma maneira muito interessante: a menina, que estuda, seguirá o caminho da mãe, morando na fazenda, casando-se e tendo filhos, enquanto seu irmão, o trabalhador braçal, irá para a cidade, trabalhar e vencer na vida, rompendo com *“aquela vidinha bem rural”*. Parece que um afastamento da moça e de sua

mãe seria para Camila muito ameaçador e quem acaba se diferenciando delas é o irmão. Em um final reparatório, Camila relata uma visita que o homem faz para a mãe e para a irmã, em que estão todos muito felizes. Camila inclui os três personagens na prancha, colocando-os em relação.

Na prancha IV, que envolve o balanço de poder na relação homem-mulher, assim como as atitudes em relação a si e ao sexo oposto (DANA, 1985), Camila apresenta uma visão bastante negativa da figura masculina: um homem viciado em bebidas e em jogo, que é casado, mas tem uma amante. No final, tanto a mulher quanto a amante o abandonam e o deixam sozinho, mostrando a força das personagens femininas para saírem de uma situação insatisfatória. Ela coloca, nesta prancha, que a função do marido seria a de cuidar da esposa.

Na prancha V, Camila não insere nenhum personagem, contando a história de uma mulher, independente, feliz e bem sucedida, que gosta de morar sozinha, talvez com algum animal de estimação. A questão da independência feminina chama a atenção nesta prancha, independência esta que Camila foi incentivada a construir, tanto por seu pai quanto por sua mãe.

Na prancha VII MF, logo depois de dizer “*Ai que linda!*”, sensibilizada pelo conteúdo da mesma, fala das personagens como sendo duas irmãs. Não aborda o tema da maternidade, nem da menina em relação à figura mais velha, vista como uma irmã, nem em relação à boneca/bebê, que sequer é mencionada por Camila. Não considera na história o papel materno, e quando fala de sua idealização de uma família que vai ser muito feliz no Brasil, não inclui a mãe, apenas o pai, um comerciante italiano.

Na prancha X, relativa à afeição, à sensibilidade e à responsividade frente a um contexto heterossexual (DANA, 1985), Camila hesita bastante para contar uma história, demorando a assumir a identidade dos personagens, que, de acordo com sua percepção, são dois homens. Eles estabelecem uma relação de muito amor, carinho, ternura e cuidados e

também estabelecem um relacionamento que pode ser entendido com características de complementaridade, já que um deles seria um filósofo e o outro um executivo. Para Murray (2005), esta é uma prancha que aborda a temática dos conflitos do casal e atitude frente à separação. Camila, então faria uma negação do conflito heterossexual frente a um estímulo que é mais ambíguo que o da prancha IV.

Na prancha seguinte, a XVI, Camila aborda uma situação pela qual o casal estava passando, que é a mudança de apartamento, abordando então tanto uma situação ideal de vida quanto a de preocupação atual. Fala de um projeto de vida – que é dela, uma vez que o marido discorda da mudança – de troca de apartamento, realizando uma idealização que chega a ser regredida. Coerentemente, não insere filhos no projeto do casal, apenas plantas e animais.

Maurício: realizou o TAT após a esposa. Antes de chamá-lo para a aplicação, Camila comentou que seria difícil realizar o teste com o marido, pois ele não “*se solta*” para contar histórias. De fato, Maurício contou histórias bem sucintas e diretas, sem se envolver tanto quanto sua esposa com a tarefa proposta. Suas respostas foram coerentes com sua postura durante a entrevista.

A partir das respostas dadas às pranchas do TAT, pôde-se verificar que:

Em relação à congruência entre a história apresentada e os estímulos da figura, apresentou uma omissão significativa, e uma distorção. Na prancha II falou apenas da moça com os livros na mão, sem abordar os outros personagens. Entretanto, após o término da aplicação, em conversa com a esposa, estranhou o fato de ela ter gasto o tempo contando história sobre os três, quando ele preferiu contar apenas sobre uma. Na prancha X, a distorção foi em relação à idade dos personagens. Ao contrário da esposa, viu uma relação heterossexual, mas com uma assimetria de idade, sendo um pai e sua filha, e não um casal.

Em relação à congruência entre as histórias apresentadas e a instrução recebida, Maurício contou histórias pouco elaboradas, sendo que a intervenção da pesquisadora foi necessária em alguns momentos, para que se incentivasse a produção.

No que diz respeito à distância entre a história e a experiência de vida do sujeito, percebe-se que Maurício não se deixa misturar pelo conteúdo de nenhuma história, mantendo-se na maioria das vezes distanciado. Na prancha IV conta sobre uma situação pela qual o casal está passando, a mudança de apartamento desejada pela esposa e não pelo marido, temática que retorna na prancha XVI, assim como no TAT de Camila.

Quando à presença e intensidade de conflito, a maioria das histórias, apesar de curtas, apresentam um conflito, especialmente relacionado a uma dúvida do personagem em relação ao que será melhor para ele, pensando acerca do caminho a seguir. Todos os conflitos apresentam uma solução possível, e são resolvidos rapidamente.

Na prancha I, Maurício observa a prancha e pergunta o que ele tem que falar. Em sua história, após uma primeira decepção em um concerto, o menino resolve ser persistente e continuar estudando violino. Maurício não inclui nenhum personagem na prancha, sendo que toda a determinação pelo estudo parece surgir do menino.

Na prancha II, identifica-se com a moça com os livros, coerentemente com sua identificação mais próxima com a mãe do que com o pai, contando a história de que ela está saindo de casa no interior para ir estudar. Apresenta dúvidas em relação ao melhor caminho a seguir, mas acaba persistindo. Não coloca os personagens em relação, sequer mencionando os outros dois.

Na prancha IV, apresenta a temática que o preocupa da mudança de apartamento, desejada pela esposa e não pelo marido, que está relutante, mas acaba cedendo.

Na prancha V, trata-se de uma mulher que procura os filhos para jantar, mas não os encontra. Eles estavam jogando bola, e a mãe acaba brigando com eles, mas não se trata de

uma briga séria. É uma história com pouco conflito e pouca ação criativa, com a qual Maurício não parecia estar muito envolvido.

A prancha X caracteriza-se por uma situação edípica, em que uma filha conta ao pai que vai se casar, lidando com toda a ambivalência da situação, que envolve uma separação entre pai e filha. Percebe-se que o relacionamento que Maurício estabelece com sua esposa é também atravessado pela forte ligação que ele estabelece com sua mãe e por todos os sentimentos gerados pela separação simbólica da mãe. Da mesma maneira que a esposa, evita uma situação de conflito entre um casal heterossexual de idades semelhantes.

Na prancha XVI, Maurício apresenta uma grande dificuldade para fantasiar, mesmo quando se sugere a ele que apenas descreva uma cena, sem necessariamente ter que contar uma história. De maneira bastante pragmática, faz uma lista das coisas que terá que fazer na mudança.

Este é um TAT caracterizado por uma relativa dificuldade no fantasiar e em um pragmatismo que de fato corresponde ao jeito de ser de Maurício, e com a forma com que ele agiu durante a entrevista, pouco reflexivo. Maurício não estava, também, motivado para a realização do teste, chegando a comentar que *“precisa ter alguma motivação para contar uma história”*.

2.5. Observações sobre a relação do casal com a pesquisadora

O contato inicial com este casal se deu através do marido. Desde o início mostrou-se disponível, fazendo com que me sentisse muito à vontade. O segundo encontro, para a

aplicação do TAT, precisou ser remarcado por questões profissionais de Maurício, mas eles logo ofereceram uma data próxima para a continuidade da pesquisa.

Algumas características do casal e do modo como se organizaram na entrevista, além das impressões em mim suscitadas por isto foram muito interessantes: Camila, como se viu, artista, expansiva, sentia-se muito à vontade para se aprofundar em todas as perguntas, para falar livremente de sua experiência. Maurício, pragmático, respondia de maneira concisa e objetiva às perguntas. Eu, tocada por esta diferença de estilos, tentava conduzir a entrevista de forma a obter o maior número possível de informações, sem, entretanto, ser inconveniente ou demasiadamente diretiva com Maurício. Camila, visivelmente incomodada com a objetividade do marido, algumas vezes tomou a palavra após ele, aprofundando-se no assunto sobre o qual ele estava falando.

Você vê que ele é bem... [...] Bem direto! (Camila)

Ele não fala! (Camila)

Pelo menos eu falei o suficiente, acho que não tem nada. Para mim é um negócio muito simples, eu não gosto desse negócio de relacionamentos complexos, entendeu? Não é? As coisas são simples, é? Mulher em geral que gosta de complicar um pouco! (Maurício)

Quando, na entrevista, foi pedido que o casal contasse sobre sua história, Maurício levantou-se, pediu para que a esposa falasse e foi até a cozinha preparar um lanche. Ela falou mais alto, para que ele pudesse escutar. Além da ausência física neste momento, em outros ele parecia distante, absorvido com os enfeites de um móvel da sala enquanto a esposa falava, o que gerou em mim um sentimento desagradável, como se eu estivesse incomodando.

A maneira como foi feita a organização na sala também foi interessante: ofereceram-me o sofá de dois lugares, e Camila sentou-se na poltrona. Maurício buscou um pufe em outro

cômodo da casa, acomodando-se em frente ao sofá. Desta forma, ele ficou em uma altura bem inferior à das outras pessoas, configuração que se manteve durante toda a entrevista. Também com isso, senti que Maurício estava mais alheio, menos envolvido que Camila, o que me incomodava. Durante a aplicação do TAT, ofereceram-me novamente o sofá. Camila sentou-se na poltrona. Maurício, em sua vez, sentou-se na poltrona, e não no pufe.

A história contada pelo casal a respeito da televisão – que eles brigam pelo controle remoto, mas acabam sempre assistindo juntos aos programas, mesmo que não concordem – pareceu um bom exemplar da maneira como o casal interage em diversas vezes: inicialmente discordam em determinados assuntos, mas depois chegam a uma conciliação de opiniões. A temática da “evitação de conflitos” no casal também se verifica a partir da interpretação dada à prancha X do TAT tanto de Camila quanto de Maurício. Este padrão gerou em mim, em alguns momentos, o receio de levantar temas que pudessem suscitar a discórdia neste casal, já que nosso encontro não ocorrera por uma demanda deles.

Frente a tal contexto de relacionamento, a sensação contratransferencial era a de dificuldade em obter as informações desejadas respeitando o modo de ser de cada um deles. Em nenhum momento o sentimento foi de ser intrusiva, pelo contrário, havia sempre um espaço psíquico disponível para a pesquisadora: seja nos momentos em que o casal estava unido, ambos envolvidos com a proposta, seja naqueles em que Maurício se ausentou, ocupando o papel de “terceiro excluído” na relação entre mim e Camila, apesar dos esforços, de ambas, em incluí-lo novamente. Nestes momentos, era como se a possibilidade de abertura de um *espaço psíquico* para mim só pudesse ocorrer em detrimento do espaço ocupado por Maurício.

3. Casal C:

André e Vera, casados há dezesseis anos, sendo que Vera tinha quarenta e quatro anos e o marido quarenta e nove na época da entrevista. Os dois cursaram faculdade e fizeram mestrado, além de outros cursos de pós-graduação.

3.1. A história do casal: construção e manutenção da conjugalidade

Conheceram-se em uma festa na casa dele, quando jovens. Na época, os dois já haviam saído da casa das famílias de origem e moravam com colegas. Foi em uma viagem, depois de alguns encontros e desencontros, que consolidaram o namoro, que teve duração de oito anos, sendo que, nesta fase, eles moraram durante todo o tempo separados. A iniciativa para o casamento partiu de Vera, após muito refletir em terapia. André, promovido no trabalho, também em terapia, resolveu aceitar o desafio. Os dois falam sobre dúvidas e medos em relação ao casamento, pois ambos tinham vidas bastante independentes.

Casaram-se apenas no âmbito civil, sem fazer qualquer tipo de festa ou cerimônia. Segundo o casal, já iniciaram o casamento rompendo com as tradições, o que deu uma marca própria ao relacionamento conjugal deles. A grande importância que ambos dão ao campo profissional fica evidente pelo fato de que, logo depois do casamento voltaram a trabalhar, e só depois partiram em lua de mel. Por questões profissionais de André, viveram por um tempo em outro país da América Latina, onde Vera aproveitou para fazer uma pós-graduação.

Retornaram, então, ao Brasil, onde ambos continuaram a evoluir profissionalmente e em termos de formação.

A partir do casamento, ambos vêm a construção e manutenção do vínculo conjugal de forma muito positiva.

Foi uma das melhores coisas que eu fiz na minha vida. Em todos os aspectos: amadurecimento, não deixar cair na rotina, não deixar de aproveitar a vida. E daí para frente só coisa assim que a gente percebeu que era melhor, né? Que era melhor estar junto. (André)

É, você ter um parceiro, um companheiro, parceria na vida, né? (Vera)

O casal faz questão de enfatizar que o casamento deles é cultivado, cuidado a cada dia. Compartilham projetos, preservando, ainda assim, momentos individuais. Por isso, dizem eles, são vistos como um casal modelo pelas pessoas que convivem com eles.

Ah, eu vejo assim, duas pessoas que se gostam, convivem na mesma casa, e dividem tudo, idéias, pensamentos, projetos, tudo... Não tem mais quase nada separados. Tem assim, claro, aquela coisa individual que você preserva, claro, isso aí não tem como, não pode se misturar totalmente. Mas em termos de pensamentos, de projetos, de expectativas, isso é uma coisa muito maluca, muito junto, não dá para imaginar fazer nada sem o outro envolvido na história. Até as coisas individuais: “Vou fazer um mestrado”, o outro se envolve, “Vou fazer uma pós”, o outro se envolve. Tudo, né? Todos os momentos que você está vivendo, na sua formação, na escola... Eu acho que é uma coisa muito, muito, muito junta. E salvando as pequenas partes individuais. (Vera)

Quando ela fala nessa coisa do projeto, da vida, a gente está junto nos momentos legais, juntos nos momentos ruins, se envolvendo no projeto do outro nem que seja para suportar. [...] Saber que você pode contar com uma pessoa, você pode saber que você consegue ter os seus projetos

individuais sem ter aquela pessoa no teu pé, né, que é uma coisa assim de controle, ou de estar... Ah, ela sai com as amigas dela [...] é o momento dela, é um espaço dela, lá. E comigo a mesma coisa... E quanto mais a gente faz isso, mais a gente tem vontade de ficar junto. Parece que a gente sabe que a gente está junto por opção, não é por alguma coisa que esteja... Por opção afetiva, e não por alguma coisa que esteja prendendo a gente ali por, sei lá, dependência financeira, ou os filhos... (André)

Em relação à rotina estabelecida e à divisão de tarefas, ressaltam a importância dos “pequenos rituais” que garantem o romantismo da relação:

Então você insere um monte de atrativos, um vinho, a conversa, a mesinha aqui, né, a novela rolando lá, às vezes você não está nem vendo, às vezes está vendo... Então vira um ritual assim que... (Vera)

Essa foi uma forma que a gente acabou encontrando de que o casamento fosse aquilo que a gente acreditasse. (André)

As tarefas da casa são realizadas pelos dois, sem uma divisão pré-definida, segundo eles, de forma natural, com bastante flexibilidade. Vera acaba assumindo uma quantidade maior de tarefas por ficar mais tempo em casa do que o marido, mas ele não se incomoda em participar.

3.2. Aspectos da história de vida e transgeracionais:

Ambos, ao relatarem suas histórias de vida, contam sobre vivências de conquista de independência em relação às famílias de origem, que têm estruturas bastante diferentes.

Vera: Descendente de italianos, família bem numerosa. Composta pelo pai, falecido um ano antes da entrevista, aos oitenta e nove anos; pela mãe, falecida aos sessenta e quatro anos, e sete irmãos, quatro homens e três mulheres, sendo que Vera é a caçula. Viviam na zona rural de uma pequena cidade do interior paulista, em um sítio. Quando Vera tinha seis anos, mudaram-se para a cidade.

Nascida no campo, Vera fala da vida de sua família de origem como bastante “natural”. Tinham uma cultura de subsistência, o pouco dinheiro vinha do café, mas quase não havia necessidade. Moravam em uma espécie de colônia italiana, com toda a família estendida, tanto materna quanto paterna. Quando as meninas entraram na idade escolar, a família mudou-se para a cidade, para que elas pudessem estudar. A grande importância dada por Vera ao estudo e ao desenvolvimento profissional foi calcada desde cedo:

E para o meu pai a prioridade sempre foi estudar. Apesar de todos esses filhos, apesar de não ter tanta grana, mas... A gente também estudava em escola pública, também não gastava nada, era um caderno brochura [...] O livro ia passando de irmão para irmão, a escola não dava muito gasto. Giz e só! Tinha que tentar pegar o lápis e usar o lápis até chegar no toco... Estudar. Mas a prioridade dele era sempre estudar. Ele abria mão de qualquer coisa. Então, acho que minha família foi assim, fundada nisso. Na prioridade ao estudo, à formação. E ao trabalho. (Vera)

Adolescente, foi para uma cidade um pouco maior morar com os irmãos mais velhos, e, insatisfeita, resolveu vir para São Paulo. Trabalhou por quinze anos em um banco, e foi fazer faculdade de pedagogia.

Em relação ao relacionamento conjugal estabelecido por seus pais, percebe-se que este era fundado nas bases tradicionais, em que apenas o pai trabalhava, na roça, e a mãe cuidava da casa e dos filhos. Seus pais foram casados por muitos anos, até a morte da mãe. O pai, patriarca, protetor, que impunha o respeito na família; a mãe, mais flexível, mediava a relação

dos filhos com o pai. O casamento deles era, segundo Vera, ótimo, sem grandes desacordos nem brigas.

André: Família de origem formada por seu pai, sua mãe, falecida quando ele tinha cinco anos de idade, e uma irmã quatro anos mais velha. Ele inclui também uma madrinha, irmã da mãe, que foi quem exerceu o papel materno em sua primeira infância, pois sua mãe adoeceu gravemente quando ele tinha um ou dois anos (*“A figura materna para mim foi a minha madrinha”*). Três anos depois da morte da mãe, seu pai casou-se novamente, e teve um outro filho, que faleceu em um acidente de automóvel aos dezesseis anos de idade.

Sobre sua relação com a madrasta, André conta que foi boa até a adolescência. Havia muitos conflitos entre a madrasta e a irmã, e uma diferença de criação em relação ao filho do casal. Segundo ele, seu pai não foi capaz de mediar estes conflitos. Diz que a madrasta foi muito importante no lado da disciplina intelectual, no gosto pelas viagens. Ela estudava, trabalhava, fazia faculdade, cuidava do filho pequeno. Foi, para ele, um marco de organização e de independência. Ao falar do irmão, dez anos mais novo, André coloca-o como a referência mais próxima que ele teve de um filho. Sua morte foi, para André, a pior perda que já teve na vida, já que pouco se lembra da morte de sua mãe.

Seu pai, nordestino, começou a trabalhar muito cedo. Tinha valores extremamente tradicionais. André conta que, em sua casa, todos participavam da organização da casa, cada um com suas tarefas. Aos quinze anos, com o projeto de morar sozinho, André foi trabalhar. Seu pai, neste momento, permitiu que ele trabalhasse desde que ele não parasse de estudar nem mudasse de período na escola. Aos dezessete entrou em uma conceituada faculdade de Administração e com dezoito foi morar sozinho.

André resume sua infância e adolescência da seguinte forma:

Eu acho que eu vivi, assim, um mundo afetivo, com a minha madrinha, muito forte, foi uma figura muito presente na minha vida. Meu pai, evidentemente uma figura também afetiva mais forte, e uma figura assim, um lado dessa disciplina, do dia-a-dia, também muito forte. Olhando assim hoje, somando, foram momentos diferentes, mas me deixaram coisas que me deixaram muito... Muito estruturado. Estruturado no lado afetivo, estruturado no lado prático da vida.(André)

Ao falar do relacionamento conjugal estabelecido entre seu pai e sua madrasta, casados até hoje, refere-se a um casamento muito tradicional, embora ela estudasse e o marido a incentivasse. André diz que seu pai tinha valores muito machistas. Em suas palavras, a madrasta “*era mais nova, de um nível melhor do que ele (o pai), que era muito ousado e sempre tentava se relacionar com pessoas de nível melhor que o dele, já que tinha muito anseio por estudar*”. André coloca que seu pai acha que um casal tem que fazer tudo junto, ao contrário deles. André considera que o casamento de seu pai é *legal*, com muito carinho, e, segundo ele, seu pai e sua madrasta faziam tudo juntos, até demais: vê uma certa dependência do pai em relação à esposa, que faz todas as tarefas. André relata briguinhas e pontos de vista diferentes, mas confirma a existência de afeto.

Tanto Vera quanto André concluem, a respeito da conjugalidade estabelecida por seus pais:

Por vias diferentes, mas foram casamentos que deram certo, que tinham afeto, companheirismo... Tudo o que a gente tem, né? Só que de jeitos diferentes. (Vera)

3.3. As motivações apresentadas para não desejarem ter filhos:

Sobre a decisão de não ter filhos, ambos dizem que se deu de forma natural, que veio com o tempo: não estava pré-definida antes do casamento, entretanto, foram estabelecendo outras prioridades, deram ênfase ao trabalho e aos estudos e o tempo foi passando. Consideram que os dois já apresentavam uma certa propensão a não ter filhos, pelo estilo de vida que têm, e foram amadurecendo esta idéia. É necessário, segundo eles, a existência de uma grande coincidência de pensamento para que um casal escolha não procriar. Para eles, a prioridade, no projeto de casamento, nunca foi a maternidade/paternidade. Vera considera que esta foi uma opção velada: mesmo quando a decisão por nunca ter filhos ainda não estava consolidada, sempre utilizaram métodos anticoncepcionais, como pílula.

Acho que a vida da gente como casal acabou sendo preenchida por outras coisas que não necessariamente um filho passou a ser a coisa que fosse em primeiro lugar. (André)

É uma coisa que não era uma opção, mas que se transforma numa opção. Acho que foi assim, isso que eu acho que ele quer dizer que foi natural. (Vera)

Acho que a gente já foi imprimindo um modo de vida que já está meio que encaminhado, meio coerente, não é? Não sei... Acho que tem uma coerência. (Vera)

Interessante observar, entretanto, que André diz que nunca “fechou questão”, considerando que a maturidade pode ser uma boa época para ter filhos, no caso, para adotar. Vera, ao contrário, coloca-se contra esta possibilidade.

As categorias das motivações declaradas são apresentadas na ordem em que surgiram na entrevista:

- objetivos relacionados à carreira e ao desenvolvimento profissional: fator extremamente valorizado por ambos, este aspecto surgiu espontaneamente na entrevista. Os dois consideram que carregam o valor ao estudo e à profissão desde a infância, com os modelos parentais que tiveram.

Nossos pais não incentivaram a ter filho, eles incentivaram a estudar! [...] É a herança, né? (Vera)

Incentivaram a estudar! Essa é uma coisa bem interessante, nunca tinha pensado nisso. (André)

Ambos dedicam uma grande parte de seus dias ao trabalho, mostrando-se bastante satisfeitos com isso. Contam que, com os mestrados, cursos, mudanças de emprego e promoções passaram-se pelo menos quinze anos e que trabalho e formação foram se consolidando como prioridades do par.

Até porque você trabalha bastante, aí o estilo que você tem é um estilo de dedicação, de uma preocupação mais com vida profissional, passa a ser, teu êxito profissional passa a ter um peso maior. (André)

É muito interessante observar a relação que Vera estabelece com sua profissão, a Pedagogia. Ao contrário do que pode parecer, ser educadora não representa para ela, conscientemente, a representação de um papel mais maternal. Apesar de trabalhar em uma escola de educação infantil, como professora de informática, o aspecto que se salienta deste

trabalho é a faceta do treinamento e da tecnologia, sendo que ela não fala em “infância” em nenhum momento.

Comecei a pensar, pensar, pensar, acho que eu quero trabalhar com treinamento, talvez através de Pedagogia dê para trabalhar... E acabei indo para o treinamento mesmo, treinamento na área de tecnologia. Foi aí que surgiu a educação. Não foi assim: “Ah, eu quero ser professora, eu quero dar aula, eu quero trabalhar com educação”. As coisas foram acontecendo do jeito que dava. Não dava para fazer outro curso então vamos fazer esse. No primeiro ano de faculdade eu tentei mudar para Administração. Por sorte eu não consegui, porque acho que não era por aí também. Depois eu comecei a gostar da pedagogia, comecei a adorar a área de educação. Eu me encontrei nessa profissão. (Vera)

- estilo de vida orientado para o mundo adulto: tanto André quanto Vera consideram que o estilo de vida deles não comporta filhos: valorizam muito as viagens que fazem, na maioria das vezes sem programação definida. Além disso, convivem pouco com as famílias de origem.

O estilo, a vida moderna hoje é uma coisa que te propicia, ou que te incentiva a não ter filho. Acho que esse é o ponto. [...] Aí o estilo, assim, por conta disso, o tipo de diversão que você faz, o tipo de lazer que você faz, já um lazer assim que é o menos convencional. Então eu acho que essas coisas de alguma maneira vão lá... [...] Mas eu acho que se é um projeto, se a pessoa está a fim, acho que não tem vida profissional, estilo de vida que seja limitante. (André)

Ao final da entrevista, ambos falaram muito sobre a paixão dos dois por viajar, sendo que Vera considera que é este é um motivo que incentiva a não ter filho. Para André, a princípio, ter filho não impossibilita que o casal goste de viajar, mas é uma dificuldade a mais.

Vera considera que quem tem uma vida mais monótona - por não gostar ou não ter dinheiro para viajar - acaba com uma propensão maior a ter filhos. Ambos já conheceram diversos locais, no Brasil e no exterior. Dão um sentido afetivo grande às viagens, afinal, “*Foi uma viagem que uniu a gente!*” (Vera). Eles têm um estilo de viajar sem planejamento que, de acordo com o casal, não daria para conciliar com filhos.

Mas acho que a viagem para mim ela é aquilo que, se a vida pudesse ser assim, ela seria muito legal. Nunca a mesma coisa, o novo, o inesperado, a possibilidade de você ver uma coisa de forma diferente, olhar as coisas de forma diferente, porque você vê, você começa a ter idéias diferentes, é uma... (André)

... É uma apoteose de tudo o que você faz de difícil durante o ano. (Vera)

- prioridade dada à satisfação conjugal: o casal apresenta uma completude oferecida pelo vínculo conjugal. Valorizam muito o fato de que permanecem juntos porque a relação os satisfaz e não por qualquer outro motivo. Vêm como incompatível ter um filho e manter um vínculo conjugal satisfatório:

Você tem mais confiança no casamento, porque você tem certeza que você está junto porque você quer. Em dois minutos, arruma a malinha e vai embora, não é? Então é assim: é certeza de estar junto porque quer. O não-filho te dá esta certeza. (Vera)

*Mas eu acho que o ponto principal é: como viver o casamento, como é a qualidade da sua união e qual é o papel que o filho joga nisso. Para o nosso projeto de vida, o filho não era a coisa central, ele nunca foi. [...]
Mas acho que é assim, é opção mesmo. Você abre mão de algumas coisas para poder ter filho, é uma terceira pessoa, é outro panorama, é outra*

coisa. E aí, assim, isso para mim, por exemplo, nunca me empolgou.
(André)

Olha, a minha percepção às vezes é assim: é um conflito assim diário você colocar um filho dentro da tua rotina mantendo todas as características que a gente acha que são as características essenciais para estar junto. [...] Está bem cheia, plena, nossa vida, tem coisa que não acaba mais para fazer, tanto na rotina quanto nas viagens. Aí não deu tempo de sentir falta.”(Vera)

Ambos concordam que a responsabilidade por um filho cabe mais à mãe e que esta acaba se dedicando mais ao filho do que ao marido. Frente a esta possibilidade, “*Não tem Vera para todo mundo!*” (Vera). Ela considera que se dedicar apenas um pouco ao marido não é suficiente.

- fatores de personalidade e habilidade parental: Vera coloca-se como uma pessoa cuja personalidade não condiz com a maternidade. Considera que há, em seu mundo interno, uma falta de espaço e de disponibilidade para um filho. Pensar em adiar seus projetos em função de uma criança, por exemplo, é algo que a deixa muito angustiada. Revela-se também angustiada frente à dependência total de um bebê:

Mas uma criança, pequeninha, recém nascida, é a coisa mais dependente que existe no mundo. [...] Então é uma dependência, essa coisa me angustia. Essa dependência de mim. É alguém, é um ser vivo que você ama, que depende plenamente de você. E eu tenho que me doar inteiramente. E eu não sei se eu estou disposta. Tem uma coisa de estar disposta a se doar muito. Porque eu vejo a maternidade assim. Você entrega corpo, alma, tudo. Então você tem que estar disponível. E precisa ver se existe essa disponibilidade. (Vera)

Além disso, considera-se uma pessoa muito protetora, o que, segundo ela, seria uma grande fonte de sofrimento para uma mãe:

Eu sou muito protetora. Eu tenho a impressão de que um filho me sugaria até a alma. Eu seria uma mãe protetora apesar de racionalmente saber que isso não é legal, e racionalmente talvez eu tivesse atitudes coerentes com o filho, mas o sentimento seria de muita proteção. Vinte e quatro horas por dia, olhando, ligando para a escola para ver se não caiu. Então, quer dizer, tua vida vira um inferno, porque você sendo desse jeito, então você analisa o seu modo de ser: como é que você vai ser como mãe. Eu seria assim sugada, um fracasso com um filho. (Vera)

André discorda desta opinião da esposa, dizendo que este tipo de coisa só se sabe realmente depois de concretizada a experiência.

O casal, entretanto, não considera que estes sejam apenas fatores de personalidade, pertencentes somente ao âmbito intrapsíquico. Ao falar dos fatores de personalidade de Vera, levantam a discussão de que a maternidade vem sempre carregada de culpa, já que cabe à mulher o cuidado com a criança, o que seria, além de ser algo no registro “*do materno*”, nas palavras de Vera, historicamente determinado.

- preocupação com a humanidade: este item está aqui incluído pela ênfase que surgiu na entrevista, mencionado especialmente por André, como algo que não é responsável pela escolha de não ter filhos.

Eu acho que aí você pensa, você olha essa coisa da violência, você olha essa coisa dessa desestruturação social, não é nem mais familiar. Você olha assim e fala: “Poxa, né, ter filho num ambiente desse, num mundo cada vez mais inseguro...” Eu acho que não é isso! Não é isso que move a

espécie humana, eu acho que o mundo sempre foi inseguro, o mundo sempre foi uma incerteza, só muda a forma de ver, a violência urbana, uma outra coisa. [...] Eu acho que, sinceramente, não tem isso. O que seria do mundo se não tiver gente nova? Eu acho que também não é por aí. (André)

3.4. O TAT

Vera: Foi a primeira a realizar o TAT. A partir das respostas dadas às pranchas, pôde-se verificar que:

Em relação à congruência entre a história apresentada e os estímulos da figura, Vera não apresentou nenhuma distorção significativa em relação a nenhum estímulo, assim como nenhuma omissão. Preocupa-se em situar as histórias no tempo para torná-las coerentes, como na prancha II, quando diz que, já que o homem era escravo, a história se passou há muito tempo.

As histórias apresentadas estão de acordo com as instruções recebidas, sendo que Vera produziu histórias elaboradas, com começo, meio e fim, incluindo muitas vezes sentimentos e pensamentos dos personagens.

No que diz respeito à distância entre a história e a experiência de vida do sujeito, nota-se que Vera não se deixou misturar com as histórias das pranchas, com uma estrutura de ego construída satisfatoriamente. Contou uma história pessoal na prancha XVI, assim como Camila. Em outras pranchas, conta histórias que são próximas de sua experiência, como na prancha XI, o que pode demonstrar ausência de necessidade de se defender, uma vez que os conteúdos suscitados não são sentidos como muito ansiogênicos.

Quando à presença e intensidade de conflito, aqueles que estão presentes nas pranchas apresentam soluções possíveis. Chama a atenção o fato de que Vera insere conflitos em todas

as pranchas, o que mostra que não há intensa necessidade de uso de defesas, mas nenhum deles é muito intenso. Mostrou-se muito confortável durante a realização do teste, sem se incomodar visivelmente com nenhum dos estímulos apresentados. Não apresentou hesitações para começar nenhuma das histórias, sendo que os tempos de latência entre a visualização da prancha e a produção da história foram curtos.

Uma das maneiras possíveis de se pensar o conteúdo das respostas dadas é apresentada a seguir:

Na prancha I, que suscita conteúdos relativos às conquistas, em que é freqüente a inclusão de figuras significativas na infância (DANA, 1985), Vera conta a história de um menino que consegue tocar o violino apesar das dificuldades e das angústias e que se torna um bom violinista, estabelecendo, portanto, uma boa relação com o instrumento. Não há, nesta história, a inclusão de nenhuma outra figura, coerentemente com a independência logo conseguida em sua história de vida em relação à família de origem.

Já na prancha II, a história de Vera diz respeito a uma oposição entre a força das mulheres – uma matrona (embora por algum momento ela hesitasse, achando que ela era escrava) e sua filha, que tem privilégios e pode estudar – e a submissão do homem, escravo, dominado, sem possibilidade de estudo. Aparece aqui a valorização que Vera faz dos estudos. Levando em consideração os três personagens da prancha, não os coloca em relação direta, preocupando-se em definir com quem a matrona é mais ligada: com o escravo ou com a moça branca, decidindo-se pela segunda.

Na prancha IV, que evoca o balanço de poder na relação homem-mulher, assim como as atitudes em relação a si e ao sexo oposto (DANA, 1985), Vera inicia com um certo distanciamento, favorecido pela situação da prancha. Fala sobre uma história de amor, *quente e bonita*, na qual, enquanto a mulher está totalmente apaixonada, o homem não está. Apesar

da atitude do homem, este casal vive em uma relação boa, com muito amor, por muito tempo, até a morte de um dos dois. Mais uma vez, a força feminina aparece como uma temática.

Na prancha V, prancha que lida com conteúdos como os de curiosidade, pressão parental, suspeita ou desconfiança (DANA, 1985), Vera conta a história de uma família que se organiza da maneira pela qual ela entende uma família tradicional: mãe, pai e filhos. É a mulher, mais uma vez, quem assume a posição de controle e o comando da família, “*muito de quem domina o espaço familiar*”. Esta é a terceira prancha que evoca nela a temática da dominação feminina em relação aos homens, atitude coerente com a posição de muitas mulheres contemporâneas que se opõem à dominação histórica masculina, rompendo com padrões pré-fixados.

A resposta dada por Vera à prancha VII MF, que suscita aspectos relacionados com a maternidade, enfatiza a consciência que ela tem acerca da transmissão de modelos parentais de como ser mulher e mãe. Vera é uma representante da “quebra” que a negação da maternidade representa. Em sua história, a menina não demonstra interesse pela boneca “*já destinando ela a ser mãe no futuro*” e preferia estar em outro lugar, brincando no quintal. Esta atitude frente à boneca é a mesma apresentada por Gabriela, do casal A.

Na prancha X, relativa à afeição, à sensibilidade e à responsividade frente a um contexto heterossexual (DANA, 1985), Vera conta a história de um casal, heterossexual, já idoso, que mantém uma conjugalidade satisfatória com o passar do tempo. Coerentemente com sua condição, não insere filhos ou netos na cena, tratando-se de um casal que se satisfaz em seu vínculo conjugal.

Finalmente, na prancha XVI, que pode remeter a uma situação ideal de vida, ou a um problema recorrente (DANA, 1985), Vera apresenta um resumo de sua vida, sem características depressivas, maníacas ou idealizadas. Fala de uma vida plena e satisfatória,

com seus percalços, com possibilidade de transcendência para além do espaço da prancha. Inclui, nesta prancha, sua vida matrimonial como uma das fontes de desenvolvimento pessoal.

André: Realizou o TAT depois da esposa, apresentando bastante disposição para a tarefa. A partir de suas histórias, pôde-se verificar que:

Em relação à congruência entre a história apresentada e os estímulos da figura, assim como a esposa, não apresenta omissões ou distorções.

Em relação à congruência entre as histórias apresentadas e a instrução recebida, André se preocupou bastante em seguir corretamente as instruções, fazendo perguntas antes de começarmos a aplicação. Contou histórias elaboradas, com começo, meio e fim, incluindo sentimentos e pensamentos dos personagens em muitas das pranchas.

No que diz respeito à distância entre a história e a experiência de vida do sujeito, percebe-se que, da mesma maneira que a esposa, ele não se confundiu com os limites das histórias, nem teve a necessidade de fazer grandes distanciamentos, que é uma forma de se defender contra angústias suscitadas. Há um certo distanciamento na prancha I, quando ele diz que o menino não é brasileiro. Na prancha X, repetiu um padrão que vem se delineando nos casais sem filhos por opção que fazem parte desta pesquisa, apresentando uma situação de vida bastante semelhante com a sua própria, de um casal que se completa em sua conjugalidade sem a necessidade da presença de terceiros.

Não se verifica uma presença intensa de conflito em nenhuma das pranchas, sendo que todos os conflitos apresentados são passíveis de solução, ou ao menos de elaboração, como no caso da prancha I, na qual o menino conviverá sempre com a dúvida entre fazer o que quer e aquilo que seu pai acha que é melhor para ele. Em sua vida cotidiana, André parece seguir os caminhos que acha convenientes, sem se influenciar pelas opiniões e pressões alheias.

Segue-se uma possível maneira de se realizar a interpretação dos conteúdos das histórias:

Na prancha I, a grande temática é a dúvida entre seguir as ordens do pai ou a vontade própria. O menino, mesmo em dúvida sobre se deve ou não tocar o instrumento, estabelece com ele uma boa relação (*me parece que ele gosta do violino*), e tenta fazer com que tocar seja uma atividade prazerosa e acaba tocando o instrumento. Quando André coloca que “*o pai dele deve ter condicionado a idéia ao fato de ele primeiro estudar a fazer as outras coisas que ele gostaria*”, reforça-se o dito na entrevista de que ele tem uma grande dedicação aos estudos, influenciado pela família de origem.

Antes de iniciar a história da prancha II, remete à história de Vera, semelhante à da personagem: uma menina que nasceu no campo, que vai estudar, com a possibilidade de criar uma história diferente de tal contexto com rígidas divisões de papéis, sem, entretanto, precisar realizar uma ruptura abrupta, conservando suas referências. E esta temática parece não ser apenas característica da vida de Vera, mas também da sua: uma ruptura com o anterior não havendo, entretanto, pela relativa ausência de conflito, a necessidade de se ver o antigo como ruim, apenas como diferente. André coloca os três personagens em relação – familiar – em sua história, o que pode representar uma capacidade psíquica de triangulação. Sua identificação, nesta história, é com a figura feminina da moça que estuda.

Na prancha IV, depois de pensar um pouco, conta a história de um homem que está infeliz em uma relação extraconjugal intranquila, quando, de fato, tem uma relação afetiva com sua esposa, gostando dela. Interessante observar que, em sua história, uma sexualidade satisfatória parece ser apenas possível em um contexto de afetividade (“*se ele sair com essa mulher aqui ele vai brochar*”), o que é coerente com o fato de André e Vera terem estabelecido uma conjugalidade que os preenche, aparentemente, tanto no âmbito afetivo quanto no sexual.

Na prancha V, André fala de uma mãe que estabelece uma relação de preocupação e cuidado com a filha, que estuda muito. O tema do estudo reaparece nesta prancha, desta vez com uma conotação um tanto negativa, de que estudar demais pode fazer mal. Assim como na prancha I, pode-se refletir sobre o fato de que a relação que André tem com os estudos não é totalmente isenta de conflitos, apesar do que é relatado na entrevista.

Na prancha X, assim como Vera, André fala de um casal que encontra no matrimônio carinho, afeto, proteção, apoio e companheirismo. Não insere outras personagens na prancha, de maneira coerente com sua opção de vida ao lado da esposa.

Na prancha XVI, que considerou a mais fácil, André enfatiza a possibilidade de se fazer uma história feliz sem se prender aos padrões vigentes, livre das convenções e dos preconceitos, mantendo princípios, valores e convicções, temática semelhante à da prancha II. Essa história representaria a oportunidade de fazer diferente de uma maneira autêntica, assim como ele e a esposa fizeram quando resolveram desafiar os padrões vigentes, abrindo mão da paternidade/maternidade.

3.5. Observações sobre a relação do casal com a pesquisadora

Já no início da entrevista, chamou a atenção a harmonia do ambiente em que fui recebida, que evocou uma sensação de muita tranquilidade e acolhimento. Um apartamento agradável, que dava a impressão de ser muito “bem cultivado”. O prosseguimento da entrevista confirmou que tal harmonia refletia a cumplicidade do par: o respeito à palavra do outro, a sintonia de pensamentos e opiniões, ou a delicadeza ao questionar alguma fala com a qual não se concordasse. O casal se sentou lado a lado, oferecendo-me um local no sofá à

frente deles. Frequentemente se olhavam ao responder à entrevista, incluindo-me também em seus olhares.

Sempre muito simpáticos, envolveram-se com a entrevista e com o instrumento projetivo, participando com boa vontade e disponibilidade, deixando-me com a sensação de estar sendo bem recebida, mostrando-se preocupados com meu bem estar e minha comodidade. Foi muito interessante o empenho para ajudar na pesquisa. Ofereceram-se para realizar a entrevista no dia vinte e três de dezembro, um sábado, às vésperas de uma viagem que fariam – ainda sem local definido. Depois de uma longa entrevista, quando tentei marcar um outro dia para a realização do TAT, após a viagem deles, eles se ofereceram para continuar naquele mesmo dia: “*Tudo pelo trabalho!*”. Isso confirma a grande importância que ambos dão aos estudos e à formação.

Contratransferencialmente, é um casal que transmite muita tranquilidade e harmonia, dando espaço para o outro, um terceiro, no caso a pesquisadora, e para suas necessidades – ao menos as profissionais! Tentando observar a contratransferência individualmente, o que se constatou foi que ambos despertam o mesmo tipo de sentimento de acolhida e de valorização do trabalho da pesquisadora. Interessaram-se muito em participar de uma entrevista devolutiva, oferecida por mim, pedindo, inclusive, as fitas utilizadas na gravação, para que possam, quando desejarem, ter acesso ao registro de tudo o que foi conversado.

VII. DISCUSSÃO

A análise dos dados obtidos com os casais A, B e C permite uma reflexão acerca dos objetivos desta pesquisa, assim como um interessante diálogo com diversas das pesquisas apresentadas. Pretende-se, uma vez apresentados os resultados, realizar uma discussão tanto das motivações conscientes, manifestas, explicitadas pelos casais sem filhos por opção, quanto das motivações inconscientes, que puderam ser investigadas tanto na entrevista quanto com a aplicação do teste projetivo. Em especial, esperava-se refletir acerca da maneira com que a dinâmica estabelecida pelos membros do par conjugal, com seus aspectos inconscientes e transgeracionais, atua no complexo interjogo que leva à decisão de não ter filhos.

Quanto às motivações conscientes explicitadas em entrevista, todos os casais levaram em conta diversos fatores na tomada de decisão, semelhantes aos apresentados por Park (2005). As motivações declaradas foram classificadas, de maneira didática, nas seguintes categorias: *um estilo de vida orientado para o mundo adulto*, em que a falta de disponibilidade para cuidar de crianças fica evidente, assim como a valorização da liberdade, da comodidade e da ausência de responsabilidades propiciadas pela não-parentalidade; *objetivos relacionados à carreira e ao desenvolvimento profissional*, assunto que será abordado mais adiante, e também os benefícios financeiros; *prioridade dada à satisfação conjugal*, com a crença de que filhos atrapalhariam ou impossibilitariam a manutenção de um vínculo conjugal sentido como satisfatório; *experiências com modelos de parentalidade*, seja nas próprias famílias de origem ou a partir da experiência de outras pessoas; *fatores de personalidade e habilidade parental*, o que contempla desde uma ausência de disponibilidade interna para os cuidados com uma criança, até o excesso de zelo sentido como possível

gerador de sofrimento; *sentimentos em relação a crianças*, como o desinteresse; *preocupação com o futuro da humanidade*, em um mundo percebido como cada vez mais ameaçador ou fora de controle.

Uma vez que se trata de um estudo qualitativo, com um reduzido número de participantes, não há sentido em se realizar um tratamento estatístico das categorias de motivações declaradas pelos sujeitos, para se verificar a prevalência de cada uma delas.

Diversos estudos (CONNIDIS, MCMULLIN, 1999; DEOLLOS, KAPINUS, 2002; JEFFRIES, KONNERT, 2002; KOROPECKYJ-COX, 1998; MANSUR, 2000; WU, HART, 2002; ZHANG, HAYWARD, 2001) enfatizam a preocupação com o futuro e o suporte na velhice como uma das grandes preocupações apresentadas por casais sem filhos. Nesta pesquisa, este foi um assunto abordado por dois casais, B e C, sendo que ambos concluem que uma boa previdência é mais confiável que um filho na garantia de futuro, embora, no caso de Camila, esta constatação não seja suficiente para uma supressão desta preocupação:

Filho não dá segurança, o que dá segurança é uma boa previdência. (Vera)

É, então, a gente fica pensando e conversando, a gente fala assim: “Qual seria a desvantagem de não ter filhos?”. “Ah, depois de envelhecer, aí nós vamos envelhecer os dois e não vai ter filho, neto para cuidar”. Mas aí a gente vê, que coisa mais egoísta, você pensar em ter filho para ter alguém para cuidar. Então é o que ele fala, [...] “eu estou fazendo, vamos pensar no nosso futuro, fazer um plano de previdência”. E também, ter filho, não é ter a certeza de que no futuro você vai ter alguém perto de você. Você pode ter um filho que de repente suma e não queira nem saber de você. [...] Mas, enfim, essa é a única coisa que a gente fica pensando: “E quando a gente ficar velho? Nós não vamos ter netos, nós não vamos ter assim filhos grandes, com netos, com aquela coisa toda”. É a única desvantagem que a gente vê em não ter filhos. (Camila)

Outro aspecto a se levar em conta é o grau de rigidez que assume a decisão pela não-parentalidade em cada casal. Nos pares A e B, esta foi uma escolha individual tomada antes do casamento. Fábio e Gabriela comentam, inclusive, que conversaram pouco sobre isso durante a vida conjugal, aproveitando o espaço da pesquisa para fazê-lo. No caso de Camila e Maurício, a proximidade do término de período reprodutivo de Camila e as sugestões de sua ginecologista fizeram com que o casal retomasse a discussão, mantendo a escolha original. Já no casal C, esta não foi uma decisão tomada *a priori* e sim amadurecida ao longo da vida a dois. Tal conduta aproxima-se mais da concepção de Bonini-Vieira (1996) acerca do termo escolha, já que tal autora aponta para o fato de que a palavra “escolha” pode ou deve ser entendida como uma prática que foi sendo reafirmada ao longo da vida, diante de eventos circunstanciais: um conjunto de escolhas que conduzem a uma direção. Sob este ponto de vista, então, André e Vera teriam *consolidado* uma escolha, podendo continuamente refletir sobre ela.

Pretendeu-se investigar, também, o tipo de vínculo conjugal estabelecido pelos casais participantes, para se refletir acerca da conjugalidade estabelecida pelos pares. Sobre este aspecto, nota-se que todos os casais estabelecem um casamento nos termos pós-modernos (GOMES; PAIVA, 2003), em que a mulher possui várias possibilidades além do trabalho doméstico e da maternidade. Dois deles, como um exemplo de fenômeno atual, conheceram-se pela internet, em um contexto, ainda relativamente novo na sociedade, de uso de um instrumento virtual no estabelecimento de um relacionamento real. O vínculo conjugal dos três casais se caracteriza pela reciprocidade, pelo respeito às individualidades e às metas profissionais de cada um. Na entrevista, por exemplo, este padrão de relacionamento apareceu especialmente nos casais A e C, quando se observava que cada um respeitava a palavra do parceiro, sem falar pelo outro, e considerava cada ponto de vista em suas diferenças.

A flexibilidade dos papéis e uma divisão relativamente igualitária das tarefas domésticas chamaram a atenção em todos os casais que fizeram parte da pesquisa. Em relação ao casal A, em comparação às acepções tradicionais dos termos “masculino” e “feminino”, o par apresenta bastante flexibilidade nestes papéis: em diversos aspectos do convívio, é Gabriela quem assume uma posição mais “masculina”, quando, por exemplo, é a responsável pelo controle das finanças na casa, ou quando Fábio assume um posicionamento mais “feminino”, ao ser aquele que procura conversar sobre o casamento, além de ser o membro mais cuidador do par. Tal flexibilidade nos papéis aparece também no casal B, e Maurício mostra-se bastante satisfeito e orgulhoso em seu papel de “cozinheiro oficial” da casa. O casal C também é marcado pela ausência de rigidez, uma vez que os dois participam nas tarefas domésticas, embora Vera seja a que dedique mais tempo aos cuidados da casa. São casais em que tanto os maridos quanto as esposas apresentam vida profissional ativa, e que conseguem se organizar de maneira satisfatória e não rígida na organização de seus lares. Todos eles enfatizam a ausência de brigas que envolvam a organização da casa e a maneira espontânea como esta se dá.

Tal constatação evoca uma interessante discussão, uma vez que esta ausência de conflitos envolvidos com a organização do dia-a-dia domiciliar parece significar uma capacidade de divisão flexível de tarefas, nos termos do casamento ideal pós-moderno. Pode ainda, entretanto, ser o reflexo de uma quantidade menor de afazeres quando se trata de um contexto inteiramente adulto, em comparação com casais que possuem filhos e que lidam com a realidade de um outro que depende totalmente de seus cuidados, o que aumenta a quantidade e complexidade de tarefas envolvidas, podendo propiciar um maior surgimento de desacordos. Algo a se levar em conta, especialmente no casal A, é a possibilidade de uma incorporação de discursos pós-modernos e contemporâneos, de modo defensivo, como uma maneira de encobrimento ou racionalização de aspectos psíquicos conflituosos. Uma aparente

flexibilidade na divisão das tarefas domésticas pode estar a serviço do mascaramento dos conflitos identificatórios que ambos apresentam em relação ao genitor do mesmo sexo. O fato de Gabriela assumir as funções tradicionalmente consideradas “masculinas” e Fábio assumir as “femininas” pode ser entendido, então, como um reflexo da maior identificação que ela tem com a figura paterna e que ele, por sua vez, tem com sua figura materna.

Verifica-se, ainda, que todos os casamentos são permeados pela possibilidade de mutatividade, pela capacidade de transformação, flexibilidade para o novo e diferente, espaço de desenvolvimento interpessoal (GOMES; PAIVA, 2003), mesmo que de diferentes maneiras e em diversos graus. O caminho que Gabriela e Fábio percorreram desde um casamento repleto de brigas e discussões, em seu início, até uma vinculação em que um é capaz de acolher as angústias do outro, propiciando um desenvolvimento da relação, é um bom indicativo disso. Camila e Maurício enfatizam as conquistas que tiveram juntos e a melhora que o casamento provocou na vida de cada um. E também a vida, os projetos e os sonhos compartilhados de André e Vera, suas conquistas profissionais, a rotina e as viagens que propiciam um aumento na complexidade do vínculo, que sempre se renova.

Para Janine Puget (2007), com a passagem do tempo, a vida do casal vai ficando cada vez mais complexa, ao contrário do que usualmente se pensa (informação oral)⁷. Isso porque o vínculo conjugal requer sempre um trabalho sobre a alteridade, que vai se mostrando com a convivência. Quanto mais o tempo passa, segundo Puget (2007), mais interessante é o trabalho em relação aos conflitos entre os membros do vínculo, ao contrário da ilusão inicial. André e Vera parecem conseguir realizar um constante trabalho vincular, de pensamento e ação, que permite um desenvolvimento permanente do relacionamento que eles estabelecem.

⁷ Curso “Vínculos Amorosos”, ministrado no XVII Congresso da FLAPAG, VI Congresso do Nesme, VII Jornada da SPAGESP, no dia 02.06.2007.

Embora todos os casais apresentem um vínculo que proporciona desenvolvimento, nem todos se organizam da mesma maneira. Enquanto o casal B estabelece um relacionamento calcado em bases mais complementares, com uma certa necessidade de negação dos conflitos, o casal C seria um representante do casamento ideal da contemporaneidade, com o estabelecimento de uma conjugalidade plena, construída de maneira bastante livre de conflitos, apresentando uma maior liberdade e independência em relação às questões oriundas da herança geracional nas famílias de origem. A decisão pelo matrimônio foi trabalhada, inclusive, em terapia pelos dois parceiros. Ambos se apresentam de maneira bastante coerente, além de demonstrarem maturidade em suas escolhas. De acordo com Bohoslavsky (1998), cujo tema de pesquisa envolve um outro tipo de escolha, a profissional, uma escolha madura é aquela que depende da elaboração dos conflitos e não da sua negação. Interessante observar que, neste casal, a decisão pela não-parentalidade se deu ao longo do tempo, com base em reflexões conjuntas e não em um pacto pré-estabelecido ou rígido.

Sobre o tipo de vínculo conjugal estabelecido pelo casal A, os dados levam a pensar que o casal estabeleça um vínculo fusional, ou ao menos com algumas características fusionais, mesmo que o casal afirme que quando “não se desgruda”, é apenas nos finais de semana, já que os outros dias são dedicados basicamente ao trabalho e ao estudo, que os dois fazem de maneira independente e com respeito às individualidades. Evidentemente, o que define o vínculo fusional não é a quantidade de tempo que os parceiros permanecem juntos. Como afirma Nicolò (1995), entretanto, momentos de fusão, desde que exista flexibilidade, não são sinal de patologia em uma relação conjugal. Eles abordam com bom humor o fato de ficarem “muito grudados”: Fábio chega a falar que eles estão precisando de um filho para se desgrudarem, mas depois dão risada e dizem que um cachorro seria suficiente. Esta fala, porém, pode representar um chiste (FREUD, 1905/1980), veiculando aspectos inconscientes

da dinâmica conjugal e de seus aspectos fusionais que só podem vir à tona através do uso do humor.

Em relação à presença/ausência de um espaço para um terceiro no vínculo, sendo que, nesta pesquisa, o papel de terceiro era assumido prioritariamente pela pesquisadora, percebe-se, a partir das reflexões acerca da contratransferência, que em cada casal a abertura para o outro se apresenta de forma singular:

No casal A verifica-se uma aceitação do terceiro, embora se possa pensar que, neste caso, tal aceitação possa ocorrer em um contexto de confirmação do vínculo com características fusionais. A pesquisadora, como terceira no vínculo, seria convocada a testemunhar o quanto este é um casal unido e apaixonado. No casal B, percebe-se uma relativa ausência de Maurício, que assumia algumas vezes o papel de “terceiro excluído” da relação entre sua esposa e a pesquisadora, por mais que se dispensassem esforços para incluí-lo. O casal C, por sua vez, apresenta-se com uma grande disponibilidade psíquica de acolhimento do outro, sendo que, de forma coerente com o modo de ser do casal, tal acolhimento se mostra de maneira muito intensa em relação às necessidades *profissionais/acadêmicas* do outro. Considera-se, portanto, que uma reflexão sobre o espaço psíquico disponibilizado por cada casal para a pesquisadora possa ser útil para se compreender se a decisão pela não-parentalidade pode ser acompanhada da presença, ou da ausência, de um espaço para a alteridade no par. E, como se viu, cada casal se apresentou lidando com um terceiro de maneira única.

Na discussão destes aspectos, surge um fenômeno bastante interessante proveniente das histórias contadas no TAT em situações que envolviam triangulação, ou seja, nas pranchas que estimulavam a criação de histórias com mais de dois personagens.

Na prancha II, por exemplo, nenhum dos dois membros do casal A estabeleceu uma triangulação direta: enquanto Fábio colocou a garota em primeiro plano como não pertencente

à família, apenas passando por ali, Gabriela precisou realizar um afastamento temporal da garota em relação a seus pais, para que o relacionamento entre os três personagens pudesse ser estabelecido. No casal B, Camila colocou os três em relação, embora um deles tivesse que se afastar. Interessante observar que foi o homem quem deixou a família, sendo que, para ela, provavelmente seria muito ameaçador considerar um afastamento entre a moça e sua mãe. Já Maurício conta uma história com apenas uma personagem, a moça com os livros, preferindo não incluir os outros dois. No casal C, ambos colocam os três personagens em relação. Vera, entretanto, preocupa-se em definir com quem a matrona tem uma maior proximidade, o escravo ou a moça, decidindo-se pela última. Disso se pode depreender que, assim como não seria possível para a matrona conciliar uma proximidade com o escravo e com a moça, não é possível para Vera a conciliação entre o marido e um filho, decidindo-se ela pelo primeiro.

Na prancha VII MF, em que há três elementos: a mulher, a menina e a boneca/bebê, nenhuma das mulheres leva a boneca em consideração, seja através de sua omissão (Camila), seja por seu desprezo (Gabriela e Vera), já que a menina não quer brincar com a boneca, *“já destinando ela a ser mãe no futuro”*, nas palavras de Vera, preferindo estar em outro lugar, brincando no quintal, de carrinho de rolimã, por exemplo.

No TAT, também, os participantes puderam falar sobre a maneira com que estabelecem as relações heterossexuais afetivas: os casais A e C, nas pranchas X e XVI, especialmente, trouxeram as histórias de casais que se completam em suas conjugualidades, que se satisfazem com ela, sem a necessidade da inclusão de terceiros, na maioria das histórias. Quando há inclusão de filhos, por exemplo, na história contada por Fábio na prancha X, o casal continua feliz mesmo depois que seus filhos saem de casa. Já na prancha XVI, ele relata o ambiente de um casal idoso e satisfeito na relação conjugal, com a qual obtém plenitude, sem citar outras pessoas. Isso não se verifica com tanta clareza no casal B,

sendo que nem Camila nem Maurício contam uma história que envolva um vínculo conjugal heterossexual. Na prancha XVI, entretanto, não incluem filhos ou netos em suas idealizações.

Uma última reflexão acerca das características contemporâneas dos casamentos construídos pelos participantes: todos os casais enfatizam o fato de que a união só faz sentido enquanto for propiciadora de felicidade individual, considerando o divórcio como uma real possibilidade em caso contrário. Além da ausência de filhos, em todos os casais as mulheres são profissionalmente ativas, tendo a característica de não dependerem financeiramente apenas dos maridos. Daí a grande valorização da certeza de que estão juntos por realmente se amarem e obterem felicidade no vínculo, que fica tão clara nas falas de André e Vera, por exemplo.

Em uma reflexão acerca da decisão pela ausência de filhos, se esta parte da mulher, do homem ou de ambos, em todos os casais a escolha mostrou-se consensual, ao menos em nível consciente. No caso de Fábio e Gabriela, e também Camila e Maurício, tanto marido quanto esposa já haviam se decidido antes mesmo de se conhecerem. Segundo o casal A, essa foi, inclusive, uma das razões que fez com que eles ficassem juntos. Pode-se dizer, portanto, que a opção por não ter descendentes tenha sido um elemento estruturante da conjugalidade deste casal, assim como do casal B. Já para André e Vera, a opção foi se configurando ao longo do tempo, e filhos não foram se delineando como uma prioridade. Ambos consideram que já tinham uma propensão a não ter filhos, que foi amadurecendo ao longo do casamento.

Em relação aos aspectos mais inconscientes desta decisão, pode-se perceber que, nos casais, há sempre um membro que se mostra mais ambivalente com a escolha. Nos casais A e B, são as mulheres, Gabriela e Camila, que trazem uma decisão mais carregada de conflito, enquanto Fábio e Maurício mostram-se extremamente convictos e coerentes. Já no casal C, é André o mais ambivalente. Estes dados, entretanto, não permitem que se faça uma conclusão

simplista de que aquele que demonstra menos conflito seja aquele que “decide”, impondo sua escolha ao parceiro. Isso porque, como mostra Bonini-Vieira (1996), que estudou apenas mulheres, estas muitas vezes escolhem pares que não desejam ter filhos, sendo este um critério muito importante na escolha inconsciente de parceiro.

Ao se investigar a relação da escolha da maternidade/paternidade com a história passada de vida nas famílias de origem os resultados obtidos suscitam diversas discussões, em diálogo com o levantamento bibliográfico realizado.

No casal A, tanto Fábio quanto Gabriela falam, em algum nível, de uma certa rejeição experimentada pelos pais: a “presença de uma mãe ausente”, com quadro de depressão, o que levou a uma maior identificação com o pai no período da infância por Gabriela; pais que estabeleciam uma relação fusional, em que os filhos eram muitas vezes excluídos, e uma relação não satisfatória estabelecida com a figura paterna, por Fábio. A constatação destes fenômenos é coerente com o que expõe Reitan (2000), para quem a opção voluntária por não ter filhos relaciona-se à presença de relações objetais infantis conflituosas. Este é um padrão em alguns pontos semelhante com o apresentado pelo casal B, no qual Camila relata uma forte identificação com o pai na infância, da mesma forma que Maurício mostra-se bastante próximo de sua mãe, excluindo seu pai quando, por exemplo, não o apresenta quando fala de sua família. Esta forte relação edípica entre Maurício e sua mãe transparece também nas respostas dadas ao TAT.

É muito interessante observar a proximidade, talvez reparatória, que Camila estabelece com sua mãe depois da adolescência. De acordo com Mansur (2003, p.84):

Toda mulher obtém da experiência com a própria mãe a noção do que é ser mãe. Quando opta por não ter filhos, corta um vínculo importante com a

mãe, distanciando-se dela e da família original. No entanto, nenhuma equação simples tem se mostrado suficiente para justificar porque uma mulher permanece sem filhos.

Camila, ao contrário, ao escolher pela não-maternidade, assim como pela profissão de professora de dança, por uma postura independente e pelo gosto por viagens, parece aproximar-se ainda mais de sua mãe e dos ideais que esta trazia de felicidade.

Considerando tais aspectos da transmissão entre gerações, os dois membros do par A demonstram uma forte necessidade de romper com os padrões geracionais – e a recusa da parentalidade pode ser uma forma de fazê-lo – por, possivelmente, considerarem que a vinculação estabelecida pelos pais possa ter sido causadora de sofrimento para eles. Para Gabriela, a tentativa de romper com as gerações anteriores parece ser mais carregada de culpa do que para seu esposo, havendo, inclusive, necessidade de reparações, visíveis nas histórias contadas às pranchas II e VII MF, por exemplo, e também em diversos momentos da entrevista. Na medida em que não se identificam com o genitor do mesmo sexo, também não se colocam no papel de pais.

André e Vera, entretanto, não apresentam tais padrões identificatórios. Ambos possuíram boas relações com as figuras parentais, não se devendo esquecer, entretanto, a morte da mãe de André em sua infância e a de seu irmão, a figura que ele considera como a mais próxima que já teve de um filho. Sem apresentar rancor ou mágoa em relação às famílias de origem, constroem algo novo e diferente, ao mesmo tempo em que mantém suas referências. Faço aqui uma alusão à história contada por André na prancha II, da moça que constrói outra vida sem perder suas referências, sendo que tal tema se repete na prancha XVI dos dois membros do par. Não necessitando negar as vivências anteriores e seus conflitos, são

capazes de construir o novo, fazendo escolhas relativamente livres e autênticas, como se tivessem podido metabolizar as vivências geracionais, transformando-as de maneira criativa.

Ainda uma última observação a respeito dos relacionamentos familiares estabelecidos pelos casais. Ziehler (1999) conclui sobre a existência de relacionamentos significativos entre mulheres sem filhos por opção com outras crianças. Fábio e Gabriela falam da relação que estabeleceram com a sobrinha, filha da irmã de Gabriela, da seguinte maneira:

“Eu tenho uma sobrinha que hoje ele adotou também como sobrinha, já está grande, mas... Eu acho que colaborei muito até na educação dela. Ela ficava muito em casa, então é uma pessoa assim que é quase uma filha. [...] É super mimada pela gente. Ele gosta muito, ele tem uma relação hoje muito boa com ela, de amigo até. Ela conta coisas, às vezes, primeiro para ele depois para mim. Coisas que não conta para a mãe que conta para a gente. Tem uma relação legal com ela. Com ela é ótimo. Acho que a melhor relação com a família é com ela. [...] E hoje se eu tenho que fazer alguma coisa para alguém é para a minha sobrinha.”(Gabriela)

A não-maternidade não exclui, portanto, a possibilidade de maternagem. Camila e Maurício também têm sobrinhos, mas não conseguem ficar com eles mais que quinze minutos, que já consideram suficiente. Em relação a este assunto, chama a atenção a escolha da profissão por parte de Vera, pedagoga, e seu trabalho diário com crianças de Educação Infantil, mesmo que seu foco seja nas áreas de treinamento e de tecnologia. O tema “sobrinhos” aparece também como bastante relevante neste estudo, uma vez que surge o dado curioso de que a irmã de Fábio também não tem filhos por opção, assim como as decisões reprodutivas dos irmãos de Maurício e Camila. Uma vez mais, este é um dado que não comporta generalizações simplistas.

Acerca da relação estabelecida entre aqueles que optam por não ter filhos e a profissão, percebe-se que, no casal A, este é um fator significativo apenas para a esposa na decisão pela não-maternidade. A ausência de filhos é valorizada por ela na medida em que permite que ela continue estudando, o que é, para ela, fonte de desenvolvimento, embora não pareça estabelecer uma relação muito satisfatória com a primeira profissão. Fábio trabalha na empresa de seu pai, não se configurando na entrevista nem uma relação sentida como muito satisfatória, nem um incômodo aparente. Este foi o único casal em que o assunto não surgiu espontaneamente em entrevista, tendo sido levantado pela pesquisadora.

Para Camila, do casal B, a disponibilidade de tempo para ministrar seus cursos de dança, fazer suas apresentações e organizar eventos em outras cidades é entendida por ela como possibilitada pela não-maternidade. Parece estabelecer uma relação sentida por ela como muito satisfatória com sua ocupação, embora a análise dos dados nesta pesquisa tenha revelado uma relativa não-metabolização de conflitos geracionais envolvida com esta escolha. Maurício valoriza o tempo que tem para estudar, embora não considere de maneira muito contundente que a presença de filhos seria impeditiva de tal atitude. Apesar de não se aprofundar muito no tema, aparenta satisfação em seu trabalho profissional, e orgulho de suas conquistas intelectuais, como a pós-graduação. Em sua relação com a pesquisadora nos momentos de contato inicial e agendamento de entrevistas, colocava-se sempre em seu papel de profissional, pedindo para que sua secretária assumisse a função de contactar-me para combinarmos as datas e horários, de maneira um tanto formal.

É no casal C, em que cada membro do par foi estimulado aos estudos e ao crescimento profissional desde a infância, que tal aspecto aparece como o mais relevante. Ambos aprofundam-se, na entrevista, em temas como suas conquistas intelectuais, mestrados e outras pós-graduações, assim como discorrem livremente, e demonstrando orgulho e satisfação, sobre assuntos como o trabalho que desenvolvem, o relacionamento com os colegas de

profissão, etc. Pode-se concluir que ambos estabelecem relações muito satisfatórias com suas profissões, e que atribuem tal possibilidade de desenvolvimento à não-parentalidade.

Em todos os casos, de alguma maneira, percebe-se que ausência de filhos e desenvolvimento profissional, envolvendo seu aspecto intelectual ou criativo, e o tempo disponível para seu cultivo, são fenômenos que se interligam, especialmente no caso das mulheres. Este é um resultado coerente com os diversos trabalhos que relacionam ausência de filhos com a importância dada às mulheres para o trabalho profissional e para a formação (HEWLETT, 2002; KEMKES-GROTTENHALER, 2001; MONDARDO, LIMA, 1998; RAUCHFUSS, SPERFELD, 2001), e também com conclusões de que mulheres com maior escolaridade são aquelas mais propensas a abrirem mão da maternidade (PARR, 2005).

Há, ainda, outros aspectos relevantes a serem considerados. Entre eles, a função da entrevista como possibilidade de se pensar sobre o fenômeno, elemento valorizado pelos casais A e C. André e Vera, inclusive, pediram as cópias das fitas, para terem registradas as reflexões que puderam realizar. Além disso, a maneira com que cada casal lida com a proximidade de término do período reprodutivo das mulheres, sendo que este assunto específico só foi levantado pelo casal B, por Camila. Nos outros casais, o relógio biológico não aparece como um fator de preocupação. Gabriela, do casal A, e André, do casal C, cogitam a possibilidade de adoção se um dia surgir o desejo pela maternidade/paternidade; convicção, entretanto, que não é compartilhada com os cônjuges.

A partir de tudo o que se discutiu, percebe-se o quanto a experiência da opção pela não-maternidade/ não-paternidade é complexa, e pode envolver diferentes níveis de ambivalência ou de conflito, assim como variadas maneiras de lidar com eles. Bonini-Vieira (1996) já apontava a inconveniência de se vislumbrar a patologia a partir das ambigüidades.

Conclui-se, portanto, sobre a importância de se pensar a profundidade da experiência de cada casal em toda a sua complexidade, verificando-se que, mesmo que as motivações declaradas tenham sido semelhantes, o complexo interjogo inconsciente que leva a esta escolha é sempre singular.

Dentro das diversas possibilidades de constituição de família na contemporaneidade, tais casais encontraram um caminho que, embora apresente ambivalências, dificuldades e frustrações como qualquer outro, é capaz de prover estrutura adequada para um desenvolvimento criativo de cada um dos membros do par, e do vínculo em si. Apresenta-se, enfim, a possibilidade de um criar fecundo para além da fecundidade.

Enfatiza-se, então, a importância de uma aceitação social de todas as complexas formas de configuração familiar na sociedade atual, sem se recorrer a um padrão socialmente idealizado e historicamente determinado de família.

Para finalizar, dou a palavra a André, que muito bem representa diversas discussões trazidas nesta dissertação, acerca da vida contemporânea:

Isso está ficando assim, são mudanças culturais, assim, para teorizar um pouquinho, são coisas seculares, nós estamos com essa coisa dessa estrutura familiar de casamento, de modelos e tudo, arraigadas, você não tira isso com uma geração, com duas gerações, vai passar algum tempo. Ele está numa velocidade muito rápida, né? [...] Eu acho que a grande questão aí é quando pinta este vazio, e este vazio é um vazio afetivo. E o vazio afetivo muitas vezes é projetado no filho. Porque o filho é assim, é a garantia de que você vai ter algum vínculo com alguma coisa que te leva até a idade velha, até a terceira idade, quarta idade, sei lá eu, que parece que você precisa se ancorar [...]. Mas você vê, sei lá, daqui a um tempo vai chegar um determinado momento em que não sei se isso vai estar assim tão forte, né, porque as pessoas vão ter que ter um outro tipo de experiência.
(André)

VIII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez apresentados e discutidos os dados obtidos nesta pesquisa, restam considerações acerca de algumas das limitações deste trabalho, assim como de possíveis desdobramentos e reflexões que ele suscita.

Como se explicitou, não se busca, em uma pesquisa qualitativa, que se baseia em um recorte da experiência dos participantes, generalizar os dados para uma ampla população de casais sem filhos por opção. Contudo, pode-se depreender de todos os casos analisados o quanto a experiência da não-parentalidade é complexa e multideterminada e que, assim como a experiência da maternidade ou da paternidade, envolve conflitos e ambivalências, em diferentes graus.

Algumas semelhanças encontradas nos poucos casais analisados suscitam reflexões e oferecem um amplo espectro de possibilidades de novas pesquisas na área.

As histórias contadas pelas mulheres participantes na prancha VII MF do TAT, por exemplo, chamam a atenção pela exclusão da boneca, seja por sua omissão, seja pelo desinteresse da menina em relação a ela, apesar de uma percepção adequada e não distorcida. Na concepção de Massi (1992, citada por BONINI-VIEIRA, 1996) desde pequenas as meninas são apresentadas com bonecas e são estimuladas a ensaiar o papel de cuidado dos filhos que delas é esperado na vida adulta. Estas mulheres, da mesma forma que recusam as bonecas em suas histórias, abrem mão da maternidade em suas vidas. Este é um dado muito interessante que mostra que as três mulheres participantes se afastam intrapsiquicamente de fato do papel materno, mesmo que na entrevista apareça a ambivalência em relação a tal decisão.

Não se deve esquecer que as histórias criadas por estas mulheres na prancha VII MF sofreram também a influência de todo o contexto de estudo, que foram realizadas depois da entrevista e que todas as participantes tinham clareza em relação ao assunto de interesse da pesquisadora. Ou seja, de que também o TAT não permite um acesso “puro” ao âmbito intrapsíquico, sendo as histórias produzidas em um contexto de interação com a pesquisadora, com o tema de estudo e com todo o contexto social que o invoca.

Outras pesquisas que abordassem este tema, com um maior número de participantes, ou com mulheres com diferentes escolhas/contingências reprodutivas poderiam ser muito valiosas. Herzberg (1986), por exemplo, realizou um estudo com oito mulheres grávidas em uma instituição pública de saúde e percebeu que, na prancha VII MF, a maioria delas via animais, ao invés da boneca ou do bebê, sendo que tal distorção não foi interpretada como indicativo de psicopatologia. Em uma comparação entre grávidas e não-grávidas, desta vez com um número maior de participantes, Herzberg (1993), conclui que, embora a análise dos tipos de distorções ocorridas não diferenciasse os dois grupos entre si, foi intrigante o fato de as distorções estarem concentradas em perceptos do tipo cachorro, gato, coelho e bichinho de estimação. Assinala, então, a necessidade urgente de re-atualização de estudos normativos da realidade brasileira, pois várias características encontradas não estavam de acordo com a literatura clássica.

Um outro estudo, seguindo esta mesma linha, foi desenvolvido por Barros (2004), que comparou mulheres que estavam grávidas pela primeira vez com aquelas que já haviam passado pela experiência anteriormente, percebendo, por exemplo, que, em relação à prancha VII MF, as primíparas tinham mais tendência a ver uma boneca do que as mães em segunda gravidez, que viam bebês mais frequentemente. Como se percebe, este é um tema que oferece ampla possibilidade de exploração, e que exige um extremo cuidado para que características aparentemente destoantes não sejam a princípio consideradas como patológicas.

A presente dissertação pretendeu localizar-se em uma complexa área que leva em conta tanto aspectos intrapsíquicos quanto os interpessoais, considerando que nenhum deles pode ser desprezado ao se tentar uma aproximação com o fenômeno estudado. Foram considerados, também, os fatores sociais e transpsíquicos que se entrelaçam com a decisão por não ter filhos. Por outro lado, carregamos a certeza de que a apreensão total do fenômeno seria impossível, e que a tentativa de fazê-lo reduziria enormemente a complexidade experimentada. Como nos diz Berenstein (2004), há sempre algo no outro que é impossível de *re-presentação*, apenas de *apresentação*.

Ao se escolher este caminho, muitas vezes cambaleante, tentando abordar tais âmbitos da experiência, acaba-se fazendo uma opção, necessária, por alguns aspectos da análise. Outros pontos de interesse, que se localizam além dos limites deste trabalho, serão aqui discutidos brevemente, mais como uma abertura para outras possibilidades de reflexão, além de um aprofundamento possível dos aspectos aqui desenvolvidos.

Um conceito que aparece como muito útil em uma análise da escolha por não ter filhos é o de *reparação*, desenvolvido pela escola inglesa de psicanálise. É este conceito que Bohoslavsky (1998) utiliza para pensar a escolha profissional. Para este autor, a escolha da carreira mostraria a escolha de um objeto interior a ser reparado, ou seja, a escolha profissional sempre representa uma reparação, que pode ser feita de várias maneiras: autêntica, maníaca, compulsiva, melancólica, etc.

Em alguns dos membros dos casais voluntariamente sem filhos que participaram desta pesquisa, como Gabriela, Camila e Maurício, percebeu-se que a escolha pela não-parentalidade envolvia reparações a objetos internos danificados. Na teoria kleiniana, o dano ao objeto pode ser tanto real quanto fantasiado – o que não o torna menos real – e se deve à ambivalência em relação a ele.

Entretanto, de acordo com Bohoslavsky (1998), pode-se depreender, a partir dos escritos de Melanie Klein, que a reparação é uma manifestação do instinto de vida, pois, se for autêntica e realizada por um ego forte, é capaz de colocar fim a uma destruição. Este comentário é de extrema relevância para não se atribuir *a priori* algum tipo de psicopatologia, ou de justificativa nestes termos, àqueles que optam pela ausência de filhos, mostrando que esta pode ser, inclusive, uma maneira criativa e autêntica de elaborar questões internas, mesmo que de maneira reparatória.

Um outro ponto que merece aprofundamento, desta vez sob o vértice da intersubjetividade, é o tema, já mencionado, dos pactos firmados pelos membros do casal, e da qualidade destes pactos, além do grau de flexibilidade que apresentam.

De acordo com Losso (2006), que apóia suas idéias acerca do vínculo conjugal sobre as idéias de Kaës, o pacto denegativo, por um lado, preenche uma função organizadora do vínculo conjugal e do conjunto de conteúdos; por outro, exerce uma função defensiva e, dependendo da qualidade deste aspecto defensivo, assim como de outros elementos, os casais e famílias serão mais ou menos funcionais.

Um pacto de um casal pela ausência de filhos – sem nos restringirmos apenas aos pactos denegativos – sendo totalmente inconsciente ou parcialmente consciente, pode preencher, então, diferentes funções. O *não* à descendência poderia estar a serviço da manutenção do laço conjugal sentido como satisfatório e fecundo, ou ainda, poderia assumir um forte aspecto defensivo. Acreditamos que a flexibilidade no pacto possa ser um indicativo de ausência relativa da necessidade de se defender. No casal A, percebe-se que este é um assunto basicamente não-dito, não-conversado, tendo sido a entrevista uma grande oportunidade de conversa efetiva do casal sobre o tema. Neste casal, o pacto se colocaria de forma mais rígida do que, por exemplo, no casal C, que mostrou uma flexibilidade e uma decisão maturada ao longo de muitos anos e reflexões.

Pode-se dizer que, dos três casais participantes, dois já se constituíram pelo *negativo*, ou seja, pelo não-projeto, pela negação consciente da parentalidade, com seus aspectos inconscientes correlatos. Lembrando que, com todas as acepções que o *negativo* vem assumindo em psicanálise e com a ênfase que vem sendo dada à sua dupla polaridade, este não é visto apenas representante da destrutividade, da estagnação e da repetição, mas também como aquele que propicia o desenvolvimento do pensamento e do juízo, a criação do novo e a possibilidade do brincar, da arte, e do teste da realidade (FREUD, 1925/1972; GREEN, 2003; GUILLAUMIN, 1987; RICOEUR, 1965).

Não se pretende afirmar, desta maneira, que não existam casais sem filhos por opção em que o *não* esteja a serviço da repetição e da destrutividade. Nesta dissertação, entretanto, verificou-se a possibilidade da construção de vínculos propiciadores de crescimento e de desenvolvimento. Esta dupla possibilidade encontra-se também na escolha pela parentalidade: muitos casais incluem filhos em seus projetos mais por uma questão da psicopatologia vincular do que por uma autêntica disponibilidade psíquica para tal. E é isso que muitas crianças denunciam com seus sintomas, que pode ser verificado no texto de Gomes (2006).

Esta pesquisa envolve casais que, assim como os casais que se tornam pais, estabelecem diferentes tipos de vinculação e de projetos. O fato de um projeto não incluir filhos não significa que não haja uma estrutura de terceiridade ampla, com aceitação do diferente – seja o diferente que se mostra a cada dia no próprio cônjuge, seja qualquer tipo de terceiro. Assim como o fato de se incluir um filho no projeto não significa uma plena capacidade de recebê-lo e suportá-lo, em todos os sentidos da palavra.

A grande questão que se coloca é a de que, em uma época em que o pensamento unitário deixa de fazer sentido e que mais de um modelo de família pode ser reconhecido como legítimo, o olhar contemporâneo possa contemplar a diversidade e a alteridade,

permitindo que o ser – humano, casal, família, sociedade – possa se colocar sempre como devir, com toda sua possibilidade de desenvolvimento e de criatividade.

REFERÊNCIAS

ABMA, J.C.; MARTINEZ, G.M. Childless among older women in the United States: trends and profiles. *Journal of Marriage and Family*, v.68, n.4, p.1045-1056, nov. 2006.

AMERICAN DEMOGRAPHICS. Childless by choice – survey of women on having children – statistical data includes. Disponível em www.findarticles.com/p/articles/mi_m4021/is_2001_Oct_1/ai_79052844. Acesso em 14 de set. 2007.

BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BAMMANN K. et al. Female life courses and health – results of a study of national survey data of 50-69-year-old women in East and West Germany. *Soz Präventivmed*, v.44, n.2, p.65-77, 1999.

BARROS, I. P. M. *Características psicológicas da primeira e da segunda gravidez: o uso do DFH e do TAT na assistência pré-natal*. 2004. 215f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BERENSTEIN, I. *Devenir otro con otro(s)*. Ajenidad, presencia, interferencia. Buenos Aires: Paidós, 2004.

BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE. Terminologia em Psicologia. Disponível em <www.bvs-psi.org>. Acesso em 10 de jul. 2007.

BOHOSLAVSKY, R. *Orientação Vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BONINI-VIEIRA, A. *Definidas pela negação, construídas na afirmação: a perspectiva de mulheres não-mães sobre a maternidade e seu projeto de vida*. 1996. 179 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.

CALHOUN, L.G.; SELBY, J.W. Voluntary Childlessness, involuntary childlessness, and having children: a study of social perceptions. *Family Relations*, vol. 29, n.2, p.181-183, 1980.

CAMPBELL, E. Becoming voluntarily childless: an exploratory study in a Scottish city. *Soc Biology*, v.30, n.3, p. 307-317, 1983.

_____. *The childless marriage: An exploratory study of couples who do not want children*. London: Tavistok Publications, 1985.

CASTAÑEDA, L. A. Eugenia e casamento. *História, Ciências, Saúde-Manguinho*, v.10, n.3, 2003. Disponível em <www.scielo.br>. Acesso em 10 de ago. 2007.

CHATEL, M.-M. *Mal estar na procriação: as mulheres e a medicina da reprodução*. Rio de Janeiro: Ed. Campo Matêmico, 1985.

CHOU K. L.; CHI, I. Childlessness and psychological well-being in Chinese older adults. *Int. Geriatr. Psychiatry*; v. 19, n.5, p. 449-57, 2004.

CONNIDIS, I. A.; MCMULLIN, J. A. Permanent childlessness: perceived advantages and disadvantages among older persons. *Canadian Journal on Aging*, v.18, n.4, p. 447-465, 1999.

_____. To have or have not: parent status and the subjective well-being of older men and women. *Gerontologist*, v. 33, n.5, p. 630-636, 1993.

CUMMIS, H. Mommy tracking single women in academia when they are not mommies. *Womens Studies International Forum*, v.28, n.2-3, p. 222-231, mai-jun. 2005.

DANA, R. Thematic Apperception Test (TAT). In: NEWMARK (Ed.). *Major psychological assessment instruments*. Boston: Allyn and Bacon, 1985. p. 89-134.

DEOLLOS, I. Y; KAPINUS, C. A. Aging childless individuals and couples: suggestions for new directions in research. *Sociological Inquiry*, vol. 72, n.1, p. 72-80, winter 2002.

DRIVER, K.; ABED, R. T. Does having offspring reduce the risk of suicide in women? *International Journal of Psychiatry in Clinical Practice*, v. 8, n.1, p. 25-29, 2004.

FÉRES-CARNEIRO, T.; MAGALHÃES, A. S. Conjugalidade dos pais e projeto dos filhos frente ao laço conjugal. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). *Família e casal: efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005. p. 111-121.

FJELL, T. I. Voluntarily childless women – wherein lies the problem? *Tidsskr Nor Laegeforen*; v. 122, n.1, p. 76-8, 2002.

FOLHA DE SÃO PAULO. Cresce o número de casais sem filhos, diz IBGE. 20 de dezembro. 2006. Disponível em www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u129551.shtml. Acesso em agosto 2007.

FREUD, S. (1925). A negativa. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p.295. (Edição Standart Brasileira das *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, XIX).

_____. (1905). Os chistes e sua relação com o inconsciente. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p.174. (Edição Standart Brasileira das *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, VIII).

_____. (1910). Um tipo de escolha de objeto feita pelos homens. (Contribuições à Psicologia do Amor I). In: *Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e Outros Trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p.147-157. (Edição Standart Brasileira das *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, XI).

FUNDAÇÃO IBGE. Síntese dos indicadores sociais 2005. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em 8 de dez 2006.

_____. Síntese dos indicadores sociais 2006. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em 01 de out. 2007.

FUNDAÇÃO SEADE. Pesquisa de emprego e desemprego – PED. Arranjos familiares e ciclos de vida das famílias metropolitanas de São Paulo entre 1985 e 1993: estudo especial. São Paulo: SEADE/DIEESE, 1995. (Suplemento do boletim da PED, 118).

GERART, D. R.; RATLIFF, D. A. e LYLE R. R. Qualitative research in family therapy: a substantive and methodological review. *Journal of Marital and Family Therapy*, v.27, n.2, p. 261-274, abril 2001.

GILLESPIE, R. Childfree and feminine: understanding the gender identity of voluntarily childless women. *Gender and Society*, v. 17, n.1, p. 122-136, 2003.

GLASER, K. et al. Fertility decline, family structure and support for older persons in Latin America and Asia. *Journal of Aging and Health*, v.18, n.2, p.259-291, abr. 2006.

GOMES, I. C. *Uma clínica específica com casais: contribuições teóricas e técnicas*. 2006. 126 f. Tese (Livre-Docência em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

GOMES, I. C.; PAIVA, M. L. S. C. Casamento e família no século XXI: Possibilidade de holding? *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.8, p.3-9, 2003.

GOMES, P. B. Novas formas de conjugalidade: visão panorâmica da atualidade. In: _____. (Org.). *Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmica das novas estruturas familiares*. São Paulo: Callis, 2003. p. 13-40.

GREEN, A. A intuição do negativo em ‘O Brincar e a Realidade’. In: _____. *André Green e a Fundação Squiggle* editado por Jan Abram. São Paulo: Roca, 2003. p. 69-86.

GUILLAUMIN, J. *Entre Blessure Et Cicatrice. Le Destin Du Négatif Dans La Psychanalyse*. Seyssel: Editions Champ Vallon, 1987.

HERZBERG, E. *Aspectos psicológicos da gravidez e suas relações com a assistência hospitalar*. 1986. 188f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

_____. *Estudos normativos do desenho da figura humana (DFH) e do teste de apercepção temática (TAT) em mulheres: implicações para o atendimento de gestantes*. 1993. 224f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

_____. Use of TAT in Multicultural Societies: Brazil and United States. In: DANA, R. H. (Org.). *Handbook of Cross-Cultural and Multicultural Personality Assessment*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2000. p.447-464.

HEWLETT, S. A. Executive women and the myth of having it all. *Harvard Business Review*, v.80, n.4, p. 66-73, 2002.

HOUSEKNECHT, S. K. Childlessness and marital adjustment. *Journal of Marriage and Family*, vol. 41, n.2, p. 259-265, 1979.

JABLONSKY, B. Afinal, o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a classe média carioca. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Loyola, 2003. p. 141-168.

JEFFRIES, S.; KONNERT, C. Regret and psychological well-being among voluntarily and involuntarily childless women and mothers. *International Journal of Aging & Human Development*, v.54, n.2, p.89-106. 2002.

JORNAL DA TARDE. Não queremos filhos. Revista JT, ano 2, n.73, agosto. 2007.

KEMKES-GROTTENTHALER, A. Postponing or rejecting parenthood? Results of a survey among female academic professionals. *Journal of Biosocial Science*, v.35, n.2, p. 213-226, apr 2003.

KOROPECKYJ-COX, T. Beyond parental status: Psychological well-being in middle and old age. *Journal of marriage and the family*, Greensboro, v. 64, n.4, p. 957-971, nov. 2002.

_____. Loneliness and depression in middle and old age: are childless more vulnerable? *J. Gerontol. B Psychol. Sci. Soci*, v. 53, n.6, p. 303-312, 1998.

LAMANNO, V. L. C. Psicoterapia de casal: contribuição à psicanálise. *Jornal de Psicanálise*. Instituto de Psicanálise SBPSP, São Paulo, v. 30, n. 55/56, p. 285-303, 1997.

LANGER, M. *Maternidade e sexo: estudo psicanalítico e psicossomático*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

LEE, C.; GRAMOTNEV, H. Motherhood plans among young Australian women - Who wants children these days? *Journal of Health Psychology*, London, v.11, n.1, p.5-20, jan. 2006.

LEATHERBY, G. Childless and bereft?: Stereotypes and realities in relation to 'voluntary' and 'involuntary' childlessness and womanhood. *Sociological Inquiry*, v.72, n.1, p. 7-20, winter. 2002.

LOSSO, R. Intrapsychic, Interpsychic, and Transpsychic Communication. In: SCHARFF, J.S.; SCHARFF, D.E. (Ed.) *New paradigms for treating relationships*. Lanham: Jason Aronson, 2006. p.33-42.

MALDONADO, M. T. *Maternidade e Paternidade: Situações especiais e de crise na família*. Vol. 2. Vozes: Rio de Janeiro, 1989.

MANSUR, L. H. B. *Experiências de mulheres sem filhos: a mulher singular no plural*. 2000. 190f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. *Sem filhos: a mulher singular no plural*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MEZAN, R. Adão e sua costela: busca da felicidade e crise atual no casamento. In: GOMES, P. B. (Org.). *Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmica das novas estruturas familiares*. São Paulo: Callis, 2003. p. 159-172.

MONDARDO, A. H.; LIMA R. F. C. Nem toda mulher quer ser mãe: outros caminhos para a realização pessoal. *Psico*, Porto Alegre, v.29, n.2. p.107-128, 1998.

MORELL, C. Saying no: women's experiences with reproductive refusal. *Feminism and Psychology*, v. 10, n.3, p. 313-22, 2000.

MURRAY, H. A. *Teste de Apercepção Temática – TAT*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

NICOLÒ, A. O modelo psicanalítico de funcionamento do casal. In: ANDOLFI, M.; ANGELO, C.; SACCU, C. (Orgs.). *O casal em crise*. São Paulo: Summus, 1995. p.75-90.

NOMAGUCHI, K. M.; MILKIE, M. A. Costs and rewards of children: The effects of becoming a parent on adults' lives. *Journal of marriage and the family*, Greensboro, v. 65, n.2, p. 356-374, mai. 2003.

PAIVA, M. L. S. C. *Casamento entre vinte e trinta anos: o uso de entrevistas e TAT na análise psicanalítica da relação conjugal*. 2003. 155 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2003.

PARK, K. Choosing childlessness: Weber's typology of action and motives of the voluntary childless. *Sociological Inquiry*, v.75, n.3, p.372-402, ago. 2005.

_____. Stigma management among the voluntarily childless. *Sociological Perspectives*, v. 45, n.1, p. 21-45, 2002.

PARR, N. J. Family background, schooling and childlessness in Australia. *Journal of Biosocial Science*, v.37, n.2, p. 229-243, mar. 2005.

PASSOS, M. C. A estética em novas formas de ser família. *Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro, PUCRJ. Centro de Teologia e Ciências Humanas. Departamento de Psicologia. v.15, n. 2. p.81-92, 2003.

PUGET, J.; BERENSTEIN, I. *Psicanálise do casal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

RAMU, G. N. Family background and perceived marital happiness: a comparison of voluntary childless couples and parents. *Canadian Journal Sociology*, v.9, n.1, p. 47-67, 1984.

RAUCHFUSS, M.; SPERFELD, A. Child or career? Desire for a child in East and West Berlin. *Zentralbl Gynakol*, v. 123, n.1, p. 54-63, 2001.

REITAN, J.A. Attachment as a mediating variable in the decision to delay childbearing. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering*, v. 60, n.7-B, 3596, 2000.

REVISTA CLÁUDIA. Eu nunca escolhi não ter filhos. Editora Abril, ano 46, n.4, abril. 2007a.

_____. Mulheres com filhos versus mulheres sem filhos: quem fica com a vaga? Editora Abril, ano 46, setembro. 2007b. Disponível em www.claudia.abril.uol.com.br/edicoes/552/fechado/carreira_dinheiro/conteudo_247904.shtml. Acesso em 8 de setembro. 2007b.

REVISTA DA FOLHA. As sem filhos. 31 de março de 2002.

REVISTA ÉPOCA. Felizes e sem herdeiros. Editora Globo, n.373, 11 de julho, 2005.

REVISTA TPM. Ser ou não ser mãe? Trip Editora, n.47, setembro. 2005.

RICOER, P. *De l'interprétation*. Essai sur Freud. Paris : Editions du Seuil, 1965.

RIOS, M. G.; GOMES, I. C. A pressão social e o estereótipo negativo em relação a casais que optam por não ter filhos. In: V CONGRESSO NORTE-NORDESTE DE PSICOLOGIA, 2007, Maceió. *Anais...* Disponível em: <www.conpsi5.ufba.br>. Acesso em 8 de ago. 2007.

ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

SAFRA, G. *A Face Estética do Self*: teoria e clínica. Aparecida, SP: Idéias & Letras: São Paulo: Unimarco Editora, 2005.

_____. *A pó-ética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004.

SCAVONE, L. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. *Interface_ Comunic, Saúde, Educ*, v.5, n.8, p.47-60, 2001.

SKUTCH, L. P. Childless-by-choice women and mothers-by-choice: a comparative study of attitudes and behaviors on quality of life and feminist perspectives. *Dissertation Abstracts International*: Section B: The Sciences and Engineering, v. 62, n.2-B, p. 1145, 2001.

SLOSAR, H. K. The influence of psychological forces on childbearing delay in women nearing the end of fecundity. *Dissertation Abstracts International*: Section B: The Sciences and Engineering, v.64 , n.10B, p. 5235, 2004.

SPURLING, S. L. Generativity in intentionally childless women: an examination of the Macadams and the St. Aubin model. *Dissertation Abstracts International*: Section B: The Sciences and Engineering, v. 62, n.9-B, p. 4237, 2002.

STÖBEL-RICHTER, Y. et al. The 'wish to have a child', childlessness and infertility in Germany. *Human Reproduction*, Oxford, v.20, n.10, p.2850-2857, jun. 2005.

TURATO, E. R. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa* : construção teórica-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis: Vozes, 2003.

TWENGE, J.; CAMPBELL, W. K.; FOSTER C. A. Parenthood and marital satisfaction: a meta-analytic review. *Journal of Marriage and Family*, v. 65, n.3, p. 574-583, 2003.

WOOD, G. J.; NEWTON, J. Childlessness and women managers: 'Choice', context and discourses. *Gender Work and Organization*, Staffordshire, v.13, n.4, p.338-358, jul.2006.

WU, Z.; HART, R. The mental health of the childless elderly. *Sociological Inquiry*, v.72, n.1, p. 21-42, winter. 2002.

ZHANG, Z. e HAYWARD, M. D. Childlessness and the psychological well-being of older persons. *Journals of Gerontology*: Series B: Psychological Sciences and Social Sciences, v. 56B, n.5, p. 311-320, 2001.

ZIEHLER, N. Untold stories: the lives of mid-life married women who are childless by choice. *Dissertation Abstracts International*. Section A: Humanities and Social Sciences, v. 60, n.6A, p. 225, 1999.

ANEXO 1**ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-DIRIGIDA**

- Como se configurou a escolha por não ter filhos?
 - Quais foram os motivos, conscientes e inconscientes, para esta escolha?
 - Quem tomou a decisão?
 - Qual a relação entre o trabalho profissional de cada um dos membros do casal com esta escolha?
 - Como o casal se conheceu, motivos conscientes e inconscientes para a escolha do parceiro?
- Qual a percepção de cada um acerca da construção e manutenção da relação conjugal?
- Levantamento da história familiar de cada um (ênfatizando os dados das famílias de origem, associando com o que se busca investigar: as mães deles foram apenas donas de casa? Trabalhavam? Tiveram vários filhos? Os pais vivem juntos até hoje? Como era o relacionamento conjugal dos pais?).

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Instituição: Universidade de São Paulo

Título do projeto: Casais sem filhos por opção: o uso de entrevistas e TAT na análise psicanalítica de casais que optam por não ter filhos

Pesquisadora: Maria Galvão Rios, psicóloga, mestrande no Departamento de Psicologia Clínica no Instituto de Psicologia da USP. Telefone para contato: 8315-1188.

Concordamos em participar como voluntários da pesquisa “Casais sem filhos por opção: o uso de entrevistas e TAT na análise psicanalítica de casais que optam por não ter filhos”, realizada para dissertação de mestrado junto ao programa de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Foi-nos explicado que esta pesquisa pretende estudar os casais que optam por não ter filhos.

Para isso, concordamos em participar de entrevistas que serão realizadas em nosso domicílio. Além das entrevistas, foi-nos informado que será aplicado um instrumento projetivo de nome TAT, individualmente, isto é, o marido separado da esposa. Para realizar todas essas atividades, serão necessários em torno de três encontros.

Autorizamos, ainda, que a entrevista seja gravada em fita cassete para que não se deixe passar despercebido nada do que foi conversado que possa ser importante para a pesquisa. As fitas serão apagadas após o término da pesquisa.

Estamos conscientes que este estudo possui uma finalidade de pesquisa nos meios acadêmicos, podendo os dados obtidos ser utilizados em publicações científicas sem que as pessoas participantes sejam identificadas.

Estamos cientes de que somos livres para recusar a dar respostas a determinadas questões durante as entrevistas, bem como para retirar nosso consentimento e terminar nossa participação a qualquer tempo.

Declaramos ainda que aceitamos voluntariamente a participação nesse estudo, não tendo sofrido nenhuma forma de pressão para isso, e que fomos assegurados de que as identificações serão mantidas sob absoluto sigilo, sendo supridas ou alteradas informações que possam nos identificar.

Por fim, sabemos que teremos a oportunidade para perguntarmos sobre qualquer questão que nós desejarmos, e que todas deverão ser respondidas a nosso contento. Podemos requerer, se quisermos, uma entrevista devolutiva com a pesquisadora após a análise dos dados.

São Paulo, _____ de _____ de ____.

Assinatura da esposa

Assinatura do marido

Assinatura da pesquisadora

ANEXO 3**TAT: CASAL A****1. TAT Fábio**

Data: 25.11.06

Duração total: 15min30s

Legenda: F – Fábio; P – Pesquisadora.

Prancha I

Tempo: 01min32s

F – Eu acho que ele está... Ele está triste, parece que está quebrado o violino dele.
Você quer uma história... de como quebrou...

P – Pode ser como quiser.

F – Provavelmente foi mau uso. Pela cara dele, talvez o violino não seja dele, por isso que ele está com essa cara de medo. Deve ser do pai dele, ele resolveu experimentar, brincar, quebrou alguma coisa no violino. E agora ele está morrendo de medo, como que ele faz para o pai dele não pegar isso, a obra dele. Acho que é isso.

P – E como vai terminar?

F – Com certeza ele não vai saber arrumar, nem vai ter como, ele não é especialista nisso. É uma criança. E vai ficar alguns dias de castigo... sem mesada, para o pai arrumar o violino. É isso.

Prancha II

Tempo: 01min46s

A pesquisadora repete as instruções, dizendo que ele pode usar mais tempo.

F – Uma fazenda, né? Uma propriedade rural. A estudante está passando por ela, ela não mora nessa fazenda. Ela vê o rapaz trabalhando na roça com o cavalo, e a esposa grávida encostada na árvore. E ela pensa, ela passa e pensa: “É isso que eu não quero para a minha vida, por isso que eu estou estudando, estou caminhando até a escola, que não é perto, é longe. Tenho que caminhar bastante todos os dias, mas é justamente para sair daqui, para ter uma vida diferente dessa. Quero sair desse lugar, eu não quero ser o que eles são hoje, eu quero algo diferente para a minha vida.” Eu imagino que pela carinha dela ela consegue... Acho que sim... Acho que o sonho dela é ir para uma cidade, ter uma vida mais urbana, acho que ela consegue. Pela cara dela. Ela ainda está no colegial, mas ela consegue entrar numa faculdade na cidade, consegue o objetivo dela de sair da roça. (...).

Prancha IV

Tempo: 02min42s

F – Parece o James Dean! (...) Parece que ele não está agüentando mais a mulher. Pela cara dele é de: “me larga, me deixa”. Essa não me passa nada, parece ser só ser isso mesmo. A mulher insistindo em alguma coisa, e ele não querendo, acho que ta de... cansou da relação. Não consigo imaginar nada mais criativo sobre essa imagem... Você quer uma história? Meu Deus... Então vamos lá... Cabelo desalinhado, chegou tarde em casa, típico, bebeu umas a mais, e a mulher, pela cara dela, ela não está brava, mas é aquele tipo de mulher grudenta, que não se toca que a relação acabou. E ele também não tem coragem de deixar isso bem claro, ele prefere essas fugas... Sair, chegar bêbado em casa, do que colocar um ponto final na história. E, acredito, pela cena, que eles vão levar isso até ficarem velhos, dessa mesma forma. Ele não vai ter coragem suficiente de terminar a relação, e ela vai continuar essa mulher submissa que está sempre lá dando o ombro para ele, mesmo quando ele apronta dessas. Acho que é isso... Eu acho que ele gostaria de ter coragem de terminar com ela, começar uma nova vida, mas por algum motivo, não sei, ele não tem essa coragem. E ela foi criada para isso mesmo, ela é aquela mulher submissa que está sempre lá dando o ombro para o marido. Ela acha que a vida é isso mesmo, o casamento é isso. Talvez isso tenha sido passado para ela pela mãe, pela avó. Ela não conhece outro tipo de vida, ela não tem noção do que ela poderia estar vivendo numa relação melhor, ou até mesmo sozinha.

Prancha V

Tempo: 02min00s

F – A única coisa que eu posso imaginar, que ela abre, isso deve ser um quarto. Ela está procurando alguém, deveria ter alguém nesse cômodo, nesse ambiente. Me parece que essa pessoa não está. Acredito mais que seja um filho. Vamos lá, contar uma história. Ela colocou o filho para estudar nesse cômodo, mandou que ele ficasse estudando e só saísse dali quando ele estivesse sabendo a lição, que ela ia tomar a lição dele. Depois de algumas horas

ela vai procurar o menino, e ele não está onde deveria, não está lá estudando naquele cômodo. Por isso essa cara dela de assustada: “Cadê o moleque?”. E ela sai para procurar, e ele está perto, tá na vizinhança, largou os estudos, saiu pela janela e foi jogar bola com os amigos. E a mãe traz ele pela orelha para casa, sujo de barro, típico de adolescente isso, foge do estudo para jogar bola. Claro que vai ter um castiguinho aí, né? Pelo menos a janela vai ficar mais trancada. Acho que o maior castigo para ele vai ser ficar sem jogar futebol. Pronto.

Prancha X

Tempo: 02min52s

F – Parece um casal de idosos, a impressão que eu tenho. Muita ternura.

F. vira a prancha, e a observa em diferentes posições.

F – Ou será que é assim? Assim (deitada) é outra coisa... É assim (em pé) né?

P – Como você quiser.

F – Se for assim (deitada) é muito triste, se for assim (em pé)... Eu prefiro assim (em pé). Acho que é um casal de idosos que viveu, claro, muitos problemas, mas que viveram bem, conseguiram chegar na velhice juntos. Estão demonstrando ternura um pelo outro. Devem ter se casado jovens, e passado por muitos problemas, claro, criaram os filhos, vieram os netos. Mas conseguiram atravessar tudo isso juntos. Acho que aquilo que todo mundo que casa sonha que aconteça, que é envelhecer junto. Atualmente poucos conseguem. Bom, uma história... Eles têm cara de estrangeiros. Então ele veio para o Brasil criança, quando estourou a guerra na Europa, ele é europeu, ele veio com os pais para fugir da guerra. Conheceu, ele trabalhou aqui, naqueles empreguinhas de início do século, antes da metade do século passado. Conheceu ela jovem, namoraram, casaram, ele progrediu um pouco na vida, não ficou rico, mas, através do trabalho, conseguiu um patrimônio razoável; vieram os filhos, os filhos cresceram, vieram os netos. Continuaram juntos, depois que todos foram embora

continuaram só os dois, em casa. Eu acho que sempre bem, foram sempre bem, um cuidando do outro, sempre com carinho, é o que eu vejo. E vão continuar juntos, até que o primeiro parta, um vai cuidar do outro. Tenho certeza que assim que um for, o outro vai logo atrás, como eu vejo que acontece nesses casais que envelhecem juntos e bem.

Prancha XVI

Tempo: 04min04s

F – Cadê a caneta? Um lápis? Assunto?

P – Pode imaginar uma cena, e contar uma história...

F – Pessoal?

P – Como você quiser.

F – Ah, Maria, que complicado. Vamos lá. To tentando... (...). Bom, vou ficar no nosso tema. (...). O desenho que eu estou imaginando é mais ou menos parecido com o último, do casal, só que não existem pessoas no ambiente. Mas dá para perceber que é uma casa em que moram duas pessoas já maduras, já chegando na velhice. Uma casa que está arrumadinha, gostosinha, e percebe-se que mora um casal feliz. Pelas coisas que têm, dá para ver que é um... Eles têm o conforto da vida moderna, têm uma televisão legal, aparelho de som legal, um sofá bem confortável, é uma sala. Está bem ajeitadinha, está arrumadinha, bonitinha, quadros legais. É um casal que lutou muito para ter isso, eles batalharam muito. Não é nada excepcional, não é nem uma mansão, mas é o fruto do suor dos dois. E por um lado representa a segurança deles, representa... Acho que representa mais a união, não é tanto material, é a união dos dois. Tudo o que eles passaram para chegar nesse lugar nesse lugar sossegado, gostoso, confortável, e é onde eles gostam de estar sempre juntos, nesse ambiente. Eles já são velhos, eles estão aposentados, e é nesse ambiente que eles se reúnem, sempre final da tarde, à noite, para conversar, para lerem, para assistirem a um filme. Sempre. Eles

gostam muito de estar fora de casa, mas quando estão em casa esse é o ambiente onde eles gostam de estar, onde eles se sentem seguros, confortáveis, acho que é onde a união é mais sincera. Aqui é onde eles vivem o que eles são eles mesmos. É isso que eu imaginei. Um ambiente bem confortável, bem gostoso, onde um casal já aposentado, já velhos, vivem gostoso.

Após o término desta história, pedi para que ele falasse sobre a prancha X, sobre o que ele vira quando colocou a prancha deitada.

Duração: 00min34s

F – Eu imaginei ele morto e ela deitada no... Ele deitado morto e ela deitada assim, consolando, sabe, inconsolável. Eu vejo, tipo assim, ele está no leito de... já morto, e ela deitada. Mas eu preferi ver assim (em pé).

2. TAT Gabriela

Data: 25.11.06

Duração total: 13min54s

Legenda: G – Gabriela; P – Pesquisadora.

Gabriela realizou o TAT depois do marido. Quando este acabou a aplicação, foi chamar a esposa e disse: “Agora é a sua vez de sofrer”. Ela chegou à sala preocupada com o que o marido lhe dissesse e eu a acalmei antes de começarmos. Dei as instruções, como sugerido por Dana (1985).

Prancha I

Tempo: 02min25s

G – Difícil... Bom, a impressão que eu tenho é que é um menino... Bom, é uma história que você quer, né? Eu sou péssima de contar história, mas... Para mim ele está triste porque, esse... Esse, acho que é um violino, eu não conheço muito instrumento musical, esse violino não é dele. Ele não sabe tocar, e era... Agora eu já vou viajar um pouco... Era do pai dele, que morreu, então ele está muito triste olhando para o violino, mas... Eu odeio contar histórias. É isso, mas eu não vou contar cinco minutos de história não. É isso, ele está triste, esse violino não era dele, era do pai dele. E ele está sentindo a falta do pai, e tal, ele está olhando para o violino como se estivesse olhando para o pai. É isso.

P – Como termina?

G – Não termina. Ele acaba futuramente aprendendo a tocar violino, para conseguir entender mais o sentimento que o pai dele tinha em relação ao violino. Eu não vou contar uma história.

P – É isso mesmo. Contar uma história, com ação, descrever o que acontece antes, e depois...

G – Se você me pedisse para escrever era uma coisa, agora falar... Eu não sei, mesmo quando eu escrevo, eu não gosto de ler alto o que eu escrevi, porque eu acho que eu coloco muito o meu sentimento na coisa, então eu me sinto meio... muito exposta, sabe? Então, é meio difícil...

Prancha II

Tempo: 04min44s

G – Essa, para mim, é uma foto antiga, né? É uma moça, que relembra o passado de sua família, que foi contado para ela pelos pais. O pai dela trabalhava na roça, arava terra, e a mãe dela era uma dona de casa. Ela lembra, por fotos que ela viu, da mãe dela grávida dela. E ela, o empenho dela é estudar, estudar muito, para ter uma vida diferente dos pais. E nesse momento ela está estudando e está conseguindo ter uma vida diferente dos pais dela. Não que a vida deles não fosse boa, talvez fosse até melhor do que a que ela tem hoje. Mas, com a evolução do mundo, isso foi necessário para ela... É isso... (...) Eu acho que ela se sente, ela não tem certeza se ela está no caminho certo... Porque às vezes, lembrando de tudo que os pais contaram para ela, ela tem a impressão de que, mesmo ela achando que a vida deles era mais humilde e que ela precisava de algo melhor para ela, talvez eles fossem mais felizes, então ela tem dúvida. Ela está meio melancólica, em dúvida. A gente coloca muito da gente nisso aqui, por isso que eu não gosto. Não quero mais.

Devolveu a prancha para a pesquisadora.

Prancha IV

Tempo: 06min38s

G – Nossa, é muito difícil, tem muita coisa? Agora eu entendi porque ele... História nisso aqui? (...) Não sei. Contar uma história aqui é meio difícil, eu posso descrever o que eu estou vendo aqui, agora contar uma história... A impressão que eu tenho é um casal, não de um casal apaixonado, ela tem mais necessidade dele. Ele parece assim meio que está querendo fugir e ela está segurando ele. Talvez por submissão, ou por gostar dele mais do que ele gosta dela.

P – E o que você acha que levou a essa situação?

G – Eu acho que falta de amor dele. Que, pelo menos eu não consigo ver aqui na foto, ele está totalmente imparcial. É o que eu consigo.

P – E como termina?

G – Ele vai embora.

Quando ela devolve a prancha, a pesquisadora valoriza suas histórias.

G – Têm pessoas que conseguem fazer uma história, assim?

Prancha V

Tempo: 01min22s

G – É um terror. Bom, ela entrou... É uma mãe que está procurando seu filho porque o almoço está pronto. Aí ela entrou, o filho estava estudando, ela o chamou, eles foram almoçar... E terminou...

P – Quer falar um pouquinho sobre o que ela está sentindo, pensando...

G – Nada. O sentimento de uma mãe mesmo que está chamando o filho. Não consigo nem ver um sentimento aí, deve ter, mas eu não...

P – O filho está aí?

G – Acho que talvez por causa dos livros, ele estava estudando, ela chamou ele e eles foram almoçar. Um dia normal, sem muito sentimento, sem muito... Uma dona de casa que chamou seu filho para almoçar... É isso... Acho que eu não vou te ajudar muito com essas coisas.

Prancha VII MF

Tempo: 02min28s

G – Tudo aqui tem a ver com criança. É uma mãe com a sua filha, e a sua filha está com uma boneca. E aí a... (...) A mãe está contando para a filha coisas sobre seu passado e a filha não está prestando muita atenção, ela acha que o que a mãe dela está falando é tolice, é bobagem, que os velhos não sabem de nada. E, ela está com sua boneca no colo, mas ela

também não está dando muita importância a essa boneca. Ela está pensando que ela poderia estar na rua, brincando, andando de bicicleta, de carrinho de rolimã, e a sua mãe nem percebe que está praticamente falando sozinha.

P – Falando o que?

G – Está contando coisas sobre o passado, sobre a vida, sobre os perigos da vida, só que a filha não está nem ouvindo, é isso.

P – E como termina?

G – Eu acho que não termina, não, acho que termina. Essa moça cresce, e um pouco mais para frente percebe que tudo aquilo que ela não deu atenção que a mãe disse, que a mãe tinha raz... que estava muita certa, tinha muita razão. E que, infelizmente na cultura em que ela vive não se dá muito valor para o que as pessoas idosas falam, mas que elas trazem conhecimentos de vida que poderia ajudar as crianças se elas ouvissem um pouco mais. É isso...

Prancha X

Tempo: 01min11s

G – Essa eu vejo um casal, um casal que se ama muito, e que se completam, que já passaram alguns anos juntos, que têm uma história, uma vida, e que se completam, que tem uma serenidade entre eles, uma paz. É isso. Mas não consigo falar muito, porque assim, eles têm uma história, mas uma história muito grande, não daria pra... E o sentimento que eles estão agora, no momento é um sentimento de paz, de amor, de missão cumprida, de que eles seguiram um caminho certo para eles... Acho que eles estão felizes... É isso.

Prancha XVI

Tempo: 02min15s

G – Ah meu Deus! Essa é a pior! Ah, não sei o que eu falo dessa! Eu vejo isso daqui, vai, é um nascimento. É um nada, e aqui, daqui para frente você vai construir sua história. Então talvez todo o resto ali pode ser visto como o resto da história. Uma criança que nasce, que não tem uma história de vida e, aos poucos, ano a ano, vai construindo. Ai, é isso...

P – Como seria essa história.

G – Difícil... Com o ensinamento dos pais, ela... A infância é uma época que tem que tomar muito cuidado, porque é na infância que as crianças são mais influenciáveis, mais... Que elas carregam para o resto da vida delas, talvez, seus traumas. Então essa criança vai crescer com o apoio de seus pais, com o apoio das pessoas que convivem com ela, e vai preencher essa página com alegrias, tristezas, sonhos decepções, e... e vai crescer, vai se tornar adulto e seguir o seu caminho, é isso...

Após o término da aplicação, Gabriela chama o marido. Ela comenta que tem medo de se expor demais, porque ela se coloca muito nas histórias. Conversamos por aproximadamente quinze minutos e não utilizei o gravador. A esposa estava bastante fragilizada depois da aplicação do TAT.

Gabriela continuou dizendo que, em todas as pranchas, menos na do casal (IV), ela se coloca demais.

G – Na última, por exemplo, eu poderia ter falado da minha vida, mas eu não quis.

Fábio pergunta se ela chorou, porque ela chora até com comercial de margarina. Ela diz que não, mas que há dois dias foi o segundo aniversário da morte de sua mãe.

F – Ela tem medo de ir muito fundo nas histórias e de sofrer. Eu tenho medo de não ser criativo e de ficar feio!

Ela fala que gosta de escrever, mas não gosta nem que as pessoas leiam, pelo menos quando ela está por perto.

Depois, Gabriela comentou que estava curiosa para saber o que eu achava, e eu disse que, como havíamos combinado quando eles assinaram o termo de consentimento, que poderíamos marcar uma conversa.

Eles começaram a falar sobre cada prancha, e o que cada um tinha dito. Percebemos que eles haviam visto coisas muito semelhantes em algumas pranchas.

F – A gente está muito junto, muito grudado. Acho que temos que ter um filho! (falando risada).

G – Ou um cachorro!

Gabriela perguntou pelo teste, já que ela se interessa por muitas coisas de psicologia, e nunca tinha ouvido falar. Falei que era um teste bastante utilizado. Fábio disse que já tinha ouvido falar do teste das manchas (Rorschach). Falamos do CRP e da aprovação dos testes.

Retomei, antes de sair, o que havíamos combinado se eles quisessem desistir poderiam fazê-lo a qualquer momento sem problemas. Os dois disseram que não.

Neste momento, a esposa estava tranqüila novamente. Despedi-me deles, agradecendo.

Gabriela acompanhou-me até a portaria do prédio.

ANEXO 4**TAT: CASAL B****1. TAT Camila**

Data: 16.07.07

Duração total: 13min38s

Legenda: C – Camila; P – Pesquisadora

Prancha I

Tempo: 00min53s

C – Então... Aqui acho que é a história de um menino, que queria estar brincando, se divertindo. E aí alguma mãe bem chata, alguma mãe bem chata colocou era para ele estudar violino, que é um instrumento que ele detesta, não está a fim de estudar. Está só sonhando com o que ele poderia estar fazendo se ele não estivesse aí. E a hora que acabar, quando acabar o tempo que ele tiver que ficar lá estudando, se dedicando, ele já vai sair correndo para poder fazer tudo o que ele queria estar fazendo e não podia.

Prancha II

Tempo: 02min46s

Antes de apresentar as pranchas, a pesquisadora elogiou a história e disse que ela poderia usar mais tempo para contar as histórias.

C – Eu sou muito objetiva, né?

P – Agora esta.

C – Ah... Aqui... Essa daqui é uma história que se passa mais ou menos nos anos setenta, em um lugar bem gostoso, um lugar bem alegre, bem tranquilo. E aí... A história de um rapaz, de uma família, vive a mãe com dois filhos, um casal de filhos. E ela é viúva, porque ela está assim encostadinha, pensativa, parece que ela é viúva. E o filho cuida da fazenda, e a filha está estudando, pelo jeitinho dos livros dela ela vai ser professora, ela vai se formar professora para dar aula. E ela vai ficar lá, mas ele não, ele está pensando sair, ir para a cidade, ele não quer ficar lá na zona rural. Mas ela quer ficar, quer ficar com a mãe dela. Ela é muito sonhadora, tem um jeitinho delicado... E ele não, ele quer ir para a cidade, quer ter uma outra vida. Tem que ter final? Então o final... Aí essa moça vai conhecer alguém... E ele, como está muito determinado, ele vai embora mesmo, ele vai para a cidade, ele vai começar a trabalhar, ele vai vencer na vida. Depois de alguns anos ele vai voltar para visitar, a mãe vai estar lá, a mãe vai estar bem, e a filha vai estar casada... Com filhos, e... Que é aquela vida bem rural, cuidando da mãe, todos morando juntos, e ele vai, vai estar super bem de vida, vai até lá, vai com uma mulher nova, com a mulher dele, vão visitar, tudo muito feliz. É isso.

Prancha IV

Tempo: 02min32s

C – (...). Pela posição dele... Ele está assim, se livrando dela, não está muito... Ela está puxando, abraçando ele, ele está mais querendo sair. Sair, né? Então, vamos ver... É a história

de um homem que tem um olhar assim meio de quem não está dando muita importância para ela, então, um homem... Um cara que não tem responsabilidade, e que não quer nada com a vida... E ela... Ela toda arrumadinha, bonitinha, assim, tal... Ela pode ser a amante dele. Então, ele é um irresponsável, tal, mas ele bebe, e de repente ele joga também. Ele é casado, mas não cuida da mulher. Ele tem um caso com ela. E ela também cheia de paciência, tentando... (ri) Tentando ter uma vida legal com ele, tal, ajudá-lo. Mas o cara não quer nada com nada mesmo, no fim ela vai se tocar disso, aí ela vai... Aí no fim ele vai ficar largado. Ela vai cuidar da vida dela, vai deixar ele para lá, a mulher dele também vai ver que ele não presta, também vai largar ele pra lá, e as duas vão se dar bem, vão cuidar das vidas delas. Ela vai se dedicar a ela também, e ele vai ficar largado, tal, porque ele não tem jeito.

Prancha V

Tempo: 01min26s

C – (...). Essa é muito legal, porque é um lugar todo arrumadinho, com livro. Então essa mulher é uma escritora. E ela está... Ela adora escrever, é uma mulher independente que vive sozinha. E ela escreve, ela é uma mulher que gosta dos livros, que gosta da casa dela, gosta das coisas dela. De repente ela tem um gato, ou um cachorro, e ela é uma escritora famosa, de sucesso. Ela está voltando de uma viagem e está louca para entrar logo em casa e pegar os livros dela, e continuar escrevendo. E é uma pessoa que vive bem sozinha, é alegre, é feliz. E vai continuar assim, não sei. Ela já está com idéias, vai chegar e vai sentar, e vai escrever um outro livro muito legal que vai ser um sucesso. Pronto.

Prancha VII MF

Tempo: 01min41s

C – (...). Ai que linda! São duas irmãs, filhas de imigrantes italianos que chegaram há pouco tempo no Brasil e foram para a casa nova da família, um casarão enorme. Muito legal. E a família chegou cheia de esperança para começar uma nova vida no Brasil. E a menina está pensando como é que vai ser a vida dela e a irmã mais velha está contando pra ela, de repente está até lendo um livro. Está contando um pouco de história e está falando como a vida delas vai ser maravilhosa aqui, que vão ter um futuro muito bom. E vieram com os pais, uma família muito legal, pessoas simples, mas pessoas naquela época bem de vida. E vão se dar muito bem. O pai... O pai é um comerciante italiano. E vão se dar bem, vão ganhar muito dinheiro e vão ser muito felizes.

Prancha X

Tempo: 02min31s

C – (...). Ah, essa dá para pensar em um monte de coisas, porque é uma coisa assim, carinhosa... Então passa uma coisa assim de ternura muito grande. E aí é meio... Você não consegue identificar muito bem se são dois homens, uma mulher, tem as feições que parecem de homem, mas em cima dos olhos tem uma sobrancelha delicada, então... (...) Pode ser também um pai e um filho, ou podem ser dois homens que se gostam, parece uma coisa de ternura, uma coisa de pureza. Uma coisa assim de amor, mas uma coisa pura, terna. Então, eles podem ser assim, podem ser dois homens que se gostam, e então são homossexuais, mas aqui eles estão num momento assim, é um amor assim, não um amor que visa assim uma coisa sexual, mas uma coisa mais terna, mais... Desse ponto de vista assim, um amor platônico, uma coisa assim de ternura mesmo. E um cuida do outro. São talvez parentes, mas bem próximos, bem amigos, e eles se cuidam. Os dois parecem ser responsáveis,

trabalhadores. Um pode ser um filósofo, o outro já um executivo, diretor de uma empresa. E é um amor assim duradouro, para a vida toda.

Prancha XVI

Tempo: 01min49s

C – A última... Então, aqui, o que que eu veria aqui? Eu, sempre quando eu vou meditar, eu procuro fechar assim, quando eu quero começar a meditar, eu fecho a minha mente e eu começo a ver um quadro branco como se eu tivesse passando uma esponja e limpando tudo, para aí poder meditar, ou para juntar aquilo que eu quero, e tal. Então, como nesse momento, meu projeto de vida, a gente está querendo... Vamos nos mudar, agora o apartamento está sendo vendido realmente. Então eu quero ver aqui uma história que é essa história. Então eu vou imaginar que eu vou entrar numa meditação, passar essa esponja na minha mente, ver tudo branco, e depois ver assim uma casa, um apartamento muito bonitinho, ajeitadinho. Como se fosse um desenho de criança, com sol, passarinho, um dia lindo, e uma casa assim com muita fartura, com muitas plantas, com muitos animais, muito cheio de luz e cheio de cor, com muita água correndo aqui do lado. Então uma historinha assim, como se fosse uma história infantil. Onde tudo é lindo e tudo dá certo, as pessoas são felizes para sempre.

2. TAT Maurício

Data: 16.07.07

Duração total: 08min19s

Legenda: M – Maurício; P - Pesquisadora

Durante as instruções, M. perguntou: “Quem vai inventar a história, eu?”. Depois disse que não era muito bom nisso.

Prancha I

Tempo: 01min31s

M – O que eu tenho que falar?

P – Inventar uma história...

M – Mas é uma história curta, né?

P – Como você quiser.

M – (...). Um menino estudou muito violino, no primeiro concerto dele ele ficou um pouco decepcionado com o desempenho dele.

P – Como termina?

M – Tem que terminar. (...) Ele refletiu se realmente esse era esse o melhor instrumento para ele tocar.

P – E era?

M – Ele descobriu que era e ele realmente ia ser persistente e ia continuar estudando. É isso? Tem que ter uma conclusão é isso?

P – É, uma conclusão, o que aconteceu antes, o que está acontecendo, como termina, o que pensa, o que sente...

Prancha II

Tempo: 01min04s

M – Todo mundo com cara de triste nessas fotos. Porque está todo mundo com cara triste? (...) Isso aqui é uma mulher que mora no interior e ela está saindo da casa dela para estudar. E aí ela foi estudar.

P – E como ela se sente, o que ela pensa?

M – Ela está um pouco, está refletindo um pouco assim, se deve ou não seguir esse caminho. Mas ela vai seguir. A C. deve ter contado umas histórias bem mais interessantes do que as minhas, porque...

(Após o término da aplicação, M. perguntou a C. quais histórias ela contara. Quando ela contou a história da prancha II, ele comentou: “Nossa, você contou história para os três!”).

Prancha IV

Tempo: 00min51s

M – (...). Um casal que está discutindo alguma coisa, né? Está discutindo se deve ou não mudar de apartamento, e a mulher está querendo convencê-lo a mudar, e ele ainda está pensando, assim, está meio, está meio... Relutante, vai, em fazer essa troca, mas no final eles vão acabar trocando de apartamento, trocar o lugar onde eles moram. Mais ou menos o que está acontecendo com a gente aqui.

Prancha V

Tempo: 01min26s

M – Ela está chamando os filhos para jantar, e quando ela está olhando lá ela não está encontrando ninguém. E aí... E aí? (...) Meio sem final isso aí. (...) Aí, ela está chamando os filhos para jantar, e os filhos não estão lá, e ela vai sair daqui e vai procurá-los em outro lugar,

ver se eles estavam jogando bola, e vai acabar brigando com eles, por eles não estarem no horário que...

P – E onde eles estavam?

M – Estavam jogando bola. Ela vai acabar brigando com eles: “Pô, já está no horário e vocês não...”. Briguinha besta.

Prancha X

Tempo: 01min06s

M – Não sei se é um casal, se é pai e filho... O que é esse desenho?

P – O que você preferir que seja...

M – (...) É a filha contando para o pai que vai se casar, então o pai está dando um abraço nela, desejando felicidades, tal, e ela acaba se casando.

P – E o que eles estão sentindo?

M – Estão alegres, mas tristes porque ela vai se separar do pai. Vai acabar... Ela mora com o pai, então, vai se separar do pai. Triste e alegre ao mesmo tempo.

Prancha XVI

Tempo: 02min21s

M – Isso aqui é um urso branco na calota polar! Isso aqui não é nada! Poxa vida, fica difícil, hein! Mas como é que eu vou contar se não tem nada?

P – Imagine alguma cena.

M – (...). Mas como se está tudo branco aqui? Uma história como?

P – Qualquer coisa...

M – Precisa ter alguma motivação para contar uma história.

P – Você pode, antes de contar a história, só pensar em alguma cena que você colocaria aí...

M – (...) Está com cara de... As coisas que eu vou ter que fazer agora que eu vou mudar de apartamento, então já está... As coisas que eu estou pensando já em fazer: ter que arrumar o apartamento novo, vou contratar um pessoal para arrumar o apartamento, vou ter que contratar uma empresa de transporte. Vou ter que marcar um dia para fazer a mudança, vou ter que encaixotar aqui todas as coisas, porque eu já falei para a minha esposa que eu quero encaixotar o que é mais delicado, não vou deixar para a transportadora fazer... Os vasos que nós estamos levando para... É uma história, que eu já estou fazendo, e aí que eu vou entregar meu apartamento e vou morar em outro lugar. Essa é uma história.

ANEXO 5**TAT: CASAL C****1. TAT Vera**

Data: 23.12.06

Duração total: 13min40s

Legenda: P – Pesquisadora; V – Vera

Prancha I

Tempo: 01min43s

V - Minha história é, vai... É uma criança, que está estudando violino. Cansado, ele está muito cansado, a vida não é muito fácil para ele. E ele por alguma razão está meio angustiado diante do instrumento, do... Cansado, com sono, angustiado. Acho que é isso.

P – E como termina?

V – Ah, talvez ele se torne até um bom violinista... Mas com muito esforço. Porque a vida não é fácil para ele (ri). Mas vai se tornar um bom violinista. Tem cara de estudioso, mas nesse momento as coisas não estão boas para ele. Acho que aqui está muito escuro, por isso passa essa coisa para mim. Tem sombra... As coisas claras sempre dão uma idéia de luz, falta luz aqui. Mas enfim, no final vai dar tudo certo.

A pesquisadora repete as instruções, dizendo que ela pode utilizar mais tempo nas histórias.

Prancha II

Tempo: 01min36s

V - Então, aqui me remete, essa historinha me remete, à época da escravidão. Não sei... Pelo menos é o que me passa na cabeça, pode não ter nenhum sentido, mas... A sinhazinha, que estuda, e tem uma vida mais tranqüila, né? (dá risada). E, no sistema dos escravos, escravagista. E, logicamente, se é escravo, há muitos anos atrás. Num lugar muito bonito, muito bonito. A mulher... Não sei, me passa uma coisa de matrona, né? Matrona. Porque, até, porque por um momento eu achei que ela talvez até fosse escrava também, mas ela é branca, né? E está grávida. Não sei, passa alguma coisa mais de alguém da família dela, mãe dela, do que ligada àquele com jeito de quem é o escravo, né? Que é o dominado. Está mais numa postura de dominante, de dona da casa. Filha que estuda, tem privilégios... Num lugar bonito, do passado.

Prancha IV

Tempo: 02min08s

V – Bom, aqui é o... A primeira sensação que eu tive é que parece aquele ator de “O vento levou”. Como é que chama aquele cara do... Não lembro agora. Bom, é uma história de amor, muito de antigamente também, deve ser da década de trinta, por aí. Pelo estilo de cabelo, de roupa. Vinte talvez, década de vinte. Mas é uma história de amor... Bonita, emocionante, instigante... (dá risada)

P – E como é essa história?

V – A história é quente, bonita. Estão namorando, ou casados, não sei. A história a dois, de amor, paixão. Ela está completamente apaixonada, ele não parece... (dá risada). Pela posição talvez, ele olhando para lá, e ela meio que puxando para ele. Mas parece uma relação boa, com muita emoção, com amor.

P – E como termina?

V – É que para mim as coisas nunca terminam muito, né? (dá risada). Não sei, eu não penso no terminar... Assim é... Acho que não dá para pensar muito em fim, acho que tem uma continuidade, então... É muito difícil para mim pensar em fim, eu acho que as coisas vão se alterando, mudando, se transformando, mas nunca fim. A não ser... Ficam velhinhos, alguém morra, nessa relação, talvez, né? O que eu posso pensar é isso, que é meio, vai, aquela mesmice, a ordem natural, alguém morrer... Porque eu não consigo imaginar um... Isso que eu te falo... Eu imagino transformações, mudanças, alterações, não ruptura. Talvez só a morte.

Prancha V

Tempo: 01min48s

V – Passa uma idéia de coisa antiga também, pelos próprios móveis... É uma senhora que está com ar de quem está chamando o filho para fazer alguma coisa. É uma dona de casa, mãezona, que está chamando o filho, o marido, ou para jantar ou para alguma atividade familiar, né? Muito dona da situação. Muito de quem domina o espaço familiar. É uma casa

de família, uma família de classe média, talvez, pelos estilos dos móveis, tem livros. Nada ruim, nada bom. Apenas a normalidade da família. Ainda que não apareçam os outros membros eu tenho a impressão que tem gente aqui.

P – Quem seria?

V – Ah, filho, marido, irmão... Filhos e marido. E ela está falando, bem tipo de mãe tradicional.

Prancha VII MF

Tempo: 02min38s

V – No princípio achei que era um nenê, mas é uma boneca. Tem uma boneca, no colo da menina. Essa mulher, em princípio não me pareceu que seja a mãe, talvez uma ama de, de cuidados, cuidadora dela, né... Como chama? Babá. Talvez a babá dela, né, dá a impressão, por ser muito antiga seria classe média, média alta, que tinha babá até mais tarde, né? E a menina tem um olhar distante, parece que não está muito ligada na realidade do momento, está meio longe... Não parece muito contente. Parece que está desadequada da idade, é como se ela estivesse com essa roupinha, meio presinha, como se ela estivesse que estar em um outro lugar, que estar brincando no quintal e não ali com essa roupinha toda certinha, né? Com essa boneca já destinando ela a ser mãe no futuro, né? Já dando os primeiros... Essa é a sensação, que a vida dela já está tudo planejado, tudo acertado, mas ela está infeliz com isso. Não tão consciente lógico, não tem consciência disso, mas... É... Tem um certo sufocamento aí. A boneca, que eu não sei bem se é uma boneca ou se é um nenê. Bom, também, se não é um nenê, está representando, passa por essa coisa, eu acho. Duas mulheres, uma bem mais

nova, uma mais velha e nada muda. Está tudo predestinado, vai passar todo mundo igual por tudo. Bom, aí... Fim da história, eu diria... Uma eterna rotina, sem grandes emoções. (dá risada). Pela carinha dela...

Prancha X

Tempo: 02min11s

V - A idade que se chama de melhor idade... Melhor idade é vinte anos, né? Não? Ah, uma coisa assim muito... São duas pessoas, parece ser um casal, ele parece ser um homem e ela uma mulher, é meio confusa a imagem, mas é... Um casal, que permaneceram na vida matrimonial, conseguiram ficar juntos até aí. Parece que têm uma estabilidade, um carinho muito grande um pelo outro. E eles têm cara de que vão viver juntos para sempre. Até porque eles não têm grandes ousadias (dá risada). Esse casal não tem cara de quem ousa em nada! Então, não sei se por amor ou por consequência de uma vida mais pacata eles vão ficar juntos para sempre. Mas isso passa uma coisa boa, passa uma coisa assim, boa, tranqüila, suave... Estão curtindo a terceira idade. Acho que é... Não tem, não parece uma imagem que passa uma história de sofrimento, mas também não é de grandes emoções. Tudo dentro do padrão. Tudo bem pacato... Assim, agora fazendo até um julgamento: que pode ser de grande felicidade para eles ser pacato, né? Eu estou falando como quem vê, quem vê uma história de outro. Vendo a história de outro, a história de outro pode ser assim, pacatinha, pacatinha, de terceira idade, de muita felicidade para os dois... Não me suscita mais nada.

Prancha XVI

Tempo: 01min36s

V – Ô louco! Não tem nada dos dois lados! É... Bom, dá para colocar um milhão de coisa aqui nessa página, né? Depende de como você vai encaixar. Um espaço que pode ser um limite ou pode ser delimitado. Porque como é um espaço vazio, não tem problema. Eu colocaria um cenário com coisas da minha vida.

P – Que coisas?

V – Minha infância, adolescência, vida matrimonial, viagens, estudo... E tudo aquilo que permeou tudo isso. Porque com tudo isso que eu te falei veio milhões de emoções, de... Que é a vida de cada um, que é a sua vida partilhada com os outros. Sua história. Acho que dá para colocar a história de cada um. Eu acho que dá para encher bem, não só aqui (apontando a prancha) como lá (aponta para o espaço), tem muita coisa. Muita coisa boa. Tirando os percalços que são inevitáveis, né, porque são mesmo, e é a vida. Senão a gente não seria ser vivo se não passasse pelos percalços. Mas, de modo geral, tem muito, muito, mais coisas boas. Minha vida. Minha história. Deu de bandeja, hein, uma prancha branca eu vou contar minha história!

2. TAT André

Data: 23.12.06

Duração total: 11min21s

Legenda: A – André; P – Pesquisadora

Após ouvir a instruções, André perguntou se eram várias pranchas ou apenas uma, eu respondi que eram algumas.

A – Pode emendar uma história na outra?

P – Como você quiser.

Prancha I

Tempo: 02min26s

A – Bom, tinha um menino que possivelmente não é aqui do Brasil, ele é de algum lugar aí no mundo. Ele estava num grande dilema aqui. Se ele de fato ia brincar ou se ele ia estudar violino. Porque, na verdade, aqui, eu acho que foi o pai dele o grande, a grande referência aqui em termos de o que ele deveria fazer para ocupar o tempo dele, tal. E assim, pela cara dele me parece que ele gosta do violino, mas ele tem muita dúvida se ele quer isso para... Por que ele tem, na verdade, que se dedicar tanto a isso daqui? Né? Enfim, que ele... Se isso não poderia ser só uma atividade que desse prazer para ele. Então ele está aqui num dilema danado, não sabe o que fazer, se estuda ou não estuda. Está, assim, bastante dividido. Dúvida. Se precisasse chamar essa lâmina aqui eu chamaria ela de “Dúvida”. Sobre o que fazer. É isso.

P – Como termina?

A – Ah, como que termina... Eu acho que, no final, ele, por obrigação, foi lá e foi estudar. Ele abriu mão do que ele estava a fim de fazer para poder, aqui, tocar esse violino. Mesmo porque o pai dele deve ter condicionado a idéia ao fato de ele primeiro estudar a fazer as outras coisas que ele gostaria. E aí eu acho que ele foi, estudou e tal. Mas assim, eu acho

que é o dilema que ele vai viver nos próximos dias, nos próximos anos talvez. Ele vai ter que decidir entre fazer o que ele quer e fazer aquilo que o pai dele acha que é melhor para ele. Ponto.

Prancha II

Tempo: 02min07s

A – Ah, essa daqui, essa daqui é engraçado. Parece até a história de uma pessoa bem conhecida. É uma família que vive no campo, essa família é composta pelo pai, pela mãe. Eles vivem, vivem em função aqui desse sítio, dessa fazenda, dessa propriedade. E tem ali a figura do pai, ou talvez o irmão mais velho. Que estão trabalhando, que trabalham duro na terra. Tem a mãe ali que tem toda a pinta que é quem cuida dos afazeres domésticos. Tem uma divisão ali assim bem marcada de papéis. E tem a pessoa, que possivelmente é a filha, que está de alguma maneira saindo dessa situação e vai criar uma história diferente daí, porque vai estudar. Então o quadro me remete a uma situação: ela sabe da origem dela, sabe do que... Da onde ela veio, de como é que são as coisas. E ela caminha para esse, talvez para a escola, para estudar alguma coisa, mas ela não esquece da referência. A visão que você olha por aqui assim ela está olhando, ela tem uma perspectiva do ‘background’ dela, de toda a história de vida. Acho que isso aqui vai ficar para a vida inteira dela. Apesar de ela não viver essa situação, ao longo da vida dela vai ficar sempre com essa imagem. Com papéis bem marcados, o que significa você trabalhar com uma coisa assim mais concreta, com essa divisão, com essa estrutura aqui, que é uma estrutura familiar, né? Eu interpreto dessa maneira.

Prancha IV

Tempo: 02min21s

A – Essa daqui... É, isso aqui parece... Bom, é um homem na faixa aí dos seus trinta e cinco, quarenta anos. Dá a impressão aqui de que está num bordel, tem uma mulher aqui mais para trás, assim, em posição sexual, tal. Parece que esta daqui deve ser a amante dele. Não consigo perceber aqui assim uma relação tranqüila. Eu acho que é uma relação assim apreensiva. Ele está, mas não está. Ele está preocupado com alguma coisa externa ao ambiente, e esta mulher tenta trazer ele, ou tenta, sei lá, fazer com que ele viva ali a situação, o momento presente, e, é assim, ele não está curtindo a situação. É uma situação... É um papel que não... Talvez ele esteja aqui por, mais por, sei lá, por inércia, do que propriamente por ser uma coisa que, enfim. Inércia no sentido assim, ele deve ter uma relação extraconjugal, ou uma relação fora, uma relação com outras mulheres, que não seja a sua própria mulher, ou alguém que ele de fato gosta, tem alguma relação afetiva. E, assim, apreensivo. Eu acho que se ele sair com essa mulher aqui ele vai brochar. (dá risada). Eu acho que ele não está legal não.

Prancha V

Tempo: 01min21s

A – Ah, essa aqui é a história de uma mãe que está preocupada com o seu filho ou a sua filha. Que já é tarde da noite, ela deveria estar dormindo, e na verdade ela está aqui estudando. Ela tem feito isso vários dias, e a mãe não acredita que ela consiga manter esse ritmo por muito tempo, né? “Olha, já é tarde, você precisa dormir, você precisa descansar.

Toma cuidado porque se você ficar estudando muito você pode ficar doente. Porque pessoas assim que estudam muito são pessoas que não são muito normais. Então eu acho que você deveria dar um tempo, tal, não precisa fazer tudo isso. Por que você faz isso? Menos, vai mais devagar. Você quer que eu traga alguma coisa, eu posso ajudar, tem alguma coisa que eu possa fazer por você? Não sei. Mas o conselho que eu te dou: não fica muito nesse ritmo não que isso aqui não vai fazer bem para você.”

Prancha X

Tempo: 01min23s

A – Ah, isso aqui é a história de um casal, que deve ter completado aqui uns cinquenta anos de casados e, assim, passaram a maior parte da vida juntos. Já estão em idade avançada, mas não perderam o carinho e o afeto, né? Passa assim uma sensação de que, no momento aqui, que eles estão sozinhos, possivelmente estão acordando ou estão dormindo. E eles se sentem muito protegidos quando estão... Muito companheiros. E essa tem sido assim a rotina dos últimos cinquenta anos. Sempre têm um momento, que se não é dessa forma ou de outra, eles se encontram e trocam afeto, trocam carinho. Sempre assim numa coisa que parece que um está apoiando no outro. E acho que ainda vai assim por um bom tempo.

Prancha XVI

Tempo: 01min43s

A – Ah, essa daqui é a mais fácil! (dá risada) Essa daqui é a mais fácil! É uma história assim. Que está tudo por ser... É um... Assim, eu... De alguém que quer escrever a história de uma maneira diferente, que acha que é possível você ser feliz sem se prender aos padrões vigentes. Acho que a pessoa vai pintar esse... Vai pintar um quadro, vai construir uma história ou vai escrever alguma coisa aqui, e que tem a oportunidade de fazer diferente. Que não precisa estar preso à convenção, que não precisa estar preso a preconceito, que pode, apesar de ter assim princípios, valores, de ter algumas convicções, acha que a vida pode ser combinada de maneiras diferentes. Está aqui a grande oportunidade de ela não se prender a uma referência só, mas num repertório rico de experiência, de vivência, tal, poder escrever ou poder fazer aqui de uma forma diferente. E fazer as pessoas que estão em volta aqui acho que felizes. Que eu acho que essa é a principal coisa legal assim da vida. Você estar junto com as pessoas e as pessoas estarem junto com você de forma que elas se sintam bem. Então aqui está a oportunidade de você fazer diferente.